

Aléxia Teles Guimarães

**REANÁLISE DE ESTRUTURAS LOCATIVAS
NO JUDEU-ESPANHOL ORIENTAL**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2000

Aléxia Teles Guimarães

**REANÁLISE DE ESTRUTURAS LOCATIVAS
NO JUDEU-ESPANHOL ORIENTAL**

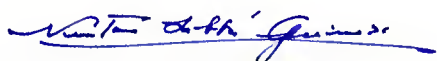
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras: Lingüística.

Linha de Pesquisa: Variação e mudança lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2000

Dissertação defendida e aprovada em 03 / 05 / 2000 pela
banca examinadora constituída pelos Professores:



Prof. Dr. Newton Sabbá Guimarães



Prof. Dr. Carlos Alberto Gohn



Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de M. Cohen
(orientadora)

AGRADECIMENTOS

à Tila, por ter me indicado ‘los kaminos de Sefarad’, pela orientação segura, pelo estímulo contínuo e pela paciência;

ao Jimmy, meu leal companheiro, pelo otimismo inabalável e por acreditar em mim;

ao Ministério das Relações Exteriores da Espanha, pela bolsa de pesquisa que me permitiu obter grande parte dos dados utilizados, ter acesso à bibliografia inexistente no Brasil e entrar em contato com especialistas do judeu-espanhol;

à Ana Riaño e a Iacob Hassán por terem me recebido em suas instituições de ensino e pesquisa – Universidad de Granada e Consejo Superior de Investigaciones Científicas respectivamente -, esclarecendo minhas dúvidas e permitindo a consulta às obras ali presentes;

aos meus pais, família e amigos pelo apoio emocional e material ao longo dos anos;

à UFMG pela oportunidade de desenvolver este trabalho.

Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto

Fernando Pessoa – *O guardador de rebanhos*

SUMÁRIO

RESUMO	13
LISTA DE QUADROS	15
LISTA DE ABREVIATURAS	17
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 - APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	
1. Algumas estruturas com ONDE do século XX do judeu-espanhol.....	22
2. Enunciação da hipótese.....	25
3. Contextualização histórica	26
3.1. Os judeus na Espanha antes de 1492.....	26
3.1.1. Configuração dialetológica da Península Ibérica.....	26
3.1.2. O anti-semitismo.....	27
3.2. Os judeus espanhóis após a expulsão: os sefarditas.....	28
3.2.1. A Aliança Universal Israelita.....	31
4. O ladino.....	32
5. O judeu-espanhol.....	35

5.1.	A sociedade em transformação.....	39
5.2.	Periodização do judeu-espanhol.....	40
5.3.	Sistemas de escrita do judeu-espanhol.....	42
5.4.	Os arcaísmos.....	44
5.5.	Os empréstimos.....	45

CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

1.	O <i>corpus</i> selecionado.....	50
1.1.	O <i>corpus</i> do século XX.....	51
1.1.2.	<i>Un marido entre dos mużeres</i> (1913).....	54
1.1.3.	Novelas aljamiadas do principio do século XX (1901-1912).....	55
1.2.	O <i>corpus</i> do século XIX.....	56
1.2.1.	<i>Séfer lel Šimurim</i> (1818).....	56
1.2.2.	<i>Séfer hamaor</i> (1877).....	57
1.3.	O <i>corpus</i> do século XVI.....	57
1.3.1.	<i>Crónica de los reyes otomanos</i> (1567).....	57
1.3.2.	<i>Pentateuco de Constantinopla</i> (1547).....	59
2.	Pressupostos teórico-metodológicos.....	60
2.1.	As principais correntes teóricas.....	60
2.2.	Sintaxe histórica.....	63
2.3.	O empréstimo lingüístico.....	65
2.3.1.	<i>A incompatibilidade</i> das linguas.....	68

CAPÍTULO 3 – ESTRUTURAS COM LOC

1. As orações relativas com LOC do judeu-espanhol do ponto de vista de KEENAN(1985) e COMRIE(1983).....	70
2. A abordagem tradicional da relativização no espanhol.....	73
2.1. Os relativos.....	74
2.2. As orações adjetivas ou relativas.....	74
2.3. As orações adverbiais.....	75
3. O hebraico.....	76
3.1. A oração verbal.....	79
3.2. A oração nominal.....	80
3.3. A oração interrogativa.....	80
3.4. A relativização no hebraico.....	81
3.4.1. A oração adjetiva assindética.....	82
3.4.2. A oração adjetiva sindética.....	83
3.5. Os equivalentes de LOC no hebraico.....	84
4. LOC na Península Ibérica.....	85
4.1. DONDE no espanhol.....	85
4.1.1. Estruturas do tipo <i>ONDE su tio</i>	86

4.1.2. Outras funções morfo-sintáticas de DONDE no espanhol.....	88
4.2. LOC na Península Ibérica.....	89
5. A preposição CHEZ do francês.....	90
6. Verbos copulativos.....	90

CAPÍTULO 4 – DESCRIÇÃO DOS DADOS

1. Introdução.....	93
1.1. Complemento circunstancial de lugar e complemento circunstancial argumentativo: diferenças.....	93
2. Classificação das estruturas do judeu-espanhol com LOC em ‘Tipos’ sintáticos.....	95
3. Século XX.....	102
3.1. <i>Un marido entre dos mužeres</i> (1913).....	102
3.1.1. Tipos de construções sintáticas com ONDE.....	103
3.2. Novelas aljamiadas sefarditas do princípio do século XX (1901-1912).....	109
3.2.1. Tipos de construções sintáticas com ONDE.....	109
4. Século XIX.....	113
4.1. <i>Séfer Lel Šimurim</i> (1818).....	113
4.1.1. Tipos de construções sintáticas com LOC.....	114
4.2. <i>Séfer Menorat Hamaor</i> (1877).....	116
4.2.1. Tipos de construções sintáticas com ANDE.....	116

5. Século XVI.....	118
5.1. <i>Crónica de los reyes otomanos</i> (1567)	118
5.1.1. Introdução.....	118
5.1.2. Tipos de construções sintáticas com LOC.....	119
5.1.3. LOC e suas variadas formas.....	121
5.1.3.1. ONDE.....	121
5.1.3.2. DONDE.....	122
5.1.3.3. ADONDE.....	124
5.1.3.4. ONDA.....	134
5.1.3.5. DO.....	124
5.2. <i>Pentateuco de Constantinopla</i> (1547)	125
5.2.1. A fonte hebraica de LOC.....	125
5.2.2. Tipos de estruturas sintáticas com LOC.....	126
5.2.2.1. ADO.....	130
5.2.2.2. ADONDE.....	131
5.2.2.3. DONDE.....	132
5.2.2.4. O.....	133
5.2.2.5. AONDE.....	133
5.2.2.6. ONDE.....	133
6. Visão panorâmica dos dados.....	134

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS DADOS

1. Introdução.....	137
2. A reanálise do Tipo 4.....	137
3. As causas da mudança.....	142

	11
3.1. Fatores externos.....	142
3.2. Fatores internos.....	142
3.2.1. Fatores sintáticos.....	143
3.2.2. Fatores semânticos.....	144
4. Considerações finais.....	146
CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
APÊNDICE	164
1. <i>Un marido entre dos mużeres</i> (1913)	165
2. Novelas aljamiadas sefarditas do principio do século XX (1901-1912).....	169
3. <i>Séfer lel Šimurim</i> (1818)	179
3.1. ONDE.....	179
3.2. ANDE.....	182
3.3. O.....	182
4. <i>Séfer menorat hamaor</i> (1877)	182
5. <i>Crónica de los reyes otomanos</i> (1567)	183
5.1. DONDE.....	183
5.2. ADONDE.....	187
5.3. ONDA.....	189
5.4. ONDE.....	189

5.5.DÓ.....	195
6. <i>Pentateuco de Constantinopla (1547)</i>	195
6.1. ADO.....	195
6.2. ADONDE.....	196
6.3. DONDE.....	197
6.4. O.....	197
6.5. AONDE.....	197
6.6. ONDE.....	198

RESUMO

O presente trabalho consiste no estudo de um processo de reanálise, como proposto por HARRIS & CAMPBELL(1995), que ocorre em estruturas relativas locativas do judeu-espanhol oriental encabeçadas por ONDE, ADO, AONDE, DONDE, ADONDE, DO, ONDA, O ou ANDE, chamados de LOC ao longo da dissertação. Estas partículas, inicialmente classificadas como advérbio relativo, que encabeçam uma oração relativa com verbo elidido na estrutura superficial, são reanalisadas como uma preposição de valor básico locativo, equivalente ao ‘chez’ francês. A estrutura encabeçada por LOC deixa de ser entendida como uma oração relativa locativa sem antecedente, tornando-se ou um complemento circunstancial de lugar ou um complemento argumentativo de lugar, ao passo que o sujeito da oração relativa passa a ser um dos constituintes desse complemento locativo.

Vários são os fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que colaboraram para o desencadeamento deste processo: a) ausência de antecedente; b) presença de LOC; c) verbo copulativo elidido após LOC; d) presença de um SN[+humano] após LOC; e) distância mínima entre LOC e o SN; f) verbo de movimento anterior a LOC. Do ponto-de-vista sócio-histórico pôde-se aventar a possibilidade de empréstimos sintáticos resultante de duas fontes: i) as traduções de textos litúrgicos do hebraico para judeu-espanhol calco; ii) a intensa influência do francês sobre os sefarditas do Império Otomano, que nesse caso se configurariam como um calco sintático.

A análise foi efetivada com base em um *corpus* constituído de textos em prosa do judeu-espanhol dos séculos XX, XIX e XVI. Seus dados foram descritos sincronicamente e depois analisados diacronicamente, etapa imprescindível para a explicação do processo, tendo-se em mente os pressupostos da Lingüística Histórica de base empírica de autores como BYNON(1986), COHEN(1989) e HARRIS & CAMPBELL (1995).

ABSTRACT

The present work is a study of a reanalysis process, as proposed by HARRIS & CAMPBELL (1995), that occurs in free relative clauses of Oriental Judeo-Spanish headed by ONDE, ADO, AONDE, DONDE, ADONDE, DO, ONDA, O or ANDE. These particles, which will be called LOC along the dissertation, were initially classified as relative adverbs heading a relative clause with an elliptic verb in its superficial structure and then reanalyzed as a preposition with a basic locative sense, similar to the French ‘chez’. The structure headed by LOC is not understood as a free relative clause anymore, becoming a locative adverbial complement. The subject of the relative clause becomes one of the constituents of this locative adverbial complement.

There are many linguistic and extra-linguistic factors that helped to trigger this process: a) absence of antecedent; b) presence of LOC; c) elliptic copula verb after LOC; d) presence of a NP [+human] after LOC; e) minimal distance between LOC and the NP; f) movement verb before LOC. From the socio-historical point of view, two different sources of syntactical borrowing could be proposed: i) the translations from the liturgical texts in Hebrew to Calque Judeo-Spanish; ii) the intense influence of French over the Sephardics of the Ottoman Empire. In this case, the process would be seen as a syntactic calque.

The analysis was based on a *corpus* constituted of prose texts in Judeo-Spanish from the XX, XIX and XVI centuries. Their data were described synchronically and thereafter analyzed diachronically, a necessary phase to explain the process, having in mind the Historical Linguistics principles of empirical basis by authors like BYNON (1986), COHEN (1989) and HARRIS & CAMPBELL (1995).

LISTA DE QUADROS

Capítulo 1

Quadro 1– Comparação entre os relativizadores do judeu-espanhol oriental, do espanhol e do português modernos

Quadro 2– Situação lingüística dos sefarditas ao longo do tempo, com base em SEPHIHA (1986)

Quadro 3– Periodização do judeu-espanhol segundo RIAÑO (1998:24) e (1993:96)

Capítulo 2

Quadro 4 - Obras integrantes do *corpus*

Capítulo 4

Quadro 5 – ‘Tipos’ sintáticos das estruturas encabeçadas por LOC

Quadro 6 – Frequência dos tipos de estruturas com ONDE em *Un marido...* (1913)

Quadro 7 – Funções sintáticas das estruturas encabeçadas por ONDE em *Un marido...* (1913)

Quadro 8 – Funções sintáticas do ONDE na OR em *Un marido...* (1913)

Quadro 9 – Frequência dos tipos de estruturas com ONDE em *Novelas...* (1901-1912)

Quadro 10 – Frequência e funções sintáticas das estruturas com ONDE em *Novelas...* (1901-1912)

Quadro 11 – Distribuição das formas de LOC em relação aos tipos sintáticos em *Séfer lel Šimurim* (1818)

Quadro 12 – Frequência dos tipos de estruturas com LOC em *Séfer lel Šimurim* (1818)

Quadro 13 – Tipos de estruturas sintáticas encabeçadas por ANDE em *Séfer lel hamaor* (1877)

Quadro 14 – As formas de LOC e sua divisão em tipos sintáticos da *Crónica de los reyes otomanos* (1567)

Quadro 15 – Frequência dos tipos de estruturas encabeçadas por LOC na *Crónica...* (1567)

Quadro 16 – Estruturas sintáticas encabeçadas por LOC na *Crónica...* (1567)

Quadro 17– Preposições que antecedem o ONDE na *Crónica...* (1567)

Quadro 18 – Funções do DONDE nas estruturas com LOC da *Crónica...* (1567)

Quadro 19 – Caracterização de LOC no *Pentateuco de Constantinopla* (1547)

Quadro 20 – Funções sintáticas das estruturas com LOC no *Pentateuco de Constantinopla* (1547)

Quadro 21 - Paralelo entre as formas fônicas de LOC e os tipos sintáticos do

Quadro 22 - Comparação das frequências de LOC nos textos

Quadro 23 - Distribuição dos tipos sintáticos em relação às obras do *corpus*

Capítulo 5

Quadro 24 – O traço [+movimento] nos verbos que antecedem as estruturas com LOC e com [-V]

LISTA DE ABREVIATURAS

adv. – advérbio

arg. - argumentativo

art. def. – artigo definido

C – *Crónica de los reyes otomanos*

cap. – capítulo

circ. - circunstancial

c.c. - complemento circunstancial

compl. – complemento

coord. - coordenada

dat. – dativo

dic. - dicionário

E. C. – Era Comum

EJC – Enciclopedia Judaica Castellana

es – estrutura superficial

esp. – espanhol

excl. – exclamativa

f. – função

fr. – francês

H – *Séfer menorat hamaor*

inf. – infinitivo

it. - italiano

JB – *The Jerusalem Bible*

je. - Judeu-espanhol

M – *Un marido entre dos mużeres*

Morf. – morfológica

N – Novelas aljamiadas sefarditas do principio do século XX

NPR – *Le Nouveau Petit Robert*

O. - oração

OD – objeto direto

OP – oração principal

OR – oração relativa

P – *Pentateuco de Constantinopla*

port. - português

prep. – preposição

RAE – Real Academia Española

rel. – relativo

s. - seção

S – *Séfer lel Šimurim*

séc. - século

SN – sintagma nominal

SNrel – sintagma nominal relativizado

Srel – sentença relativa

t. - turco

Trad. - tradução

v. – verbo

INTRODUÇÃO

Este é um estudo de uma reanálise em estruturas relativas locativas do judeu-espanhol oriental, decorrente de processos de empréstimos. Serão analisadas estruturas formadas por ONDE, ANDE, DONDE, ADO, ADONDE, AONDE, DO, ONDA e O, que no seu conjunto são chamados simplesmente de LOC, já que elas se apresentaram nos textos consultados inseridas em estruturas que ainda não receberam o tratamento diacrônico devido em nenhuma das obras consultadas.

O Capítulo 1 apresenta as estruturas compostas por ONDE do século XX, com as quais nos deparamos pela primeira vez, que nos motivaram a iniciar este estudo. Nossa hipótese será anunciada, para logo após contextualizarmos socio-historicamente os usuários do judeu-espanhol e caracterizarmos esta língua.

O Capítulo 2 apresenta o arcabouço teórico-metodológico empregado, onde os textos são descritos sincronicamente, assim como as teorias de empréstimo e de estudo da sintaxe histórica. Seremos guiados principalmente pela metodologia de BYNON(1986), na qual as várias gramáticas sincrônicas são comparadas para se fazer uma interpretação final e diacrônica do problema selecionado. A teoria translingüística de HARRIS & CAMPBELL (1995) também será levada em conta para nosso estudo, pois, tal como estes autores, estamos mais interessados na mudança sintática em si do que na forma da teoria de tal mudança.

O Capítulo 3 descreve a análise tradicional das orações relativas do espanhol, adaptada ao judeu-espanhol. A estruturação básica das orações em hebraico é explicada, principalmente das orações relativas e das orações nominais, que não apresentam verbo de ligação entre o sujeito e o predicado. Este aspecto sintático do hebraico vai chegar até o judeu-espanhol vernacular através das traduções literais dos textos sagrados. A ausência, por sua vez, do verbo copulativo nas orações relativas locativas do judeu-espanhol será importante para o desencadeamento do processo de reanálise: como o verbo se encontra ausente na estrutura superficial, acaba sendo apagado também da estrutura subjacente, pois a construção é ‘confundida’ ou com um complemento circunstancial de lugar ou com um complemento argumentativo de lugar. Apresentaremos um sucinto apanhado histórico do LOC na Península Ibérica, onde encontramos casos de outros falares românicos em que o verbo de estado também se encontra elidido. A preposição ‘chez’ do francês é explicada, assim como os verbos copulativos.

O Capítulo 4 consiste na descrição e análise dos dados encontrados nos textos dos séculos XX, XIX e XVI. Serão analisadas somente as estruturas compostas por LOC. As estruturas serão distribuídas em nove ‘tipos’ sintáticos, os quais levam em consideração características da estrutura superficial das estruturas em questão, o que facilitará a comprovação de nossa hipótese.

A partir dos dados já sistematizados no capítulo anterior, o Capítulo 5 apresentará a interpretação das informações coletadas e a conseqüente descrição do processo de reanálise gramatical. A abordagem de uma mudança sintática específica, o que não a impede de ser

complexa, de uma língua em fase de restrição de uso, é uma contribuição para a melhor compreensão dos mecanismos de mudança linguística em geral.

Finalmente chega-se à conclusão do presente trabalho, onde esperamos ter feito uma análise crítica e coesa deste processo de reanálise do judeu-espanhol, contribuindo para o desenvolvimento dos estudos sintáticos românicos diacrônicos e chamando a atenção para a sua importância.

CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

1. Algumas estruturas com ONDE no judeu-espanhol do século XX

Consideremos as seguintes estruturas encontradas em um texto em prosa em judeu-espanhol do início do século XX:

(1) Él pasó por Konstantinopla, i en los pokos días ke él estuvo aí, él se dixo ke esta sibdad era presizamente el lugar ONDE *él iba prosperar* (M029/1)¹ (1913)

(2) la moxka kontinuó a subir, lyebándose kon elya la ebra de ilo, fin ke aribó serka de ONDE *estaba Rabbî Gēršôn*. (M127/9) (1913)

(3) Elya se prezentó después ONDE *todos los amigos influentes de Rabbî Gēršôn*, ma ninguno sabía nada de esta arestasyón. (M107/13) (1913)

(4) Abía longo tiempo ke Mijael abía tomado el año i lo abía lyebedo ONDE *su tío*, ke lo resibyó kon alegría. (M081/28) (1913)

O exemplo (1) é um período composto por uma oração principal (OP) - *él se dixo ke esta sibdad era presizamente el lugar* - e uma oração relativa (OR) - *ONDE él iba prosperar* - que tem como antecedente *el lugar*. A OP vem introduzida pelo relativizador ONDE seguido por sua vez do sujeito da OR – *él* - e de seu verbo - *él iba prosperar*.

Já no exemplo (2), o período composto possui uma oração – *fin ke aribó* – à qual está encaixada uma OR - *serka de ONDE estaba Rabbî Gēršôn*. -, sendo que a oração

¹ As siglas correspondem ao título da obra, número da página e número da linha, nesta ordem, de onde foram retirados os exemplos.

principal é composta também de um sujeito elidido (*moxka*) e seu verbo (*aribó*), mas o ONDE não tem um antecedente na OP. Nos exemplos (3) e (4), pode-se atribuir a análise da estrutura como sendo uma OP e uma OR, sem antecedente. O ONDE vem seguido apenas de um substantivo *desacompanhado de verbo*, o que não parece, à primeira vista, estar ‘bem estruturado’. O que nos motivou a desenvolver a presente dissertação foi este ‘estranhamento’ (TARALLO,1990 e COHEN,1996) causado pelas estruturas semelhantes aos exemplos (3) e (4).

De um modo geral, os relativizadores (pronomes e advérbios relativos) do judeu-espanhol, incluindo-se as estruturas relativas locativas similares aos exemplos (1) e (2) compostas por ONDE, não causam a nós, falantes de português, um *alto* grau de estranhamento: suas formas são relativamente semelhantes àquelas do espanhol e do português modernos, como se pode ver no Quadro 1 que se segue:

Judeu-espanhol oriental ²	Espanhol moderno ³	Português moderno ⁴
ke	ke	que
lo ke	lo que	o que
los ke	la/s, el/los que	a/s, o/s que
-	lo cual	qual
la kuala	la/s cual/es	a qual/as quais
el/los kual/os	el/los cual/es	o qual/ os quais
ken	quien/es	quem
-	cuyo/s, cuya/s	cujo/s, cuja/s
kuanto	cuanto	quanto
onde	donde	onde

Quadro 1: Comparação entre os relativizadores do judeu-espanhol oriental, do espanhol e do português modernos.

No entanto, as estruturas similares aos exemplos (3) e (4) apresentam peculiaridades não típicas do português e que não foram explicadas de modo aprofundado até o presente momento na literatura pertinente. Estas observações preliminares nos levaram a dirigir nossa atenção a essas estruturas locativas em que figuram ONDE, ANDE, ADONDE, AONDE, DONDE, DO, e O, que no seu conjunto chamaremos de LOC.

Para compreendermos melhor o processo no qual o ONDE, ADONDE, DONDE, AONDE, ANDE, DO e O se inserem, iniciaremos pela contextualização histórica dos falantes do judeu-espanhol oriental, a situação lingüística de suas comunidades de fala e as definições de ‘ladino’ e ‘judeu-espanhol’. Estaremos então mais preparados para compreender os processos a serem estudados e a relevância de se fazê-lo.

² cf. *Un marido entre dos mużeres* (1913)

³ cf. GONZÁLEZ, CUENOT, SÁNCHEZ (1995:69)

⁴ cf. BECHARA (1968:121)

2. Enunciação da hipótese

VAROL(1998:38) faz na primeira lição de seu manual de aprendizado do judeu-espanhol, uma pequena mas importante nota de tradução: *ande mí*, correlato dos exemplos (3) e (4) acima *onde su tío, onde todos los amigos influentes de Rabbî Gērsôn*, seria sinônimo de *chez moi, à la maison* [na minha casa, em casa]. O ANDE/ONDE seria então o equivalente à preposição francesa *chez* que significa principalmente ‘na residência de’, ‘na casa de’ (REY-DEBOVE. REY 1993:363). Não encontramos comentários posteriores quanto à origem da estrutura na obra, pois como o manual é endereçado a falantes do francês, a tradução da construção parece óbvia e simples.

Se lançássemos um olhar diacrônico superficial sobre as estruturas recorrentes no *corpus* a ser analisado do tipo *onde su tí, onde todos los amigos influentes de Rabbî Gērsôn*, poderíamos ser levados a crer que o judeu-espanhol teria tido essa estrutura integrada ao seu sistema lingüístico através de um empréstimo lingüístico de origem francesa, já que, a partir do final do século XIX a influência do francês sobre os falantes de judeu-espanhol foi intensa. No entanto, ao lermos textos de épocas anteriores à segunda metade do século XIX, quando a influência do francês sobre essa língua era bastante restrita, somos colocados diante das seguintes estruturas:

(5) Y esto propio fue ONDE Ya'acob con Rahel, que era también
manera (S048/62) (1818)

(6) Y así hizo y vino ONDE su mujer (S102/60) (1818)

As estruturas acima, presentes em um texto datado de 1818, não são resultado do contato lingüístico entre o francês e o judeu-espanhol, não podendo ser um empréstimo de origem francesa. O hebraico, como veremos com mais detalhes a seguir, sempre foi uma língua presente no universo lingüístico dos judeus. Mesmo não sendo usado como língua falada, sua presença era constante nos textos religiosos e nas tradições judaicas. Em hebraico o

verbo copulativo é usualmente elíptico, e assim nos perguntamos se as estruturas acima não seriam um calco sintático de origem hebraica, representado por uma oração relativa locativa encabeçada por uma partícula relativa e com o verbo elidido. Este calco sintático teria chegado até o judeu-espanhol vernacular através das traduções literais do hebraico para o judeu-espanhol que os rabinos e estudiosos faziam dos textos religiosos.

Assim, propomos a seguinte hipótese inicial: **as estruturas do tipo *onde mi tío e onde todos los amigos influentes de Rabbî Gersôn*, orações relativas sem antecedente encabeçadas pelo relativizador LOC com a elisão de verbo *ser*, passam a ser analisadas pelos usuários do judeu-espanhol como um SN preposicionado, tendo o LOC a função equivalente ao *chez* do francês. A função inicial do ONDE, de relativizador, passa a ser reavaliada como preposição significando *na casa de*.**

3. Contextualização histórica

A contextualização histórica que se apresenta a seguir é imprescindível para o presente estudo pois o judeu-espanhol é uma língua em fase de restrição de uso, fato causado por fatores socio-históricos nos quais seus usuários estão inseridos. Além disto, entende-se que estes acontecimentos extra-lingüísticos terão peso no processo de reanálise proposto.

3.1. Os judeus na Espanha antes de 1492

3.1.1. Configuração dialetológica da Península Ibérica

As condições dialetais da Espanha medieval são difíceis de serem reconstruídas devido ao fato da Reconquista e da concentração do poder nas mãos do Reino de Castilha terem provocado movimentos que separaram dialetos anteriormente vizinhos e esfacelaram a relativa unidade lingüística peninsular representada pela fala moçárabe (ZAMORA VICENTE, 1996:11). O castelhano, inicialmente próprio de apenas um condado leonês (Castilha), absorverá os falares vizinhos (asturiano e navarro-aragonês) que passam a subsistir como variedades dialetais. Com o crescimento do poder político dos condes

castelhanos, o castelhano se expande em direção ao sul deixando apenas nas extremidades leste e oeste o que é hoje o galego e o catalão. Sua influência se intensificará ao ser elevado à categoria de língua nacional no início do século XVI.

No momento da saída dos judeus, em 1492, a Península Ibérica apresentava as seguintes divisões lingüísticas (RÉVAH 1961:175):

- a) uma zona galaico-portuguesa e uma zona catalão-valenciana;
- b) os falares da Velha Castilha, fortemente influenciados foneticamente pelo bilingüismo basco-castelhano;
- c) os falares da Nova Castilha e da Andaluzia;
- d) os falares navarro-aragonês com traços de intensa castelhanização.

3.1.2. O anti-semitismo

A presença de judeus na Espanha é inquestionável a partir do século IV a.C. , pois através das atas do Concílio de Elvira, da mesma época, transparece “...como os judeus chegaram a ser um fator perturbador para os cristãos por sua importância numérica, econômica e seu incessante proselitismo...”(BEL BRAVO, 1997:81).

A relativa harmonia existente entre judeus e cristãos no início da Idade Média foi balanceada pela primeira cruzada em 1096. Se saltarmos até o século XII, veremos os judeus sendo distinguidos dos cristãos fisicamente (marca na roupa), socialmente (tentativa de inibir relações sociais) e politicamente (proibição aos judeus de exercer autoridade sobre os cristãos). A Castilha da época era fonte de uma sociedade plurirreligiosa, no seio da qual a aversão aos judeus culminou no início do século XIV em massacres, acusações, perseguições e conversões em massa forçadas. Como afirma ARTIGAS (1997), o ano de 1391 marcou uma nova etapa na história dos judeus espanhóis, quando a onda de crimes e assaltos se estendeu por toda a Espanha. Surgiu na mesma época a figura do ‘converso’, o judeu convertido ao cristianismo, na maioria das vezes sem convicção e somente com o intuito de se proteger de todos os tipos de restrições e injustiças impostas aos não-cristãos. A tentativa do ‘sonho de conversão’ acabou levando à crença de que os judeus seriam

inassimiláveis a sociedade cristã e que deveriam assim ser segregados ou expelidos. O clima de suspeita e ambigüidade deu surgimento aos estatutos de ‘limpeza de sangue’ que foram aplicados aleatoriamente.

Além de serem acusados da morte de Jesus, encontramos outros fatores que colaboraram para o deterioração da situação: escândalos financeiros da corte envolvendo judeus, acusações fantasiosas de ritos macabros e uma especialização, bastante impopular, por parte desses em ocupações ligadas ao empréstimo de capital e à cobrança de impostos. Este *crecendo* anti-semita culminará com a expulsão de 1492, crucial para nosso estudo.

3.2. Os judeus espanhóis após a expulsão de 1492: os sefarditas

Isabela de Castilha e Fernando de Aragão assinaram um decreto em 31 de março de 1492 no qual deram três meses para que os judeus abandonassem a Espanha, sem incentivo à conversão. A medida tomada pela realeza não foi considerada insólita, já que países como a Inglaterra e França já haviam feito o mesmo anteriormente, em 1290 e 1306 respectivamente (MACKAY & DITCHBURN 1997:145). As causas reais desta decisão carecem até hoje de uma explicação satisfatória. A justificativa oficial criada pela Inquisição foi a da presença dos judeus ser uma ‘tentação’ forte demais para os conversos (cristãos novos), que continuavam a praticar o judaísmo, sendo por isso também rejeitados.

No entanto, DÍAZ-MAS (1992:7) nos alerta que devemos adicionar algumas outras possíveis causas: o desejo da corte de saldar suas dívidas com os bens dos judeus que estavam proibidos de carregá-los consigo, a pressão popular e o fanatismo religioso irracional. Estes judeus expulsos, cujo número deve ter variado em torno de cem mil, são chamados de **sefarditas**⁵, com referência a ספרד ‘Sefarad’, termo hebraico para *Espanha*.

O destino destes emigrantes foi variado: Norte da África, Portugal⁶, Itália, Holanda, sul da França e o Império Otomano – atuais Turquia, Bulgária, Romênia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Grécia. Comunidades consistentes se formaram principalmente em Sófia, Adrianópolis, Salônica, Istambul, Monastir e Esmirna (HASSÁN, 1995:119). Não nos interessaremos pelos refugiados que se dirigiram ao Marrocos, pois ali a língua se desenvolverá de forma diferente, dando origem à *hakitia*, também chamada de judeu espanhol ocidental ou judeu-árabe (ERTEL, 1988), ultrapassando o escopo da presente dissertação. A obra de SABBÁ GUIMARÃES (1998) é uma fonte confiável sobre tal assunto, além de ser a única do gênero em português.

Os sefarditas foram bem recebidos, de um modo geral, nestas novas terras, principalmente no Império Otomano, para onde se dirigiu a maioria deles. Havia interesse em súditos com habilidades específicas (médicos, comerciantes, artesãos) para ocupar áreas de fronteira pouco populadas, que corriam perigo de serem tomadas pelos países vizinhos. A liberdade ali permitida fez com que fossem formadas várias comunidades sefarditas, divididas inicialmente em relação ao local onde viviam na Espanha. Estas pequenas sociedades se desenvolveram de uma forma bastante judaica: cada congregação possuía sua sinagoga, sua escola e seu tribunal. Os impostos eram recolhidos e entregues ao poder central dos otomanos, assegurando-lhes a autonomia de sua sociedade tradicional e seguidora dos ritos e tradições pré-existentes na Espanha.

O século XVI foi próspero econômica e culturalmente não apenas para a minoria sefardita, como para os turcos que expandem seus territórios do norte da África até o sul da Áustria. Um contato maior com o Ocidente surgiu somente a partir do século XIX, através da tentativa dos governantes otomanos de modernizar a região. A França foi tomada como modelo econômico, militar, cultural e institucional. Livros europeus, e principalmente franceses, eram traduzidos para o turco, o francês tornou-se matéria obrigatória para todos

⁵ Também encontramos as denominações de sefaraditas, sefardim e sefardins, todas significando “descendentes dos judeus saídos da Hispânia (Espanha e Portugal) e que falam ou falavam a língua judeu-espanhola” (SABBÁ GUIMARÃES 1998:52).

⁶ Dali foram expulsos 5 anos depois, quando Isabela de Castilha casou-se com o rei Manoel. A grande maioria se converteu ao catolicismo e os demais partiram em direção às Américas e à Holanda.

os estudantes das novas escolas e uma biblioteca com 400 livros, na sua maioria franceses, foi inaugurada em Istambul, por exemplo. A França, obviamente, via com bons olhos este aumento da sua influência sobre a região que geraria a criação de uma nova cultura não tradicional.

O surgimento de movimentos nacionalistas entre os povos balcânicos – que queriam impor modelos ocidentais no terreno político local –, o declínio da autoridade política do Império Otomano no final do século XVIII e seu desmembramento no XIX, refletiram nas comunidades sefarditas, que passaram por graves dificuldades, gerando uma situação bastante instável:

“ Au bloc ottoman correspondait un bloc judéo-espagnol uni, dont les villes de Salonique, Andrinople, Constantinople, Smyrne et Sarajevo constituaient des phares. Leurs rabbins et conseillers étaient sollicités par l'ensemble du monde séphardi, Hollande, Corfou, Londres, Italie, etc... Le démembrement désintégrera ce bloc. Le judaïsme espagnol aura perdu son ciment politique et les communautés atteintes par les soubresauts et les guerres émigrèrent d'abord vers les pôles encore vivants, notamment Constantinople et Smyrne, puis vers l'Égypte, l'Algérie, la Tunisie, le Maroc, la France, et plus tard les Amériques.”
(SEPHIHA, 1991:40)⁷

No final do século XIX, os Bálcãs sofreram uma ocidentalização sem precedentes, fazendo com que as comunidades judaicas do ex-Império Otomano já desmembrado se fragmentassem, perdendo seu prestígio econômico e comercial. O esfacelamento do Império Otomano colocou os sefarditas diante de novas situações políticas, econômicas, culturais e lingüísticas.

⁷ Trad.: “Ao bloco otomano correspondia um bloco judeu-espanhol unido, cujos ‘faróis’ eram as cidades de Salônica, Andrinópolis, Constantinopla, Esmirna e Saraievo. Seus rabinos e conselheiros eram solicitados pelo conjunto do mundo sefardita, Holanda, Corfu, Londres, Itália, etc... O desmembramento desintegrará este bloco. O judaísmo espanhol perderia assim o seu cimento político e as comunidades atacadas pelos sobressaltos e pelas guerras emigrarão primeiro em direção aos polos ainda vivos, Constantinopla e Esmirna, e depois em direção ao Egito, Argélia, Tunísia, Marrocos, França, e mais tarde as Américas.”

3.2.1. A Aliança Israelita Universal

Em 1860, com as comunidades sefarditas já repartidas em variados países, ocorre a criação da Aliança Israelita Universal, associação filantrópica francesa, cujo objetivo seria o de regenerar cultural e moralmente judeus de países menos favorecidos. Segundo BARQUÍN (1997:153), em 1913 a organização possuía 183 estabelecimentos que favoreciam 43.700 alunos do Marrocos até o Irã. Pela primeira vez, as mulheres estavam incluídas como alunas, apesar do objetivo da instituição no caso destas ser o de preparar boas mães e donas-de-casa. O francês era sua língua oficial e o currículo compreendia várias disciplinas laicas, ao contrário do ensino tradicional nas comunidades sefarditas, onde até os sete anos somente os meninos tinham uma *maestra*, para depois freqüentarem uma escola religiosa onde exercitavam a leitura da Torá e sua tradução para o judeu-espanhol. Tanto em um sistema quanto no outro, os alunos das classes populares se afastavam da escola mais cedo do que as crianças das classes mais favorecidas, usualmente para exercer o ofício de seus pais ou ajudá-los.

O estabelecimento destes centros muitas vezes motivava uma rejeição por parte dos setores religiosos e mais conservadores, o que não impediu que a Aliança se tornasse a “força mais importante no terreno da educação judaica, proporcionando instrução na grande maioria das comunidades” (BARQUÍN 1997:33) por volta da Primeira Guerra Mundial. As escolas da Aliança serão a via mais significativa que os sefarditas do início do século XIX terão para ter acesso a cultura, línguas, literaturas e costumes europeus. Os jovens sefarditas, deslumbrados – chamados de *franquitos* –, adotam nomes franceses, se vestem à moda européia e se esforçam em utilizar o francês aprendido na ‘Aliança’.

Os anos 20 marcarão o declínio das escolas da ‘Aliança’: em 1924 o governo turco proíbe o ensino que não seja dado em turco ou na língua materna, e em 1928 o alfabeto latino passa a ser obrigatório para todos. Trata-se de um mero reflexo da ocidentalização lenta, mas generalizada, da sociedade otomana da qual faziam parte os sefarditas e que colaborou para a restrição de uso do judeu-espanhol (CREWS 1935:12).

Algumas décadas depois, o Holocausto dizimará milhões de falantes do judeu-espanhol. Em Salônica, por exemplo, 97% da população judaica será assassinada pelos alemães. Os sobreviventes se espalharão por todo o mundo, inclusive pelo Brasil, sendo assimilados, com intensidade variada, à cultura e sociedade local.

Saber quais as línguas utilizadas pelos judeus espanhóis ao longo de toda a sua história, a saber, o castelhano, o hebraico e o judeu-espanhol, é imprescindível para os questionamentos que virão.

4. O ladino

HASSÁN (1995:18) e LLĒAL (1990:322), para citar autores mais recentes, e vários outros acreditam que a língua falada pelos judeus da Espanha antes da expulsão era a mesma dos seus vizinhos cristãos: o aragonês, o castelhano, o navarrês, o leonês, o asturiano... Apesar de restrições variadas, como as relacionadas à indumentária e distinções, não havia proibições de ordem lingüística, sendo imprescindível a todos os judeus falar perfeitamente o romance local. O único diferencial lingüístico possuído pelos judeus espanhóis seria o hebraico, utilizado no vocabulário relativo à religião e às tradições, como se observa até hoje em qualquer comunidade judaica fora de Israel, o que não implicaria na existência de um dialeto distinto do local, já que “a língua hebréia não era para ser falada, para as coisas corriqueiras, para o dia-a-dia de uma comunidade de gente que grita, erra, peca” (SABBÁ GUIMARÃES, 1998:48). As celebrações litúrgicas, por exemplo, eram proferidas em hebraico, sendo muitas comumente seguidas pelos fiéis sem o conhecimento da língua, assim como os cristãos seguiam as recitações dos textos sagrados em latim sem compreendê-lo. O hebraico só era conhecido pelos homens que seguiam estudos rabínicos, os quais faziam parte de uma minoria da comunidade. As mulheres eram usualmente analfabetas. O acesso ao hebraico escrito por elas era nulo. Coloma Lleal (1992:5) esclarece:

“Desde mediados del siglo XIII y, sobre todo, durante el siglo XIV, el proceso de integración lingüística de los judíos hispanos se acentuó considerablemente.

Ello supuso la progresiva adopción del romance y el consiguiente abandono del hebreo, que acabaría siendo una lengua desconocida para la mayoría de ellos.”⁸

Como a influência do hebraico na língua falada era restrita e o contato, apesar da segregação contínua, com os cristãos falantes de dialetos locais intensa (SABBÁ GUIMARÃES 1998:16), a língua específica dos judeus espanhóis, o judeu-espanhol, que será definida brevemente, foi uma consequência da expulsão, não existindo antes dela.

Se o hebraico não era uma língua que a grande maioria dos judeus espanhóis dominava, apenas esse fato justificaria a necessidade de uma tradução dos textos sagrados, para que toda a comunidade tivesse conhecimento deles e dos seus ensinamentos, originalmente escritos em hebraico ou aramaico. A partir dessa necessidade e da preocupação em manter o texto o mais próximo do original, para que ele não perdesse sua sacralidade (SCHWARZWALD 1993), é que teremos o surgimento de um sistema bastante peculiar de tradução do hebraico para o espanhol, chamado por nós ao longo de toda a obra de **ladino**⁹ ou judeu-espanhol calco.

A tradução em ladino é um reflexo da preocupação em refletir o estilo original através de seus elementos formais. O leitor notará que se trata de uma tradução e não de um texto em sua própria língua, como afirma AMIGO(1983:43). O texto original goza de tal prestígio que seus valores devem aparecer refletidos na tradução, através do respeito por sua estrutura. Através destas traduções, o usuário – leitor ou ouvinte – tem acesso à materialidade do texto bíblico. Assim, a primeira função do ladino foi “pedagógica” (SEPHIHA 1986:54), e, graças à repetição do mesmo modelo, ele adquire uma segunda função, ‘litúrgica’. Como afirma LLEAL (1992:22):

“No se trata, simplemente, de la presencia de algunos hebraísmos léxicos o sintáticos, sino de **una total sumisión a la estructura sintáctica y semántica del hebreo**. De modo que quienes leían (o meldaban) estas traducciones eran

⁸ Trad.: “Desde a metade do século XIII e, sobretudo, durante o século XIV, o processo de integração lingüística dos judeus hispânicos acentuou-se consideravelmente. Ele supôs a adoção progressiva do romance e o consequente abandono do hebraico, que acabaria sendo uma língua desconhecida para a maioria deles.”

⁹ O problema da nomenclatura a ser seguida é polêmico, já que encontramos variadas denominações, muitas vezes até contraditórias entre si, para as duas principais variantes da língua dos sefarditas.

conscientes de que estaban oyendo directamente la palabra divina, exactamente tal como habia sido transmitida a los antiguos hebreos.(grifo nosso)¹⁰

Este processo não foi inventado após a expulsão, sendo anterior ao surgimento da língua vernacular (SEPHIHA 1973:47) já que documentos cristãos medievais fazem alusão a um sistema de tradução calca (ROMERO 1992:32), além da introdução encontrada na Bíblia de Ferrara (1553), onde os editores afirmam que “fue forçado seguir el lenguaje que los antiguos Hebreos Espanoles vsaron” (HASSÁN 1992: 24).

BUSSE (1991) explica com clareza esse tipo de tradução que ele chama de *processo* de tradução, iniciando com o exemplo da tradução do trecho de Gênesis 37:14: ‘E ele lhe disse: Ora vai e vê como estão teus irmãos, e como está o rebanho’¹¹:

Ladino	uee	a	paz	de tus ermanos ¹²
Hebr.	ר' 'eh	'et	sh'elom	'akheykha
	veja	art. def. enfático	paz/estado de espírito	irmãos- dat

‘vê como estão teus irmãos’

Apesar da forma *uee* ser um arcaísmo, as demais peculiaridades não podem ser explicadas através de um deles. Elas são consequência do princípio da tradução literal, como o paralelo hebr. ‘*et* / esp. *a*, em que *a* é empregado onde não existiria em espanhol, ocorrendo o mesmo fenômeno com o hebr. *Shelom* / esp. *paz*, onde *shelom*, significa em hebraico tanto ‘paz’ quanto ‘estado’. Todos os elementos do hebraico são, um por um, sempre copiados com os mesmos elementos hebraicos correspondentes. Assim:

¹⁰ Trad: “Não se trata, simplesmente, da presença de alguns hebraísmos lexicais ou sintáticos, e sim da total submissão à estrutura sintática e semântica do hebraico. De modo que quem lia (ou ‘meldava’) estas traduções estava consciente de que estava ouvindo a palavra divina, exatamente como havia sido transmitida aos antigos hebreus.”

¹¹ Tradução nossa a partir da versão em inglês de *The Jerusalem Bible* (FISCH, 1997)

¹² *Pentateuco de Constantinopla*, 1547.

“Pode-se dizer que textos em *ladino* são o resultado de uma transgressão à norma relativa ao uso da língua: aqui o espanhol é usado como material para se falar hebraico; o espanhol fornece realmente apenas o material, os significados e as funções gramaticais não são mais do espanhol, mas sim do hebraico... Portanto, o *ladino* não é uma língua como o espanhol ou o alemão, tampouco um registro escrito de expansão do judeu-espanhol – está preso a modelos, o que também não quer dizer que não se poderiam produzir textos livres no processo *ladino* -, o *ladino* pode, se for preciso, ser também designado como ‘língua de um texto’, quer dizer, no sentido de ser característica textual de uma língua. Por esse motivo, prefiro falar somente de textos-*ladino* e de um processo-*ladino*, não do *ladino*.”(BUSSE 1991:47)

HASSÁN(1995:129), RIAÑO (1993:86) e muitos outros insistem no ponto de vista do *ladino* não ser uma língua distinta da falada, mas apenas um nível, um registro diferente da mesma variante hispânica.

Concluindo: antes da expulsão observamos a presença na Espanha de duas modalidades lingüísticas diferenciadas utilizadas pelos judeus: por um lado a língua falada no dia-a-dia por toda a comunidade local, judia ou não, e por outro a utilizada nas atividades litúrgicas, o *ladino*.

5. O judeu-espanhol

Após a expulsão, o grande número de judeus que foram para o Império Otomano, manteve inicialmente relações com a Espanha, o que nos faz supor que teriam conservado também as modalidades lingüísticas de origem pelo menos até o século XVI. Testemunhos da época, como o de Gonzalo de Illescas¹³, parecem confirmar que a língua logo após a expulsão era a mesma falada na Espanha:

“Llevaron de acá nuestra lengua, y todavía la guardan y usan della de buena gana, y es cierto que en las ciudades de Salónica, Constantinopla, y en el Cairo, en Venecia y en otras ciudades de contratación no compran, ni venden, ni negocian, sino en español. Y yo conosci en Venecia judios de Salonique hartos, que hablauan castellano, com ser bien moços, tan bien y mejor que yo.” (*apud* WAGNER 1930:14).

¹³ *Historia Pontifical*, Barcelona, 1606 *apud* WAGNER (1930).

Ao longo de todo o século XVI e parte do século XVII veremos a chegada ininterrupta de parentes e conhecidos, o que contribuirá para romper a homogeneidade inicial de cada uma das *juderías*¹⁴. Estas amarras com a Espanha afrouxaram-se aos poucos até cessarem por completo. Isto fez com que o contato com o espanhol que se desenvolvia na Espanha também se enfraquecesse e as mudanças ocorridas nele a partir do século XVII não fossem adquiridas pelos sefarditas.

Apesar das comunidades serem fechadas e bastante unidas, o contato com os vizinhos falantes de turco, grego, sérvio, croata, italiano, romeno, búlgaro, albanês, etc. influenciou neste espanhol arcaico, composto por uma base de castelhano com elementos de outras regiões da Espanha, que se desenvolverá em uma língua com características fonológicas e gramaticais próprias. Devido à quantidade restrita que se tem de dados sobre o século XVII e da quase inexistência de textos, pode-se afirmar que a partir do século XVIII já existia uma língua distinta utilizada pelos sefarditas diferenciada das outras variantes hispânicas, à qual chamaremos ao longo deste estudo de **judeu-espanhol**. Para SABBÁ GUIMARÃES (1998:284):

“vai-se formando uma *koyné*, ao mesmo tempo falada e escrita, formada dos diversos idiomas e dialetos peninsulares, valenciano, asturiano, catalão, malhorquino, galego, português, com a força do ainda castelhano como elemento coordenador e assimilador; e, nesses novos países, do encontro do espanhol com outras línguas, indígenas ou não, sai o judeu-espanhol”

Isto é, a língua comum adotada no exílio foi o romance de maior aceitação entre todos os dialetos que se falavam na península. Mais especificamente, “el habla castellano-andaluza de los siglos XV y XVI” (RIAÑO 1998:235, 1993:88). Não se deve, no entanto, ignorar a influência dos demais dialetos e línguas. FAINGOLD (1993), no entanto, possui uma opinião bastante interessante e destoante das idéias dos demais autores lidos: acredita que certos dialetos do judeu-espanhol possuem não só o espanhol como língua lexificadora, mas também o português, cujo papel teria sido minimizado nos estudos lingüísticos. Por

¹⁴ Bairros destinados aos judeus

possuir este substrato duplo, deveria ser chamado então de judeu-ibero-romance. A questão é pertinente e parece ter sido ignorada até o momento.

Como o iídiche, o judeu-espanhol é considerado uma ‘fusion language’¹⁵, cuja elaboração permite a adaptação dos idiomas locais às exigências da vida interna. Para BUNIS (1982:63) “a ‘fusion language’ is created when elements derived from two or more different stock languages are blended into a new, unified structural whole. The sum of the reflexes of stock language *x* in a fusion language may be called its *x* component.”¹⁶

No século XVIII, após o desligamento da Espanha, o judeu-espanhol exerceu forte influência lingüística sobre a comunidade judaica dos Bálcãs, inclusive sobre os asquenazitas, - judeus oriundos do leste europeu, falantes de iídiche- chegando até mesmo a ser usado por não-judeus que mantinham relações comerciais estreitas com os sefarditas de Salônica.

Para GONZALO & PASCUAL (1964:13), um dos fatores que mais contribuíam para manter a unidade cultural entre judeus situados em áreas tão distintas e distantes entre si foi a unidade política do Império Otomano, onde os livros escritos em judeu-espanhol eram bastante difundidos: “El judeoespañol era el vínculo lingüístico que enlazaba esas agrupaciones diseminadas en un área geográfica tan extensa”¹⁷ Já CREWS (1979:6) conjectura que a significativa homogeneidade do judeu-espanhol deveu-se ao fato dos judeus não só da Espanha, mas também os da Galícia, Catalunha e Portugal viverem em cidades, e não no interior isolados, e estarem sujeitos à invasão lingüística do castelhano, falando, no momento da expulsão, ou um castelhano puro com algumas palavras desconhecidas dos cristãos e mouros, ou um dialeto espanhol castelhanizado. O prestígio do

¹⁵ língua de fusão

¹⁶ Trad.: “Uma língua de fusão é criada quando elementos derivados de duas ou mais línguas de estoque são misturadas em um todo novo e unificado estruturalmente. A soma dos reflexos da língua de estoque *x* numa língua de fusão pode ser chamada de seu componente *x*.” ¹⁶ Trad.: “O judeu-espanhol era o vínculo lingüístico que enlaçava estas agrupações disseminadas em uma área geográfica tão extensa.”

¹⁷ Trad.: “O judeu-espanhol era o vínculo lingüístico que enlaçava estas agrupações disseminadas em uma área geográfica tão extensa.”

castelhano, fala da maioria, fez com que os outros falares românicos perdessem suas forças deixando apenas vestígios na língua em formação:

“Une grande partie de la masse appartenait à diverses provinces d’Espagne, et parlait les dialectes propres à ces divisions géographiques. quoiqu’on puisse supposer qu’ils cherchaient à troquer contre des castillanisms les prononciations et locutions locales qui pouvaient provoquer le rire.”¹⁸(CREWS 1935:20)

Segundo a mesma autora, as mulheres sefarditas do Império Otomano tiveram um papel importante na manutenção do judeu-espanhol; elas praticamente só tinham contato com falantes de línguas românicas, apesar de acabarem por se familiarizar com alguns elementos lexicais locais adquiridos pelos maridos, já que viviam reclusas e mantinham contato somente com membros da família ou mulheres de famílias similares.

Outro aspecto comumente citado pelos autores é o caráter arcaico, em relação ao espanhol, não só dos textos em ladino como do judeu-espanhol de um modo geral. Uma declaração feita no início do século XVII, parece indicar que a língua falada pelos sefarditas apresentava aspectos arcaizantes em relação à língua falada na Espanha na mesma época: “...los quales en Italia, Salonique, i Africa los que fueron de Espana hablan aun toda via el lenguaje, que lleuaron d'elle, i se reconoce que es de aquella edad, diferente del desta.”¹⁹ Este aspecto do judeu-espanhol poderia ser explicado pelo esforço de manter a língua o mais próximo possível do espanhol, impedindo a introdução de palavras de outras origens e pela influência do ladino cheio de arcaísmos. No entanto, a influência do ambiente dos falantes fará com que o judeu-espanhol receba influências bastante variadas e evolua de forma independente. Faltam na verdade estudos para se fazer distinção entre o que é arcaísmo e o que é característica dialetal. Não devemos no entanto ignorar a existência de inovações específicas do judeu-espanhol, além dos empréstimos por ele tomado, tornando o quadro ainda mais complexo e difícil de ser sistematizado.

¹⁸ Trad.: “Uma grande parte da massa pertencia às diversas províncias da Espanha, e falava os dialetos próprios a estas divisões geográficas, apesar de que podemos supor que estes tentavam trocar as pronúncias e locuções locais que pudessem provocar risos por castelhanismos.”

¹⁹ ALDRETE, B. *Varias antiguedades de España, Africa y otras provincias*. Anvers, 1614. *apud* CREWS (1935:23)

A título de ilustração, vejamos alguns exemplos de arcaísmos – a maioria deles relativos à fonética, como grande parte dos demais autores - comentados por CREWS(1935:26): a) a acentuação de *ǵidyó* e *dyo*; b) distinção entre *š* (escrito x) e *ž* (escrito j). Quanto à sintaxe, CREWS (1935:28) afirma que “il y a quelques influences étrangères, mais la syntaxe de l’ancien espagnol est généralement bien conservée.”²⁰

Alguns dos aspectos dialetais, que também são abundantes, seriam: a) falta de ditongação (*preto*, *rogo*, *ǵugo*) ou seu excesso (*ađentro*, *pueđer*); b) assimilação e dissimilação, com tendência a converter /e/ em /i/ e /o/ em /u/; c) -sc- do espanhol aparece como -šk- na maioria dos dialetos em judeu-espanhol; e) conservação do grupo -mb-; f) *mos* e *mozotros* são empregados, como no espanhol vulgar e dialetal no lugar de *nos* e *nozotros*.

5.1. A sociedade em transformação

As escolas da Aliança Israelita Universal, (cf. 3.2.1), juntamente com as escolas italianas ‘Dante Alighieri’ colaborarão para o surgimento do que SEPHIHA (1986:32) chama de *judéo-fragnol* (‘judeu-franhol’) ou neojudeu-espanhol. A influência do francês e do italiano sobre o judeu-espanhol oriental será tão forte que mudará suas estruturas básicas, dando surgimento a um novo falar, marcado principalmente por galicismos: “Le judéo-espagnol sera pris d’une gallomanie galopante”²¹.

A vida tradicional dos sefarditas será balançada, a partir da metade do século XIX, pela ocidentalização e pela modernização, e o declínio do judeu-espanhol é inevitável : o francês passa a ser considerada a língua da cultura e de um futuro promissor. Todas as crianças, meninas inclusive, passam a receber um ensino fundamental em francês. O judeu-espanhol passa a ser desprezado pelos seus próprios falantes, que não encontram razão para continuar

²⁰ Trad.: “Há algumas influências estrangeiras, mas a sintaxe do espanhol arcaico é geralmente bem conservada.”

²¹ Trad.: “O judeu-espanhol será tomado por uma galomania galopante”

a manter uma língua desprestigiada e que remetia a situações financeiras passadas e presentes muitas vezes constrangedoras, fazendo com que eles passem a preteri-lo em função de outras línguas.

O judeu-espanhol nos dias de hoje foi engolido principalmente pela rehispanização, pela ausência de uma geografia precisa e pelo esquecimento (SABBÁ GUIMARÃES 1998:xlili), não sendo mais utilizado para a comunicação entre os sefarditas, já que somente os mais velhos o conhecem e não o transmitem às novas gerações (COHEN *et al.*, 1998:34). Além do mais, a ausência de uma normatização gramatical parece colaborar também para sua dificuldade de manutenção. Sua autonomia lingüística encontra-se seriamente abalada.

5.2. Periodização do judeu-espanhol

SEPHIHA (1986) sistematiza com insistência a situação lingüística dos judeus espanhóis ao longo do tempo. Se fôssemos remodelar o quadro apresentado nas páginas 58 a 62, já que o ladino (judeu-espanhol calco) para nós é apenas um **processo lingüístico** e não uma **língua independente**, teríamos a seguinte situação: antes da expulsão, duas línguas estavam presentes no universo lingüístico dos judeus espanhóis: L1, que seria o hebraico e/ou o aramaico e LVT, língua vernacular e tradutora composta pela variedade local do espanhol vernacular e pelo ladino, variante da língua utilizada para traduções de textos sagrados. Como visto nas seções anteriores, após 1492, por razões externas à língua, formase o judeu-espanhol vernacular a partir da *koiné* das variedades em espanhol (LVT). Em 1860, com a influência da Aliança Israelita Universal, veremos o surgimento do neojudeu-espanhol. A língua dos sefarditas sofrerá sérias restrições²² com a Segunda Guerra Mundial na década de 40. O quadro, modificado por nós, é o seguinte:

²² Tentamos evitar o uso de metáforas relacionadas à morte de um ser vivo para expressar o uso cada dia mais restrito do judeu-espanhol. Muitas vezes inexitem expressões mais convenientes. Este problema já foi destacado por DENISON (1977). Não desejaríamos em nenhum momento que se entenda que concordamos com a teoria evolucionista de A. Schleicher onde as línguas eram entendidas como "organismos naturais" que possuem vida. Isto é, não podemos aceitar que as línguas desenvolveriam-se de acordo com leis inerentes que não estariam acessíveis à intervenção da vontade humana. (BYNON & PALMER, 1986).

Época	L1	LVT	
Antes de 1492	Hebraico ou aramaico	Variedades do espanhol vernacular	Ladino
Após 1492		Judeu-espanhol vernacular	
Após 1860		Judeu-franhol	
Após 1940		Início da restrição do uso do judeu-espanhol	Início da restrição de uso do ladino
Após 1965		Vestígios do judeu-espanhol?	Vestígios do ladino?
Hoje		Vestígio ou renascimento?	Vestígio ou renascimento?

Quadro 2: Situação lingüística dos sefarditas ao longo do tempo, com base em SEPHIHA(1986)

A periodização feita por RIAÑO (1998:234, 1993:96) também é interessante:

Período	Data	Características
Pré-clássico	Séc. XVI a XVII	- Preponderância inicial do romance arcaico hispânico; - Formação da língua a partir de traduções do hebraico.
Clássico	Séc. XVIII até metade do séc. XIX	- Nascimento do judeu-espanhol até sua libertação das ataduras do hispânico, produto da sua evolução à margem da norma castelhana; - A língua alcança sua maturidade (sic), ficando capacitada (sic) não somente para o trabalho da tradução, como para o da criação de obras literárias.
Moderno	Metade do séc. XIX em diante	- Chegada e aceitação maciça de estrangeirismos, de material extra-hispânico; - A língua se ocidentaliza, principalmente através do francês, surgindo o neojudeu-espanhol. Duas etapas: 1) moderno pleno, de 1861 até a Primeira Guerra Mundial; 2) moderno tardio. Processo de rehispanização até o quase desaparecimento da língua.

Quadro 3: Periodização do judeu-espanhol segundo RIAÑO (1998:24) e (1993:96)

5.3. Sistemas de escrita do judeu-espanhol

Até a Segunda Guerra Mundial, o judeu-espanhol era escrito e impresso em caracteres hebraicos, a despeito da existência do alfabeto latino de domínio de todos. Isso porque, como lembra KOHRING (1991:133) “na Idade Média ler e escrever eram prerrogativas do clero (cristão e islâmico): para os judeus europeus – os sefarditas e os asquenazitas - os caracteres latinos tinham simplesmente uma conotação muito forte para que se tivesse vontade de empregá-los.” As formas usuais de representação do alfabeto hebraico são:

- a) A letra ‘quadrada’, que foi empregada até o século XIX quase exclusivamente nos textos religiosos, obtendo assim uma forte conotação sagrada;

- b) A escrita *rashi*, acróstico de Rabbi Schlomo ben Jizchak (1040-1105), utilizada nos comentários clássicos dos textos sacros em judeu-espanhol e ladino e nos textos em hebraico profano;
- c) O ‘soletreo’, escrita manual, desenvolvida provavelmente a partir da escrita *rashi*, tendo sido utilizada apenas pelos sefarditas, ao contrário da ‘quadrada’, de uso generalizado.

Para o emprego do alfabeto hebraico no judeu-espanhol língua românica, fez-se uso de dois processos para a representação das vogais. O processo de vocalização linear, já existente no final do século I, apresentava as seguintes correspondências:

i) א (alef) – *a, ae, e, i, o*;

ii) ו (waw) – *o, u*;

iii) י (yod) *ae, e, i*;

iv) ה (he) – *a, ae, e, o* no final de palavras.

Essa vocalização linear não deu conta de sanar todos os problemas, já que, além de *alef*, *waw*, *yod* e *he* aparecerem também como consoantes e representarem várias vogais cada uma, dificultando a compreensão do leitor que não conheça bem a língua.

O outro processo seria o da vocalização infralinear ou puntual, desenvolvido a partir do século VIII por gramáticos judeus da Tibéria. Toda vogal da escrita ‘quadrada’ hebraica tem uma representação através de pontos colocados abaixo ou acima da consoante. Esse processo foi usado temporariamente pelos sefarditas principalmente na impressão de textos sagrados em ladino. Apesar da vocalização infralinear reproduzir as vogais do judeu-espanhol sem ambigüidades, ela não se impôs de modo generalizado, como em romances e jornais. As razões poderiam ser não apenas a dificuldade técnica da transcrição dos pontinhos, mas principalmente o fato de em hebraico esse processo ser restrito aos textos sagrados (KOHRING 1991:114).

As circunstâncias da dispersão e a falta de uma norma lingüística deram origem a um grande número de modelos gráficos para expressão dos fonemas, complicando a escrita

hebraica comum. Esta seria uma das razões de encontrarmos notáveis diferenças em textos em judeu-espanhol: além dos problemas das obras serem editadas em diferentes cidades, têm editores de substrato idiomático diverso e autores de escola ou formação diferente (PASCUAL 1988:205). Os variados problemas relacionados aos tipos de caracteres encontrados nos textos sefarditas não podem ser desprezados. No entanto, como a questão por nós abordada é de nível sintático – o fonológico servindo apenas de apoio –, não nos aprofundaremos no assunto.

5.4. Os arcaísmos

Vimos que a língua falada pelos judeus sefarditas expulsos é uma *koiné* das variantes peninsulares do século XV, já que o espanhol não havia ainda fixado suas normas. Como estes falantes são isolados das evoluções que vão ocorrer no espanhol peninsular a partir do século XVI, a língua dos sefarditas conservará um grande número de arcaísmos em todos os níveis gramaticais, como confirma WAGNER (1930:61): “el judeo-español desconoce todas las numerosísimas innovaciones introducidas en el español desde el siglo XV”²³. O ladino utilizado na sinagoga, na escola e nas rezas de textos litúrgicos em casa vai trazer à língua vernacular vários arcaísmos (SEPHIHA 1973:161). O número de exemplos de arcaísmos oferecidos pelos autores é vastíssimo, principalmente os fonológicos e lexicais, mas todos alertam para o fato de haver grande dificuldade de se distinguir entre um regionalismo e um arcaísmo. Citaremos aqui dois exemplos que enfatizam a morfo-sintaxe e semântica.

i) O verbo *toparse*, cujo significado em espanhol de ‘encontrar casualmente’ é bastante restrito, tem em judeu-espanhol um sentido muito mais geral e habitual: pode significar ‘encontrar’, ‘achar’, ‘buscar’, ‘deixar’ e ‘querer’ (PASCUAL, 1977:136)

ii) BARRERA (1996:209) cita um processo complexo: *colar* é um verbo bastante especializado (‘filtrar um líquido’ ou ‘fundir um metal’) em espanhol, enquanto que *kolar*

²³ Trad.: “o judeu-espanhol desconhece todas as numerosíssimas inovações introduzidas no espanhol desde o século XV.”

em judeu-espanhol tem um sentido mais geral. Isto porque em italiano, *colare* combina o sentido de ‘filtrar’ com o de ‘gotejar’ e ‘jorrar’, enquanto ‘couler’ em francês tem o sentido de ‘coar’, ‘passar’, ‘vazar’, ‘fundir’. Temos aqui um arcaísmo de origem espanhola reforçado por um calco do francês e/ou do italiano.

As inovações também estão presentes no judeu-espanhol. No entanto, os exemplos encontrados foram principalmente fonológicos (SALA 1965:182, RÉVAH 1965:187)²⁴.

5.5. Os empréstimos

Um dos aspectos mais marcantes do judeu-espanhol são as influências estrangeiras por ele sofridas. Os empréstimos de todos os níveis gramaticais, inclusive sintático, que é o que mais nos interessa, se tornaram parte integrante do judeu-espanhol, tendo origens variadas: línguas semíticas (hebraico, aramaico, árabe), dialetos ibéricos, outras língua românicas, principalmente o francês e o italiano, línguas balcânicas, especialmente o grego e o turco. Muitos destes empréstimos apresentam muitos problemas de análise, podendo ter origem nas traduções em ladino (VAROL-BORNES 1996:215). Os empréstimos lexicais e morfológicos são menos importantes para nós do que os morfossintáticos e os semânticos, quase sempre ignorados pelos autores, e por isto deixaremos de lado os primeiros e nos fixaremos nestes últimos.

A) O componente semítico

BENTOLILA (1996:29), em seu artigo sobre os componentes hebraicos no judeu-espanhol do Marrocos afirma que “la grande majorité d’hébraïsmes dans ce dialecte consisterait en expressions calquées, souvent introduites par l’intermédiaire du ladino.”²⁵ Isto era possível porque, como lembra GUTWIRTH (1996:131), nos séculos anteriores ao XIX, as traduções da Bíblia, a liturgia e o Talmud tinham um papel muito mais intenso na vida dos sefarditas

²⁴ Para inovações relativas aos verbos do judeu-espanhol, veja-se SALA(1983)

²⁵ Trad.: “a grande maioria dos hebraísmos neste dialeto consiste em expressões calcas, frequentemente introduzidas através do ladino”.

do que os atuais. Os hebraísmos puros seriam provavelmente empréstimos diretos do hebraico, que se manifestavam na gramática dos conhecedores da literatura tradicional e que, por terem sido repetidos freqüentemente, tinham seu uso generalizado. É deste modo que podíamos ouvi-los também na boca de pessoas com formação hebraica restrita, como no caso das mulheres.

SEPHIHA(1986:63) chega a cunhar o termo *ladinização*, que seriam os empréstimos do ladino para o judeu-espanhol vernacular (que ele chama de *djudezmo*), afirmando em sua tese que a interpretação lingüística de textos judeu-espanhóis tem que levar em conta o surgimento da ladinização. Alguns exemplos de empréstimos tendo o hebraico como língua doadora:

a) morfologia (HARRIS 1994:78)

- *dezmalado* ‘azarado’: hebr. *mazal* ‘sorte’ + sufixos **des-** e **-ado** do esp.;
- *ladronim* ‘ladrões’: esp. ‘ladrón’ + sufixo masculino plural hebraico **-im**;
- *azer kavod* ‘honrar’: je. ‘azer’ (fazer) + hebr. *kavod* ‘honra’
- *purimlikes* ‘presentes de Purim’²⁶: hebr. ‘purim’ + sufixo para formação de substantivo turco **-lik** e sufixo plural esp. **-es**.

b) sintaxe - *calco kada uno i uno* ‘todos’: hebr. *kol exad ve exad* ‘cada um e todos’

- *pelear una pelea, ermoso entre los ermosos*, cópia do estilo hebraico
- *a las vejezes* ‘na velhice’, literalmente ‘às velhices’, calco exato do hebraico;
- *vidas largas* ‘vida longa’ literalmente ‘longas vidas’, também calco exato do hebraico.

(SEPHIHA 1986)

- conectores usados regularmente: *agá de* ‘inclusive’, *afilú* ‘até mesmo’, *ulay* ‘talvez’
- alguns dos verbos freqüentes em judeu-espanhol ocorrem com pronomes do hebraico/aramaico ou formas do particípio nominal, e juntos produzem verbos compostos:

²⁶ Festa que comemora a vitória dos judeus persas sobre Amã, conselheiro perverso do rei.

dar perúš ‘explicar’, hebr. *perúš* explicação; *tener azlaxá* ‘ter sucesso’, hebr. *haclaha* sucesso. (SCHWARZWALD 1996:149)

B) O componente românico

O componente ibérico

Já vimos que na época da expulsão, a Península Ibérica apresentava acentuada variedade dialetal, fazendo com que os judeus expulsos falassem dialetos bastante distintos uns dos outros. Alguns exemplos (HARRIS, 1994:101) com seu dialeto de origem são:

- a) Leonês: conservação do **-mb-** latino em meio de palavra: *solombra* ‘sombra’, *palomba* ‘pomba’, *lombo* ‘costas’, *lamber* ‘lamber’;
- b) o sufixo diminutivo **-iko** também existe no aragonês;
- c) asturiano: *bavažadas* ‘bobagem’, *golor* ‘cheiro’;
- d) catalão: a expressão *kale ke* ‘é necessário’, ainda utilizada no catalão atual e também no aragonês;
- e) português e/ou galego, já que, devido às similaridades entre uma língua e outra, torna-se difícil saber-se a origem exata do empréstimo: *agora*, *ainda*, *bucho* ‘barriga’, *contente*; uso da segunda pessoa do plural do pretérito **-tes**.

O italiano

Algumas preposições, advérbios e conjunções:

- je. ‘ma’ (mas) < it. ‘ma’
- je. ‘fina ke’ (até) < it. ‘fino’
- je. ‘verso’ (em direção a) < it. ‘verso’
- je. ‘dunke’ (então, assim) < it. ‘dunque’
- je. ‘alora’ (então) < it. ‘allora’

O francês

- a) morfologia: infinitivo terminado em **-ar**, no lugar de esp. **-ir**, em analogia com a primeira conjugação do infinitivo em francês – **er**:
- je *preferar*: esp. *preferir* e fr. *préférer*;
 - je *korižar*: esp. *corregir* e fr. *corriger*.
- b) sintaxe:
- calco je. *dile de venir* ‘diga-lhe que venha’ < fr. *dis-lui de venir*, ao invés de esp. *dile que venga*;
 - calco je. *de mas en mas* ‘mais e mais’ < fr. *de plus en plus*, ao invés de esp. *cada vez más*;
 - calco je. *žugar rolo* ‘exercer um papel’ < fr. *jouer un rôle*, ao invés do esp. *desempeñar un papel*

D) O componente balcânico

VAROL-BORNES(1996) nos alerta para o problema de muitos processos de empréstimo do turco e do hebraico coincidirem, ficando difícil estabelecer, sobretudo em relação aos pleonasmos e reduplicações, o que seria um turquismo e o que seria um hebraísmo. A autora fornece dois casos “indubitáveis” de origem turca:

- a) posição do determinante diante do determinado. Na fala de sefarditas de Istambul da segunda metade do século XX, estrutura do tipo *de Moíz el padre* (o pai de Moisés), onde a preposição sinaliza a função gramatical, é quase sistemática em judeu-espanhol. Em contextos onde não há ambigüidade, o complemento do substantivo se expressa pela simples anteposição do determinante em relação ao determinado: *el rav d'agora la mujer era direktrisa de la skola Alyansa*. (a mulher do rabino atual era diretora da escola da ‘Aliança’); *amiga de mi ermana la madre* (a mãe de uma amiga da minha irmã). Estas construções são recentes, mas a autora lembra que o castelhano medieval apresenta estruturas do tipo *Atiença las torres* (as torres de Atiença), assim como o castelhano falado pelos quechuófonos.

b) Expressão aspectual do repentino. Em turco, o repentino, isto é, uma ação que ocorre subitamente, pode ser expressa por justaposição do particípio aorista, imediatamente seguido pela sua forma negativa. Em judeu-espanhol, o particípio aorista é interpretado como pessoa de um verbo conjugado: *salyó no salyó...* (no exato momento em que saiu.../apenas saiu...); *Lo vido no lo vido, ampesó a gritar* (no exato momento em que o viu, começou a gritar).

c) semântica: je. ‘barut’(comida temperada ou pessoa ‘de pavio curto’) < t. ‘barut’ (pólvora); (HARRIS 1994)

Após termos tido uma primeira aproximação à língua judeu-espanhola, nos concentramos no próximo capítulo no arcabouço teórico-metodológico empregado na presente dissertação.

CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

“Le linguiste des emprunts fait penser à un policier du service des étrangers. Si, dans beaucoup de cas, sa besogne est relativement facile, il en est d’autres où l’enquête se resserre si bien que le policier se change en détective.”

Louis Deroy

Após termos caracterizado o judeu-espanhol, fornecendo dados do seu ambiente socio-histórico e enunciado a hipótese a ser comprovada, apresentaremos o referencial teórico-metodológico tomado para a abordagem do processo de reanálise ocorrido. Antes disto, será apresentado o *corpus* sobre o qual a análise das estruturas com LOC se baseará, formado por textos narrativos dos séculos XX, XIX e XVI.

Conforme BYNON (1986:2), os textos escritos estão estruturados de acordo com as regras sincrônicas em funcionamento na época em que foram produzidos, sendo possível desta forma abstrair a estrutura gramatical da língua de cada período. Ao compararmos as sucessivas gramáticas sincrônicas, seremos capazes de observar as mudanças ocorridas nesta língua.

1. O *corpus* selecionado

Para a formação do *corpus* da pesquisa, demos preferência à prosa em detrimento de outros estilos, já que o número de estruturas relativas é maior nesse tipo de texto: “A documentação em prosa literária, sem dúvida, será a que fornecerá elementos mais diversificados para o estudo da morfo-sintaxe e da sintaxe *lato-sensu*” (MATTOS E SILVA, 1989:40).

Em todo caso, devido à grande dificuldade encontrada para o acesso aos documentos pertinentes, o *corpus* sofreu restrições de nível prático. Além deste problema, nos utilizamos de obras cuja transcrição em caracteres latinos já se encontrava realizada, pois a

escrita em caracteres hebraicos diminuiria a velocidade de leitura. Foram feitos três cortes sincrônicos:

Século	Obras
XX	<i>Un marido entre dos mužeres</i> (1913) Novelas aljamiadas do princípio do século XX (1901-1912)
XIX	<i>Séfer lel Šimurim</i> (1818) <i>Séfer menorat hamaor</i> (1877)
XVI	<i>Crónica de los reyes otomanos</i> (1567) <i>Pentateuco de Constantinopla</i> (1547)

Quadro 4: Obras integrantes do *corpus*

Os cortes sincrônicos acima foram assim feitos por duas razões básicas: i) há um espaço de tempo de aproximadamente quatrocentos anos entre os texto mais recente e o mais antigo, facilitando o estudo sistemático da mudança sintática, já que a diferença é suficientemente grande para permitir que as mudanças estejam completadas sem perder no entanto a continuidade necessária para que seja considerada uma mesma língua (BYNON, 1986:6); ii) o francês iniciou sua influência intensa sobre os judeus sefarditas a partir do final do século XIX. *Séfer lel Šimurim* (1818), o mais extenso dos textos do século XIX é anterior às transformações que ocorreram com o judeu-espanhol no momento do seu contato com o francês. Assim, os processos presentes no *corpus* do século XIX não podem ser decorrentes deste contato. Poderemos assim discernir mais facilmente o grau de influência do francês sobre a reanálise de certas estruturas com LOC do judeu-espanhol.

1.1. O *corpus* do século XX

O *corpus* do século XX é composto por um conjunto de novelas da segunda década deste século. Faremos uma descrição do ambiente da época para depois focalizarmos os textos em si.

O surgimento da novela sefardita por volta da segunda metade do século XX é um dos resultados do processo de ocidentalização e imitação do padrão europeu pelo qual passou, não só os judeus, mas como toda a comunidade turco-balcânica da época (BARQUÍN 1997:9). No final do século XIX, os romancistas sefarditas, usualmente vinculados à imprensa e conhecedores de línguas estrangeiras, não só criavam obras originais, mas principalmente traduziam obras já existentes para o judeu-espanhol, manipulando livremente o texto e apresentando-os usualmente sob a forma de folhetins. As fontes principais destas traduções foram o francês e o hebraico. A influência do italiano, e principalmente do francês, línguas de cultura dos sefarditas, é visível em todos os aspectos da língua destas novelas, traduzidas ou originais. Boa parte destes romancistas não eram literatos propriamente ditos, mas sim comerciantes e profissionais que escreviam esporadicamente, muitas vezes incentivados apenas pelo lucro econômico, sendo definidos por ROMERO (1992:232) como “subproduto da intelectualidade francesa”.

Apresentar o texto em judeu-espanhol e em caracteres hebraicos, principalmente em rashi (cf. Cap.1, seção 5.3), era imprescindível para que a grande maioria dos sefarditas pudesse lê-los, já que tinham grande dificuldade de ler em caracteres latinos. Um editor de Salônica em 1922 testemunha: “Miles de personas de nuestra ciudad non conocen bueno que¹ el judeo-espanol; todas sus lecturas non pueden ser hechas que en esta lingua” (apud ROMERO 1992:234).

O público desejava textos de leitura fácil, apenas para entretenimento, levando o mercado a se inundar de histórias sensacionalistas e sentimentais, relacionadas ou não ao mundo judaico. A preocupação em escrever em uma linguagem simples e acessível é constante, já que seu público era cultural e intelectualmente baixo, como afirma o romancista Eliyá Carmona:

“Habiendo remarcado que el que melda el espanol es aquel que no conoce ni el turco ni el frances, yo empecí a escribir en un lenguaje popular que mismo criatura² y viejas lo entendían, y así mis chicas consejicas empezaron a tener lleno sucesso.” (apud ROMERO 1992:237)

¹ ‘somente’
² ‘criança’

Haveria na verdade “uma corrente de influência em dupla direção: obra-público e público-obra” (BARQUÍN 1997:171): enquanto a obra leva ao leitor tradições e culturas ocidentais, o leitor demanda da obra amor, aventura, justiça, paixão, assuntos inexistentes na literatura religiosa por ele lida até então.

A repercussão que estas novelas tinham sobre a comunidade sefardita é difícil de ser quantificada e qualificada, já que há pouca informação reunida e coesa. O mesmo pode ser dito quanto a este público. O que se sabe sobre a população sefardita da cidade de Esmirna, por exemplo, é que, por volta de 1912, era composta por mais de 25.000 indivíduos e menos de 40.000, já que as fontes mais uma vez não são confiáveis. A maioria da população judaica na primeira década deste século era bastante pobre, carecendo de qualquer formação profissional. A Aliança Universal Israelita alcançava uma minoria numérica dos judeus turcos em fase escolar. Segundo RODRIGUE (1990:93) apud BARQUÍN (1997:157), em Istambul e em Esmirna somente a terceira e quinta parte respectivamente das crianças iam à escola da ‘Aliança’.

Como visto, o meio pelo qual os setores populares tinham acesso aos modelos da cultura ocidental, obtido pela elite através da Aliança era a imprensa. Segundo BARQUÍN (1997:166)

“Efectivamente, en los fragmentos que hemos entresacado de *El Meseret*³ percibimos una clara intención didáctica en los periodistas, extensible a los adaptadores-impresores de novelas. Hemos observado ya su interés por dignificar la lengua acercándola a otras occidentales de más prestigio, mediante el procedimiento de adoptar préstamos de todo tipo que se supone que el lector acabará aprendiendo e incorporando a su expresión”.⁴

Além de empréstimos em todos os níveis (gráficos, sintáticos, etc.) evitava-se o uso de termos ‘orientalistas’ como os do hebraico e os balcânicos em geral.

³ Jornal da primeira década do século XX publicado em Esmirna.

⁴ Trad.: “Efetivamente, nos fragmentos que tiramos do ‘El Meseret’ percebemos uma clara intenção didática dos periodistas, extensível aos adaptadores-impresores de novelas. Observamos já seu interesse em dignificar a língua aproximando-a a outras ocidentais de mais prestígio, através do processo de adoção de empréstimos de todo tipo que se supõe que o leitor acabará aprendendo e incorporando à sua expressão.”

1.1.2. *Un marido entre dos mużeres* (1913)

A novela *Istorya interesante de el emperador Bazil el segundo i el rabbî, o un marido entre dos mużeres*, 141 páginas, anônima é uma das obras que compõem o *corpus* do século XX, sendo a obra pela qual nos interessamos e nos iniciamos pelos problemas relacionados ao ONDE e à reanálise. Segundo MARTINEZ (1978)⁵, responsável pela transcrição e introdução à obra, esta carece de qualquer referência ao autor ou à sua data de publicação, sendo 1913 o ano mais provável para tal. Foi editada em Esmirna, cidade particularmente importante para o desenvolvimento da imprensa em língua francesa.

O texto original é ‘aljamiado’⁶, isto é, apresenta-se escrito em caracteres hebraicos representantes dos sons do judeu-espanhol. O texto da edição à qual tivemos acesso está transliterado para os caracteres latinos. A obra é avançada na técnica de composição da época: sempre que o ponto aparece, está bem colocado e além disso a fala dos personagens é antecedida por travessão. A escrita utilizada no original é a rashi. “El estilo es sencillo, sin complicaciones retóricas, y esmaltado de giros populares.”⁷(MARTINEZ 1978:19), já que o objetivo da novela é explicitamente didático, destinada a um leitor não muito culto. As conseqüências funestas da poligamia, tolerada no século X, época dos eventos, na vida do personagem principal são uma maneira de incentivo à monogamia, fator de suma importância para a manutenção do povo judeu. Fatos históricos e personagens verídicos são modificados e misturados aos fantasiosos. Não faltam à história emoção, mortes, amores proibidos, traições, personagens maniqueístas e um evidente objetivo moralizador, bem ao gosto do público-alvo.

⁵ Tanto ROMERO (1992) quanto BARQUÍN (1997) alertam para o fato do texto introdutório de MARTÍNEZ apresentar erros, sem no entanto especificá-los. Já HASSÁN (informação verbal, 1999) alerta para problemas na transliteração. Esta foi, no entanto, a obra mais facilmente encontrada no Brasil no momento da definição do *corpus*.

⁶ Etimologicamente o termo vem do árabe *al-'aymiya*, ‘língua castellana’, originariamente usado para os textos castellanos em caracteres arábicos, tendo se estendido depois aos domínio hebraico. (GONZALO & PASCUAL 1964:19)⁶

⁷ Trad.: “O estilo é sucinto, sem complicações retóricas, e esmaltado de expressões populares.”

1.1.3. Novelas aljamiadas sefarditas do princípio do século XX (1901-1912)

O *corpus* do século XX também é composto pelos textos selecionados por Amelia Barquín López para sua tese de Doutorado intitulada *Edición y estudio de doce novelas aljamiadas sefardíes de principios del siglo XX*. Seu *corpus* é constituído por doze curtas novelas aljamiadas publicadas em Jerusalém entre 1900-1901 e 1911-1912, tendo aparecido anteriormente em caracteres rashi no jornal *El Meseret* de Esmirna, dirigido por Alexandr Ben-Guiat. Listamos em seguida o título de cada novela, seguido da transcrição da sua portada e do ano de publicação (BARQUÍN 1997:17-25):

1. Baños de sangre/ Romanzo imitado por Alexandr Ben-Guiat/1908
2. La brigante/ Romanzo imitado por Alexandr Ben-Guiat/ 1909
3. La cabeza cortada/ Romanzo treslado por Alexandr Ben-Guiat/ 1902-1903⁸
4. Cascambó/ Imitado por Alexandr Ben-Guiat/ 1905
5. La hermośa vivda/ Por Alexnadr Ben-Guiat/ 1910
6. Leónidas el nadador/ Por Alexandr Ben-Guiat/1908
7. La maldición del iudió/ Imitado por Alexandr Ben-Guiat/ 1901-1902
8. El muerto que está vivo/ Por Alexandr Ben-Guiat/1098
9. La nave hechićera/ Imitado por Alexandr Ben-Guiat/ 1905-1906
10. Pablo y Virgínia/ Romanzo por Bernardín de San Pier. Imitado del francés por Alexandr Ben Guiat/ 1911-1912
11. Perdidos en mar/ Imitado por Alexandr Ben-Guiat/ 1901
12. Salvado por su hiía/ Imitado por Alexandr Ben-Guiat/ 1905

Alexandr Ben-Guiat (1869-1924), polifacético e prolífico escritor sefardita de Esmirna, conhecia não só o judeu-espanhol como o turco, o grego, o francês e o hebraico. Além de dirigir e editar periódicos, redatava artigos e compunha, adaptava e resumia poesias, narrações e peças teatrais. O seu semanário *El Meseret* (1897-1922) era em judeu-espanhol, com uma ou mais páginas em turco a partir de 1899-1900, cujo público teria sido composto

⁸ Apenas o ano judaico foi localizado, não sendo possível localizar o texto em um único ano gregoriano.

por sefarditas de baixo nível social e com recursos econômicos limitados, que não sabiam ler na língua da moda, o francês: “*El Meseret* es un jornal para ser meldado de aqueos que no conocen otra lengua más que el judesmo”, explica o editor (BARQUÍN 1997:90)

A questão da autoria das novelas do *corpus* é bastante complicada. BARQUÍN (1997:cap. 3) nos convence que, mesmo quando uma obra é ‘por Alexandr Ben-Guiat’, que induz o leitor a crer que este seria o seu autor, ela pode ser de fato uma tradução feita pelo autor de uma obra pré-existente, ou até mesmo uma adaptação ou resumo intermediário também em francês, ou em turco. Na verdade, Ben-Guiat é mais que tradutor das novelas, mas sim seu adaptador, fato comprovado por incoerências internas e por algumas fontes encontradas pela autora. Além do mais, parte das novelas que levam o nome de Ben-Guiat, provavelmente não foram traduzidas ou adaptadas por ele, mas sim por algum outro integrante do seu jornal.

1.2. O *corpus* do século XIX

O *corpus* do século XIX provém da edição de Elena Romero de textos sefarditas relacionados à circuncisão, um dos preceitos fundamentais do judaísmo. *Séfer lel Šimurim* (1818)⁹ e *Séfer menorat hamaor* (1877) foram os textos por nós selecionados, todos eles originalmente redigidos em hebraico. O segundo texto apresenta menos ocorrências do LOC, já que a editora transcreveu apenas as passagens relacionadas à circuncisão, tendo sido selecionado por apresentar o LOC sob a forma de ANDE, que não havia aparecido nos outros textos.

1.2.1. *Séfer lel Šimurim* (1818)

Segundo ROMERO (1998), o *Séfer lel Šimurim* (1818) é um texto destinado a ser lido na noite anterior à circuncisão de um menino judeu, quando a família e amigos se reúnem para

⁹ Também foi verificada a edição de Vilna de 1883 de ROMERO (1987). As construções com LOC eram idênticas às da versão que utilizamos e que foi preferida por ser mais antiga.

‘velar’ o recém-nascido com o intuito de afugentar os maus espíritos. A obra foi composta em 1818 em Salônica pelo rabino Yišhac Amarillo, sendo editada um ano depois, quando foi “treśladado en Viena palabra por palabra.” A obra, segundo o próprio autor, está escrita em “ladino”:

“Y lo escribí en ladino, siendo que en esta noche de šemirá¹⁰ se topan todo modo de ĝente y también mancebicos que aínda van anvezar liciones y gustan de sentir unos acontecimientos que non sintieron en aquella edad y con ello topan y ellos su gusto y no se durmen, y topan lo que meldar sin que yeren ninguna cośa. Y también cualquier bá’al habayit¹¹ que sabe meldar puede meldar también de este librico.” (p.45)

1.2.2. *Séfer menorat hamaor* (1877)

O *Séfer menorat hamaor* (1877) é um comentário narrativo do texto bíblico escrito em Esmirna por Yišhac Aboab, que faz alusão às fontes das quais se baseiam seus comentários, mantidas pelo tradutor anônimo judeu-espanhol (ROMERO 1998:31). A quantidade de informações sobre estes textos é restrita porque a publicação de Elena Romero é recente, 1998.

1.3. O corpus do século XVI

1.3.1. *Crónica de los reyes otomanos* (1567)

O número de obras de criação livre que chegou até nós do século XVI é bastante restrito, sendo uma delas *A Crónica de los reyes otomanos*, da autoria de Mosé Almosnino (1518-1580). A edição crítica por nós consultada foi feita por Pilar Romeu Ferré, cuja introdução ao texto nos fornece as informações que se seguem.

Almosnino nasceu em Salônica, originário de uma família rica e nobre obrigada a abandonar a Península Ibérica no momento dos acontecimentos de 1492. Seu pai, que deu a

¹⁰ guarda

seu filho uma esmerada educação rabinica, foi dirigente da comunidade catalã de Salônica, que posteriormente terá Almosnino como rabino. Apesar de expressar-se geralmente em “sefardí”, termo empregado pela editora, conhecia o hebraico, tendo escrito nesta língua variados comentários bíblicos e mishnaicos, comentários de obras filosóficas e uma obra sobre geografia e astronomia.

A cópia manuscrita aljamiada da *Crónica de los reyes otomanos* utilizada pela autora, uma das várias obras em romance de Almosnino, foi escrita em 1567 em Salônica. Além do texto carecer de vocalização ao estilo hebraico, não são utilizadas vírgulas, sendo a pausa indicada somente algumas vezes por travessão ou dois pontos. O texto consta de duas crônicas relacionadas à história turca – “Crónica de la muerte de Suleimán I y la subida al trono de Selim II” e “Crónica del gobierno de Suleimán I”, uma narração descritiva da cidade de Constantinopla e um relato histórico de “Las negociaciones de la delegación de Salónica ante la Corte de Suleimán”.

Quanto à língua da obra, ROMEU (1998:37) afirma que

“Almosnino escribió esta obra en **lengua española** porque la dirigía a un público judío que en su mayoría desconocía el hebreo, y que tampoco conocía suficientemente las lenguas de los países de su nuevo establecimiento. El propio Almosnino se hizo eco muchas veces de este vacío lingüístico que afectaba a la gran masa de la población. Aun siendo un hombre erudito, con clarísima finalidad educativa se tomaba el trabajo de escribir para las gentes del pueblo en **español** con letras hebreas, que son las que se enseñaban en las escuelas incluso a las mujeres.”¹²(grifos nossos)

Para sermos mais precisos, a obra de Almosnino não pode ser considerada nem como escrita em castelhano padrão do século XVI e nem como judeu-espanhol, pois, como afirmam ROMEU & HASSÁN(1992:169) há apenas “indicios de aquellos rasgos en los

¹¹ chefe de família

¹² ad.: “Almosnino escreveu esta obra em língua espanhola porque era dirigida a um público judeu que na sua maioria desconhecia o hebraico, e que muito menos conhecia suficientemente as línguas dos países de seu novo estabelecimento. O próprio Almosnino comentou várias vezes sobre este vazio lingüístico que afetava a grande massa da população. Apesar de ser um homem erudito, com claríssima finalidade educativa se dava ao trabalho de escrever para as pessoas do povo em espanhol com letras hebraicas, que eram as ensinadas nas escolas, inclusive às mulheres.”

que el sefardí ha sido innovador respecto a sus orígenes castellanos”¹³. ROMERO (1992:18) é quem faz a melhor classificação: a *Crónica...* foi escrita “en castizo aljamiado pero en una lengua en la que apenas se atisban aún rasgos diferenciales con el espanol de su época y que a lo sumo podemos calificar de pre-judeoespanol”¹⁴

A construção das frases é proustiana no que se refere ao tamanho, mas não ao nível de coesão e compreensão. A ausência de nexos sintáticos explícitos e divagações fazem com que a compreensão das frases se torne mais complexa ainda. Do ponto de vista lexical, a editora (ALMOSNINO, 1998:41) afirma que o texto conserva grande quantidade de palavras do castelhano medieval, assim como traços dialetais e vulgarismos: *punir*, *saradas* para *fechadas* (oc. *sarrar*), etc. Por outro lado, encontramos alguns termos que só aparecerão documentados em castelhano depois da redação da *Crónica...: loconteniente* (cast. *lugarteniente*), *debajo*, *forro*.

1.3.2. *Pentateuco de Constantinopla (1547)*

Com o isolamento forçado pela expulsão e pelo hábito de serem espanhóis e judeus ao mesmo tempo, os sefarditas do Império Otomano adotaram ‘pautas’ literárias que mantinham o espírito religioso, já que para o sefardita e para o judeu praticante em geral, o religioso é uma categoria que faz parte das suas atividades quotidianas, englobando seu patrimônio mental e vivencial transmitido de geração a geração, indo além do meramente teológico e doutrinal (ROMERO 1992:22). Esta manutenção do espírito religioso foi feita com a mesma língua castelhana que utilizavam em seus lares e nas relações entre si. Tal situação daria origem a

“Una peculiar literatura, sólo esbozada en España antes de la expulsión, impregnada de hebraísmos, para cultivar con el tiempo todos los géneros conocidos, pero especialmente y en principio traducciones bíblicas, glosas exegéticas con fondo talmúdico, tratados de moral, devocionarios, etc.” (PASCUAL 1988:26)¹⁵

¹³ Trad.: “indícios daquelas características nos quais o sefardí foi inovador em relação às suas origens castelhanas.”

¹⁴ Trad.: “em arcaico aljamiado porém em uma língua onde se apenas vislumbram ainda traços diferenciais em relação ao espanhol de sua época e que em suma podemos qualificar de pré-judeu-espanhol.”

¹⁵ Trad.: “Uma literatura peculiar, somente esboçada na Espanha antes da expulsão, impregnada de

O nascimento deste tipo de literatura em ladino foi facilitado pela presença de exemplares manuscritos da Bíblia em castelhano calcadas do original em hebraico, usadas inicialmente pelos expulsados.

Em 1547 publica-se em Constantinopla os primeiros cinco livros do Antigo Testamento – chamados de Torá pelos judeus – obra conhecida como *Pentateuco de Constantinopla*. Esta Torá poliglota foi escrita em hebraico, aramaico, judeu-grego e judeu-espanhol, sempre em caracteres hebraicos: no centro de cada página temos o texto original em hebraico, no alto a paráfrase em aramaico, à esquerda a tradução em judeu-grego, abaixo o comentário em hebraico, e finalmente à direita o texto em ladino (SEPHIHA, 1971:50). O editor justifica as traduções para o judeu-grego e o judeu-espanhol por serem as línguas mais comuns dos judeus habitantes do Império Otomano. A coluna em judeu-espanhol, considerada durante anos como anônima, parece ter sido traduzida por Mendes de Castro (PASCUAL 1988:26). A edição utilizada por nós foi a de LAZAR(1988).

2. Pressupostos teórico-metodológicos

2.1. As principais correntes teóricas

Quando entramos em contato com a bibliografia disponível relativa ao judeu-espanhol, ficamos surpreendidos com a quase inexistência de estudos sintáticos e diacrônicos. Os primeiros são relegados a segundo plano em favor dos estudos lexicais e fonológicos, enquanto os segundos em favor dos estudos sincrônicos ou os de história externa.¹⁶

Uma das causas mais óbvias do problema seria o número bastante restrito de textos do judeu-espanhol transcritos para os caracteres latinos. No entanto, estas ausências são reflexo de um problema mais abrangente relacionado não somente ao estudo do judeu-

hebraísmos, para cultivar com o tempo todos os gêneros conhecido, mas especialmente e em princípio traduções bíblicas, glosas exegéticas com fundo talmúdico, tratados de moral, devocionários, etc.”

¹⁶ Veja-se BUNIS(1981)

espanhol, mas sim aos estudos lingüísticos como um todo, já que, até recentemente, a sintaxe histórica havia sido estudada de forma bastante fragmentada.

Ferdinand de Saussure, Noam Chomsky e William Labov poderiam ser considerados os representantes das principais correntes teóricas da lingüística no século XX. Seriam eles os maiores expoentes do estruturalismo, gerativismo e sociolingüística, respectivamente. Como as mudanças aqui estudadas estão intrinsecamente ligadas a fatores externos à língua, detalharemos melhor a sociolingüística.

O **estruturalismo**, a linha de pesquisa saussureana, reconhece a importância do sistema e da estrutura para a compreensão da natureza das unidades lingüísticas. Sua concepção da língua é imanentista, já que a linguagem é assumida como um objeto autônomo, definido por relações puramente lingüísticas, internas. Assim: “jamais le système n’est modifié directement; en lui-même il est immuable; seuls certains éléments sont altérés sans égard à la solidarité qui les lie au tout.”¹⁷ (SAUSSURE 1985:121) Uma mudança isolada acarretaria conseqüências gerais e modificaria o equilíbrio do sistema inteiro.

O **gerativismo**, que nos remete a Chomsky, baseia-se nos princípios que governam as estruturas universais da linguagem. As línguas só podem ser compreendidas através dos princípios (*constraints*) das gramáticas que as geraram e da aquisição dessas gramáticas. Como afirma CHOMSKY (1995:50):

“Work of the past few years has to some extent succeeded in identifying general principles of language that can be attributed to initial endowment, with options of variation restricted to subparts of the lexicon, the ‘computational system’ of language that determines the forms and relations of linguistic expressions may indeed be invariant; in this sense, there is only one human language, as a rational Martian observing humans would have assumed. Acquisition of a particular language is the process of fixing the lexical options on the basis of simple and accessible data.”¹⁸

A **sociolingüística**, enfatiza a natureza de princípios da variação lingüística. Estudam-se

¹⁷Trad.: “O sistema nunca é modificado diretamente; ele é imutável por si só; somente alguns elementos são alterados sem se levar em conta a solidariedade que os liga ao todo.”

¹⁸ Trad.: “O trabalho dos últimos anos conseguiu, de alguma forma, identificar princípios gerais da linguagem que podem ser atribuídos a um dom inicial, com opções de variação restritas a subpartes do léxico. O ‘sistema computacional’ da linguagem que determina as formas relações das expressões lingüísticas podem ser invariáveis; nesse sentido, há uma única língua humana, como pensaria um marciano racional ao observar os humanos. A aquisição de uma língua específica é o processo de fixação das opções lexicais com base em dados acessíveis e simples.”

as correlações sistemáticas entre formas lingüísticas variantes e determinados fatores sociais, tais como sexo, escolaridade, renda, prestígio social. A dimensão social da variação lingüística é adicionada ao estudo da variação lingüística.

A mudança é vista como um *processo* que implica em variação. Em geral, esta substituição é representada pelas mudanças nas freqüências relativas das variantes e nos fatores restritivos ambientais. Atrás de um processo de mudança lingüística há principalmente uma motivação social, já que as variantes recebem diferente avaliação social, podendo ser adotadas ou rejeitadas. LABOV(1982:23) afirma que

“A satisfactory general theory of language change would give an account of the antecedent conditions that determined the initiation, rate, direction and termination of a given change and eventually the set of such conditions for language change in general.”¹⁹

Um outro problema importante abordado por LABOV(1982:28) é o da avaliação: como membros de uma comunidade de fala avaliam uma certa mudança, e qual é o efeito desta avaliação na mudança? Pode a direção de uma língua ser interrompida ou revertida sob o efeito do estigma social? Mais perguntas pertinentes poderiam ser feitas, mas pode-se concluir que os fatores sociais/externos e lingüísticos/internos estão intimamente interrelacionados no desenvolvimento da mudança lingüística.

Em boa parte das obras, o judeu-espanhol, língua documentada e com um percurso de grande riqueza, é tratado como um monolito disforme e inerte, impossível de ser sistematizado e por conseguinte estudado, devido às variações decorrentes dos empréstimos tomados de outras línguas ou ao contato com estas. Aliado a isto, não possui uma norma esclarecida através de gramáticas e manuais²⁰. Esta ausência de estudos diacrônicos aprofundados da sintaxe do judeu-espanhol integra a justificativa para um estudo do processo de reanálise do judeu-espanhol de certas estruturas compostas por ONDE, DO, AONDE, ADO, O, ANDE, ADONDE, DONDE e ONDA.

¹⁹ Trad.: “Uma teoria geral satisfatória da mudança lingüística daria conta das condições anteriores que determinaram o início, a freqüência, direção e término de uma dada mudança e eventualmente o conjunto de tais condições para a mudança lingüística em geral.”

²⁰ A obra de VAROL(1998), que nos pareceu bastante coesa e sistematizada, é um caso atual de que a língua pode ser organizada e ensinada. Seu manual oferece um curso completo de judeu-espanhol para falantes do francês.

2.2. Sintaxe histórica

A lingüística sincrônica relaciona elementos simultâneos das línguas em um ponto teoricamente estático no tempo, descrevendo este período da língua sem se levar em conta mudanças que possam ter ocorrido. Os modelos sincrônicos de análise sintática de um certo estado da língua devem, segundo SOUTET (1995:273): a) classificar: os fatos não devem ser apenas levantados, mas também ordenados; b) explicar: os fatos devem ser explicados a partir de um número pequeno de operações; c) explicitar: os procedimentos explicativos colocados em funcionamento devem ser controlados permanentemente.

Já a Lingüística Histórica ou Diacrônica “seeks to investigate and describe the way in which languages change or maintain their structure during the course of time”²¹ (BYNON, 1986:1), necessitando assim das descrições gramaticais sincrônicas dos sucessivos estados de língua, como visto no início deste capítulo. A partir daí estaremos preparados para investigar o processo de mudança que nos levará à apreciação da nossa hipótese.

No primeiro momento da nossa pesquisa, faremos três estudos sincrônicos distintos no judeu-espanhol: descreveremos as estruturas compostas por LOC dos séculos XX, XIX e XVI. Os processos em questão serão descritos levando-se em consideração as informações contidas nas estruturas ao nível da estrutura superficial (es). Esta mesma estrutura possui paralelamente um nível subjacente de organização estrutural que especifica todos os fatores que regem a maneira como uma sentença deve ser interpretada. As seguintes informações gramaticais estão contidas na estrutura subjacente:

- i) constituência
- ii) estrutura hierárquica
- iii) rótulo categorial
- iv) relações gramaticais
- v) coesão (HARRIS & CAMPBELL 1995:55)

²¹ Trad.: “busca investigar e descrever o modo no qual as línguas mudam ou mantêm suas estruturas ao longo do tempo”

Como defendemos uma “postura empírica frente à Linguística Histórica, em que os dados são base para a análise”(COHEN 1994:1, 1986/1989), nossa hipótese relativa às estruturas com LOC será colocada em prova através de dados encontrados no *corpus*. O interesse pelo LOC é um exemplo evidente desta orientação. Por conseguinte, não nos reteremos nas restrições e princípios impostos por um único arcabouço teórico:

“...We are interested in specifying what changes and what stays the same in a given diachronic process, and ultimately in explaining why and how changes take place. Our primary concern is not with how these facts can be accommodated within current theories, but we are attentive to the question of what these historical properties can tell us about linguistic theory. In this sense, *our approach is not theory-driven, but data-driven.*”²²(grifo nosso) (HARRIS & CAMPBELL 1995:5)

Os aspectos da sintaxe do judeu-espanhol por nós recuperados poderão ser compreendidos tendo-se como ponto inicial o que conhecemos do presente. A partir daí, aplicaríamos nossas “intuições/análises” (COHEN 1996:7) à língua antiga. Assim, partiremos do momento lingüístico presente, em direção ao passado, para mais uma vez voltarmos ao presente. Esse movimento de “vai-e-vem”, imprescindível para nosso estudo diacrônico, só é possível tendo-se como pressuposto o princípio uniformitário de Labov (LABOV 1994:21) segundo o qual as forças que operaram para produzir o documento histórico são as mesmas que podem ser vistas em ação hoje.

Os “estranhamentos” (TARALLO, 1990:19) com os quais nos depararemos nos textos serão o ponto crucial para o acesso à língua antiga, já que revelam as diferenças entre os vários momentos da história do sistema. Através deles que identificaremos as possíveis mudanças lingüísticas, que serão tratadas *a posteriori*:

“...Although dealing with the results of the changes, hypothesis as to how language has arrived at a particular form in a particular period of time are put forward. Conditions which determine the changes identified by a preliminary description of the data are postulated.”²³(COHEN, 1986/89:10)

²² Trad.: “...Estamos interessados em especificar o que muda e o que se mantém num dado processo diacrônico, e finalmente em explicar porque e como as mudanças ocorrem. Nossa preocupação primária não é como estes fatos podem ser acomodados dentro de teorias atuais, mas estamos atentos à questão de o que estas propriedades históricas podem nos dizer sobre a teoria lingüística. Neste sentido, nosso enfoque não é dirigido pela teoria e sim pelos dados.”

²³ Trad.: “...Apesar de lidar com os resultados das mudanças, as hipóteses de como a língua chegou a uma forma específica num período ao longo do tempo específico são colocadas posteriormente. As condições que determinam as mudanças identificadas por uma descrição preliminar dos dados são postuladas.”

HARRIS & CAMPBELL (1995:61) propõem três tipos básicos de mecanismos de mudança sintática: reanálise, extensão e empréstimo. Este último será visto em uma próxima seção à parte.

A **extensão** resulta em mudanças na estrutura superficial, não envolvendo modificação imediata da estrutura subjacente.

A **reanálise**, tipo que mais nos interessa, é um mecanismo que afeta a estrutura subjacente de um modelo sintático, não interferindo na sua manifestação superficial. Os autores enfatizam que, para que a reanálise ocorra, é necessária a presença de uma “surface ambiguity or the possibility of more than one analysis (p. 51).”²⁴ A ambigüidade superficial de uma estrutura sintática deve ser entendida como um ‘potencial’ para análises múltiplas. Esta análise potencial será a nova estrutura decorrente do processo de mudança.

Apesar da reanálise transformar apenas a estrutura subjacente de uma estrutura sintática, estas mudanças poderão envolver alguma modificação na estrutura superficial, sendo necessária a atuação de outros mecanismos. Na verdade, tal modificação é em geral parte de processo total de mudança, subsequente à reanálise em si. Apenas a reanálise e o empréstimo podem introduzir uma estrutura inteiramente nova para a língua.

Um outro tipo de mudança é o da **gramaticalização**. HARRIS & CAMPBELL (1995:92) a definem como uma macro mudança envolvendo mais de uma reanálise, já que o sistema sintático é alterado, enquanto a manifestação superficial pode continuar sendo a mesma. Todos os níveis da gramática são alterados simultaneamente, e uma palavra autônoma já existente na língua recebe um caráter gramatical.

2.3. O empréstimo lingüístico

A inadequação do termo ‘empréstimo’ já foi denunciada inúmeras vezes por autores de várias correntes ao longo dos anos, já que o que pertencia inicialmente à língua modelo e

foi tomado pela língua receptora não teve o consentimento da língua modelo e nem lhe será devolvido. No entanto, HAUGEN(1950:212) lembra que este termo tem a vantagem de não ser aplicado por leigos à língua e que se manteve relativamente preciso dentro da lingüística. Além do mais, todos os outros termos criados ('adoção', 'importação', 'difusão') apresentam mais desvantagens que o de 'empréstimo'. O termo então é definido pelo autor como "the attempted reproduction in one language of patterns previously found in another"²⁵. Já para HARRIS & CAMPBELL (1995:51) o empréstimo é definido como a incorporação de um padrão na língua receptora através do contato com a língua doadora.

Uma fronteira do empréstimo é a da **criação autóctone**, neologismos internos desenvolvidos dentro de uma língua sem a existência de um modelo estrangeiro. A diferença entre ambos é muito clara para qualquer lingüista, o problema surge na prática, já que a semelhança entre ambos é muito significativa (GOMEZ 1998 :47): i) o empréstimo compartilha o mesmo processo diacrônico que qualquer mudança lingüística, incluindo os neologismos; ii) o empréstimo compartilha as mesmas motivações que os neologismos: necessidade de novos conceitos, desejo de maior expressividade, etc; iii) ambos possuem um modelo: a língua estrangeira e os mecanismos da própria língua, respectivamente. É assim que podemos também definir o empréstimo como "un tipo especial de neologismo, caracterizado por la imitación (más que la creación) y por tener origen fuera del sistema de la lengua que lo acoge". (GOMEZ 1998 :51)²⁶. Na verdade, o único critério válido para determinar se um termo é uma criação autóctone é o fato de que não haja nenhum modelo na língua estrangeira, sendo necessário assim um conhecimento profundo das línguas em contato (HAUGEN 1950 :221).

O problema se complica quando surge o que HAUGEN(1957:765) apud GÓMEZ (1998 :41) chama de *induced creations*²⁷, que ocupam uma posição intermediária entre os empréstimos e as criações autóctones: por um lado são inovações estimuladas por modelos

²⁴ Trad.: "ambigüidade superficial ou a possibilidade de mais de uma análise"

²⁵ Trad.: "A tentativa de reprodução numa língua de padrões previamente encontrados em outra."

²⁶ Trad.: "Tipo especial de neologismo, caracterizado pela imitação (mais do que pela criação) e por ter origem fora do sistema da língua que o acolhe"

²⁷ Trad.: 'Criações induzidas'

estrangeiros, mas por outro carecem de características formais comuns ao modelo estrangeiro. “La clave de esta compleja categoría radica en el hecho de que son innovaciones estimuladas por un modelo extranjero pero no lo imitan, como hacen las restantes modalidades del préstamo.”²⁸ Pode ser assim considerada como uma variante mais livre do calco (que definiremos a seguir) ou uma mera criação autóctone.

O **calco** é um tipo especial de empréstimo que não imita a entidade fonética do modelo estrangeiro, mas sim aspectos internos, como o esquema de construção morfológica e a significação (GOMEZ 1998 :58). Se o calco não imita a configuração fonética ou o significante do modelo estrangeiro, o que ocorre neste processo é a reprodução de um complexo léxico da língua modelo com os meios formais da língua receptora.

O calco semântico afeta o significado de uma palavra já existente na língua receptora, alterando suas funções. Para DEROY(1956 :215)

“L’influence la moins perceptible qu’une langue exerce sur une autre, se trouve sans doute dans l’emprunt de sens. Comme il n’y a pas de forme nouvelle, le locuteur non averti croit aisément qu’il n’y a rien d’autre qu’une évolution sémantique régulière.”²⁹

O autor toca assim em um ponto delicado no momento de um estudo do empréstimo: se através do calco semântico a única coisa nova que a língua receptora recebe é um novo significado para uma palavra já existente, como teremos certeza de que este significado procede de um modelo estrangeiro e não de um desenvolvimento semântico interno? Em outras palavras: uma mudança semântica foi provocada por fatores internos ao sistema (neologia) ou por fatores que lhe são externos (empréstimo)?

Para BETZ (1959:137, apud GOMEZ 1998 :71), o empréstimo semântico seria uma formação na qual se produz um salto lógico que não pode ser explicado pelo desenvolvimento semântico interno, enquanto que as formações em que se produz um

²⁸ Trad.: “A solução desta categoria complexa está no fato de que são inovações estimuladas por um modelo estrangeiro, mas que não o imitam, como fazem as outras modalidades de empréstimo”

²⁹ Trad.: “A influência menos perceptível que uma língua exerce sobre outra, se encontra sem dúvida no caso de empréstimo de sentido.

desenvolvimento semântico gradual, seria explicado por uma mudança semântica interna. Assim, quanto mais sutil for a alteração semântica, mais difícil é demonstrar se se trata de um empréstimo ou de um desenvolvimento semântico interno. Desta forma, GUSMANI (1983 :12 apud GOMEZ 1998 :73) justifica o mecanismo de calco semântico pela correspondência semântica entre os equivalentes teóricos de duas línguas em contato. O calco semântico seria uma combinação ampla dos valores semânticos das palavras entre as quais se estabelece uma relação.

A **revivificação de formas arcaicas** é um tipo de empréstimo produzido em línguas próximas umas das outras, compartilhando uma mesma origem etimológica em boa parte do seu vocabulário. Para HUMBLEY(1974 :64), na revivificação, a forma arcaica tem ainda certo uso e/ou certo reconhecimento lexicográfico, ambas as palavras são formalmente similares, existindo uma certa sobreposição semântica entre ambos os conteúdos. Nestes casos, a revivificação se apresenta sob a forma de um empréstimo semântico, isto é, a adição de um novo significado a uma palavra já existente na língua receptora por influxo de uma palavra estrangeira formal e conceptualmente similar.

2.3.1. A incompatibilidade das línguas

BYNON (1986:253) argumenta que línguas sem nenhuma herança em comum não sofreriam de uma ‘incompatibilidade’ estrutural para empréstimo, havendo na verdade exemplos de transferência de sistemas gramaticais inteiros entre línguas sem nenhum parentesco: “It would seem that, given a certain intensity and duration of language contact, there is nothing that may not be diffused across language boundaries.”³⁰ (p.255)

HARRIS & CAMPBELL(1995:149) possuem opiniões bastante pertinentes em relação ao contato lingüístico e ao empréstimo, colocando abaixo a opinião de que empréstimos sintáticos são difíceis de ocorrer. Muito pelo contrário: para que eles ocorram não é

Como não há forma nova, o locutor não advertido acredita facilmente que há simplesmente uma evolução semântica regular.”

³⁰ Trad.: “Parece que, dado um contato lingüístico de certa intensidade e duração, não há nada que não possa ser difundido através dos limites das línguas.”

necessário compatibilidade estrutural entre a língua recipiente e a língua doadora, nem que sirvam de substituto a uma estrutura nativa, nem que preencham vazios (*gaps*) gramaticais, entre outros. Os autores fornecem variados contra-exemplos, provando que os universais existentes são muito difíceis de serem mantidos: “the moral for would-be constrainers of grammatical borrowing, then, is that given enough time and intensity of contact, virtually *anything* can (ultimately) be borrowed.”³¹ (grifo nosso), o que fortalece ainda mais a opinião anteriormente dada por T. Bynon.

THOMASON & KAUFMAN(1991:118) compartilham da mesma opinião: para eles, “...syntactic interference is as common as phonological interference.”³². Além do mais, boa parte das interferências sintáticas de uma língua sobre outra envolvem novos modos de expressão de categorias funcionais já presentes na língua recipiente.

A opinião dos autores acima reforça a possibilidade das estruturas semelhantes a *onde mío* (cf. cap. 1, seção 1) do século XX serem em um primeiro momento um calco sintático do hebraico, para depois, com a chegada do francês, ser reanalisada não mais como uma oração relativa com o verbo elidido, mas como um complemento locativo encabeçado pela preposição ONDE. Esta possibilidade será avaliada quando terminarmos a descrição sincrônica dos dados, conteúdo do próximo capítulo.

³¹ Trad.: “a moral para princípios do empréstimo gramatical então, é que dado tempo suficiente e intensidade do contato, virtualmente *qualquer coisa* (no fim das contas) pode ser tomada emprestada.”

³² Trad.: “...a interferência sintática é tão comum quanto a interferência fonológica...”

CAPÍTULO 3 – ESTRUTURAS COM LOC

Apresentaremos nesse capítulo algumas das abordagens possíveis das estruturas com LOC que iremos descrever no próximo capítulo. Faremos em seguida uma sucinta exposição das características de algumas estruturas do hebraico que possam vir a ter algum tipo de influência nas estruturas com LOC semelhantes aos exemplos (3) e (4) (cf. cap. 1, seção 1) do judeu-espanhol, assim como de elementos do espanhol e do francês semelhantes a este LOC. Os verbos copulativos também serão abordados.

1. As orações relativas com LOC do judeu-espanhol do ponto de vista de KEENAN (1985) e COMRIE(1983)

COMRIE (1983:136), preocupado com o fato das orações relativas diferirem tanto entre as línguas, propõe um modo confiável de definição funcional – levando-se em conta a semântica e a cognição - independente da sintaxe específica de cada língua para se identificar uma oração relativa inter-lingüísticamente. Assim, uma oração relativa é definida como composta necessariamente de um núcleo e de uma oração delimitadora (“restricting” no original).

Para KEENAN(1985:142), uma oração relativa, vista como um SN consiste em:

OR = determinante + substantivo do domínio + oração relativa,

sendo o domínio da relativização a classe de objetos determinada semanticamente por um substantivo comum. Exemplo do judeu-espanhol:

- i) Voltándose ainda para *la puerta* POR ONDE se entraba el duque, él le gritó (...) (1901–1912) (N335/31)

la: determinante ; *puerta*: substantivo do domínio; *POR ONDE se entraba el duque* : oração relativa

A oração relativa é chamada de Srel, já que tem em geral as propriedades sintáticas de uma sentença. Assim, *POR ONDE se entraba el duque* é a Srel no exemplo acima.

Quando o substantivo de domínio ocorre fora da Srel, estas OR são chamadas de relativas externas ou com núcleo. As relativas externas pós-nominais são aquelas em que Srel ocorre à direita do substantivo de domínio, como em i). Quando Srel ocorre à esquerda do substantivo de domínio, são chamadas de relativas externas pré-nominais. Não foi encontrada nenhuma estrutura com LOC deste tipo nos textos consultados, o que não é surpreendente, já que existe uma tendência geral das línguas conhecidas a favorizar as OR pós-nominais. As orações pós-nominais podem relativizar qualquer oração principal nas línguas estudadas pelo autor. As relativas internas, nas quais o substantivo do domínio ocorre dentro de Srel, tampouco foram encontradas no judeu-espanhol. Além disso, OR internas estão presentes somente em línguas cuja ordem básica é SOV, o que não é o caso do judeu-espanhol.

As possíveis posições do determinante nas relativas externas segundo KEENAN(p.145) são:

- a) det + núcleo + Srel
- b) núcleo + det + Srel
- c) núcleo + Srel + det

Só encontramos em nosso *corpus* a distribuição do tipo a), sem exceção.

A posição em Srel referente aos elementos no Domínio de Relativização, det + núcleo, é chamada de SNrel por KEENAN (p.146) ou de “núcleo da oração relativa” por COMRIE (p.139):

- ii) En la hora que se fue el novio a *su camareta* ONDE estaba la novia, le corió detrás aquel pobre y le dijo(...) (1818) (S095/91)

SNrel/núcleo da OR: *su camareta*, que nesse caso tem a função de c.c. de lugar de Srel. Esse núcleo exerce uma função na oração principal e outra na oração complemento locativo de lugar.

A decodificação do papel do substantivo núcleo na sentença delimitadora é um parâmetro bastante significativo. Os dois autores concordam que SNrel pode aparecer sob quatro formas:

1) pronome pessoal simples ou “retenção do pronome” para COMRIE (p.140)

O substantivo núcleo mantém-se na sentença subordinada em forma pronominal, caso não encontrado nos textos. Exemplo do hebraico (p.146) :

iii) ha-sarim	she-ha-nasi	shalax	otam	la-mitsraim
Os-ministros	que-o-presidente	enviou	os	ao-Egito
‘Os ministros que o presidente enviou ao Egito’				

2) Pronome relativo

Os pronomes relativos são limitados às OR pós-nominais, marcando o caso do SNrel e concordando com o substantivo do domínio em número e gênero. Ele sempre ocorre à esquerda da Srel se o pronome relativo é um pronome interrogativo independente.¹ Nas estruturas com LOC do judeu-espanhol encontramos apenas a estratégia de pronome relativo para a formação de OR.

3) SN completo ou não-redução para COMRIE (p. 140)

O substantivo núcleo aparece na sua forma completa, não reduzida. A quantidade de exemplos nas línguas é mínima, não existindo no caso de OR pós-nominal. Não encontramos nenhum exemplo em judeu-espanhol.

4) Ausente (“gap”)

Não encontramos nenhuma OR no *corpus* onde não houvesse um elemento em Srel que exprimisse SNrel.

¹No judeu-espanhol, no entanto, EL KE e suas variações e EL KUAL e suas variações não aparecem sob a forma de pronome interrogativo independente e sempre ocorrem à esquerda de Srel.

A distribuição dos quatro tipos de construção de OR não é arbitrária. Os tipos apresentados vão do mais explícito ao menos na ordem que se segue, em relação à codificação do papel do substantivo núcleo dentro da oração relativa:

NP completo > pronome relativo > ausente > pronome pessoal simples

O tipo ‘pronome pessoal simples’ é o menos explícito porque é necessário estabelecer a relação anafórica apropriada para o pronome antes da OR ser interpretada. No momento em que o pronome relativo aparece no início da oração, há maior deformação da estrutura da sentença subordinada, e por isso ele é mais explícito do que o pronome pessoal simples.

Como as orações relativas com LOC do *corpus* apresentaram exclusivamente NP completo, podemos afirmar que as OR com LOC do judeu-espanhol são apenas do tipo mais explícito.

Já que relações gramaticais estão sendo utilizadas para afirmar as restrições universais à acessibilidade para a formação de OR, podemos nos perguntar se as relações gramaticais relevantes são aquelas das estruturas de superfície ou se uma análise sintática mais abstrata é a que seria necessária (p.151). O trabalho de COMRIE comprova que as relações gramaticais relevantes são realmente de um nível mais concreto de análise, o que justifica o tratamento que estamos dando ao *corpus*.

2. A abordagem tradicional da relativização no espanhol

Como vimos ao longo dos capítulos anteriores, a evolução do judeu-espanhol está intrinsecamente ligada ao espanhol. Por esta razão e pelo fato das informações relacionadas ao espanhol estarem melhor sistematizadas, abordaremos somente questões relativas à gramática do espanhol que sejam de interesse para a compreensão das orações com LOC do judeu-espanhol.

2.1. Os relativos

Para BELLO (1997:122), são chamados de relativos os demonstrativos que reproduzem um conceito anterior, servindo especialmente para enlaçar uma proposição com outra. Devemos sempre conceber neles, apesar de sua variação invariável, o gênero, número e pessoa do substantivo reproduzido, que chamamos de seu *antecedente*. Além do papel de introdutores, os relativos cumprem seu próprio papel na oração relativa.

Se introduzem uma oração relativa com antecedente, são chamados de pronomes relativos. Caso introduzam uma oração adverbial, são advérbios relativos. Os pronomes relativos se tornam interrogativos ao serem acentuados, o que indica seu caráter tônico e autônomo. Todos os interrogativos podem desempenhar as funções do substantivo. DÓNDE, advérbio, cumpre a função de complemento circunstancial (BELLO, 1997:126).

Os relativos DONDE, CUANDO, COMO cumprem a função de complemento circunstancial² na oração que iniciam. DONDE acumula em seu conteúdo a referência léxica à noção de lugar, denotada por seu antecedente quando ele existe. Das três unidades relativas adverbiais, DONDE é a que apresenta a aplicação mais ampla, já que pode levar antecedente de significado léxico variável (ALARCOS, 1996:101):

- iii) La verdad del hombre... empieza DONDE acaba su propia tontería.

2.2. As orações adjetivas ou relativas

As orações relativas ou adjetivas são orações subordinadas que fazem parte de um período composto desempenhando o mesmo tipo de papel que o adjetivo em relação ao núcleo substantivo. MARÍN (1999:400) afirma que “la costumbre tradicional de llamar oraciones de relativo a las subordinadas adjetivas debe evitarse, ya que muchas proposiciones

² O termo utilizado pelos autores é “adjacente circunstancial”

introducidas por relativos no son adjetivas.”³ Apesar disto, utilizaremos o termo oração relativa por ser o mais encontrado na literatura consultada.

As orações relativas são introduzidas por pronomes relativos (cf. Quadro 1, p.23) que possuem características bastante específicas (ALARCOS, 1996:331): além do papel de introdutor da oração relativa, ligando-as à oração principal, o relativizador exerce uma função sintática dentro da própria oração relativa, podendo fazer também referência a um termo que pode ter-se manifestado previamente no enunciado, o antecedente:

iv) Visitamos la casa DONDE murió Colón.

DONDE refere-se a ‘la casa’ que, por sua vez, é o núcleo do objeto direto ‘la casa DONDE murió Colón’ da oração principal ‘Visitamos’. DONDE tem a função na oração relativa de complemento circunstancial de lugar.

Para que o pronome relativo DONDE introduza orações à categoria de adjetivo, é necessário que haja um antecedente expresso que lhe outorgue um valor pronominal (MARÍN, 1999:408), como no exemplo acima.

Este pronome relativo adverbial pode ser substituído por outros relativos, sem causar nenhuma modificação semântica ou sintática na estrutura:

v) Visitamos la casa EN LA QUE murió Colón.

2.3. As orações adverbiais

As orações subordinadas que cumprem a função de advérbio são chamadas por ALARCOS(1996:354) de orações adverbiais. Elas desempenham a função de complemento circunstancial de lugar, tempo e modo.

³ Trad.: “o costume tradicional de chamar orações de relativo às subordinadas adjetivas deve ser evitado, já que muitas proposições introduzidas por relativos não são adjetivas.”

As orações subordinadas adverbiais de lugar indicam as circunstâncias locativas do verbo principal. Seu principal introdutor é o advérbio relativo DONDE. Quando DONDE tem um antecedente expresso, subordina preposições adjetivas, como visto acima. No entanto, quando o antecedente não aparece, a oração desempenha o papel de advérbio (MARÍN, 1999:435). Exemplo:

vi) Teresa siempre se sienta DONDE se está mejor.

Pode-se supor um antecedente locativo genérico (local, lugar, espaço) que não é expresso porque é subentendido:

vii) Teresa siempre se sienta *en el sitio* DONDE se está mejor.

Em todos os casos, a oração adverbial e o complemento circunstancial ao qual a oração adjetiva se refere desempenha a função de advérbio:

viii) Teresa siempre se sienta *allí*.

O advérbio relativo DONDE pode vir antecedido de uma preposição que introduz uma leve variação no seu significado. As possíveis preposições são EN, POR, DE, A, HACIA, PARA, DESDE.

Apesar dos autores espanhóis consultados denominarem as orações subordinadas locativas sem antecedente de orações adverbiais, empregaremos para estas estruturas o termo **oração relativa livre** ou **oração relativa sem antecedente**.

3. O hebraico

O hebraico pertence à família das línguas semíticas, cujo domínio geográfico chegou a se estender da Mesopotâmia até o Mediterrâneo. Podemos encontrar alguns traços comuns entre elas (MEYER 1996:31): a) o conceito de uma palavra está relacionado com o

elemento consonantal desde os mais remotos tempos. A vogal apenas proporciona uma ‘vibração’ à consoante, ajudando a determinar de uma maneira mais concreta o significado da raiz; b) as raízes se compõem na maioria dos casos de três consoantes ou radicais, com exceção dos pronomes e dos substantivos arcaicos. A partir da raiz se originam as formas concretas mediante mutações vocálicas, aumento ou mudança das consoantes internas ou mediante prefixos e sufixos; c) não só nos pronomes e nos substantivos, como também nos verbos, se distinguem os gêneros masculinos e femininos; d) a sintaxe é simples em seus traços fundamentais. A oração nominal é originariamente sem a cópula do verbo *ser*. Na estrutura oracional predomina a parataxis. A oração relativa aparece às vezes sob a forma paratática junto ao seu antecedente; f) o alfabeto tem sua origem no aramaico e a escrita é lida da direita para a esquerda, com exceção do etiópico.

Além das características acima citadas, a ordem normal das palavras em uma sentença verbal do hebraico antigo é VSO⁴:

(i) *wehinñch naphelû 'abhôtênû beharebh*⁵ (2Chr 29:9)

e-eis **caíram** patriarcas-nossos com-espada

‘Nossos ancestrais caíram pela espada’

Uma ordem diferente pode ser usada para enfatizar a parte do discurso que é colocada em primeiro lugar. Exemplo:

(ii) *lehem lô' 'akhaletî* (Deut 9:9)

pão não comi

‘Pão (enfático) eu não tenho comido’

A principal fonte que chegou até nós do hebraico antigo é a Bíblia, composta por textos em prosa anônimos, não datados e de transmissão e produção complexas, nos quais se conservaram poucas marcas de diferenças dialetais. Apesar do hebraico não ter sido em sua

⁴ No hebraico moderno, no entanto, a ordem é SVO. Veja-se GIVÓN (1980).

⁵ A transliteração, a partir do *The Hebrew-English Old Testament* (1981), é uma versão simplificada da proposta por WEINGREEN (1985: 1-4). Agradecimentos a Carluci do Santos.

origem um dialeto homogêneo, apresenta uma marcante uniformidade ao longo do tempo, em contraste com a maioria das línguas, segundo alguns autores: ‘the Hebrew of scripture, though far from uniform, is essentially a single language.’⁶(WALTKE & O’CONNOR 1990:15). Acredita-se que um dos fatores que mais dificultaram a diversidade e mudanças drásticas teria sido o papel sagrado das Escrituras Hebraicas para o povo judeu.

A partir de 200 E.C. o hebraico já não era utilizado como língua falada, e a língua de comunicação em todo o Oriente Próximo semítico era o aramaico. A partir do século III o hebraico médio vai retrocedendo e o aramaico domina até mesmo o ambiente acadêmico, sendo superado pelo árabe no século VII. Essa transição não ocorreu repentinamente e durante vários séculos existiu um relativo bilingüismo na região (EJC, 1948:330). Apesar desse domínio do aramaico e do grego, e mais tarde do árabe, o hebraico só deixa de ser utilizado oralmente a partir do século XIII.

A interrupção do uso do hebraico como língua falada não acarretou o seu desuso como língua escrita e literária: entre os séculos III e XIX, o hebraico continua sendo a língua das orações e da leitura da Bíblia, “a língua *sagrada* e a língua da vida eram conservadas separadamente” (RABIN 1973:65). O hebraico só era utilizado no dia-a-dia em situações ocasionais: quando os judeus não desejavam ser entendidos pelos não-judeus, quando se comunicavam com judeus de outros países e aos sábados. Além do mais, a filosofia da Idade Média, a poesia e a literatura científica contribuíram a dar ao hebraico maior vocabulário e a manter seu desenvolvimento estilístico e sintático. WALTKE & O’CONNOR (1990:10) resumem:

“During the period from the early third century CE to the late nineteenth century, Hebrew was in continuous use as a religious language, that is, as a language of prayer and worship as well as religious-legal and scientific discussion. All educated Jews (viz., Jewish males) were familiar with it to some degree. The language was used only in limited speech situations but extensively in writing; its vocabulary was enlarged over earlier forms of the language, but its other resources tended to be stable.”⁷

⁶ Trad.: “O hebraico das escrituras, apesar de não ser uniforme, é essencialmente uma única língua”.

⁷ Trad.: “Durante o período do início do século III E. C. até o século XIX, o hebraico esteve em uso contínuo como uma língua religiosa, isto é, como uma língua tanto de oração e devoção quanto de discussão científica

A criação do estado de Israel em 1948 fez com que o hebraico se tornasse língua oficial da nação, gerando um ambiente mais estável para o seu desenvolvimento.

3.1. A oração verbal

O verbo em hebraico dispõe de duas conjugações (DRIVER, 1998:2-5): i) a chamada performativa, ou imperfeita, que se flexiona através de prefixos refletindo um estado incompleto e reproduz primariamente uma atividade ou um processo; e ii) uma aformativa, ou perfeita, flexionada exclusivamente mediante desinências, refletindo um estado completado. É originalmente estativa, representando em princípio a flexão de um verbo de estado ou de um adjetivo.

Ambas refletem o *estado/aspecto* de uma ação e não a sua posição no *tempo*, ao contrário do português, por exemplo. Os termos *passado* e *futuro* são inadequados para descrever eventos em hebraico, já que não há distinção de *ordem* do tempo, i.e., a data em que um evento ocorreu, mas sim de *caráter*. Dependendo do desejo do falante, ou dependendo do período que ele queira enfatizar, a ação será incipiente, contínua ou completada. Os tempos verbais, que poderiam ser chamados de *modos* em hebraico, possuem uma significado relativo, nunca absoluto, que só o contexto dará conta de resolver em caso de ambigüidade.

Exemplos:

(iii) <i>wenahar</i>	<i>yôse'</i>	<i>me'edhen</i>	(Gen 2:10)
e-rio	saindo	de-Éden	

'e um rio saía do Éden', com significado de passado.

(iv) <i>wayyô'mer</i>	<i>ha'adham</i>	(Gen 2:23)
e-dirá	o-homem	

'e disse o homem'

e religiosa-legal. Todos os judeus com estudos (quer dizer, os **homens** judeus) eram familiares a ela em algum nível. A língua era usada somente em situações de fala limitadas, mas extensivamente na escrita. Seu vocabulário foi aumentado em relação a formas mais antigas da língua, mas suas outras fontes tendiam a manterem-se estáveis."

3.2. A oração nominal

A oração nominal, característica da sintaxe semítica e bastante comum no hebraico, consta na sua forma habitual de sujeito e predicado, apresentando uma exposição do estado do sujeito **sem marcador verbal**. A ordem é quase sempre sujeito-predicado (MEYER 1996:305):

(v) *wehabaîth* *male'* (2Cr 5:13)

e-a-casa cheia

'E a casa [está] cheia'

Como a cópula em hebraico é 'opcional', ela é geralmente necessária se o comentário está no passado ou no futuro em contraste ao presente, ou em algum modo que não seja o indicativo, ou por questões de destaque. A função principal da cópula é a de marcação na estrutura superficial de modo, tempo ou aspecto (WALTKE & O'CONNOR 1990:72). No caso da ausência do verbo 'ser', como a oração nominal é expressão de um estado e temporalmente neutra, o grau do tempo deve ser deduzido do contexto. Exemplos:

(vi) *yadhô* *bhakôl* (Gen 16:12)

mão-dele em-tudo

'sua mão [estará] contra todos'

(vii) *zaqen* *yisehaq* (Gen 27:1)

velho Isaac

'Isaac [era] velho'

3.3. A oração interrogativa

Uma questão cuja resposta é sim ou não é normalmente introduzida pelo interrogativo *h*, que se une como um prefixo à primeira palavra da sentença (KELLEY 1992:94). Exemplo:

(viii) <i>hakhelebh</i>	<i>'anôkhî</i>	(1Sam 17:43)
INT-cão	eu	
‘Sou eu um cão?’		

Perguntas também podem ser introduzidas pelos pronomes interrogativos *mi* (‘quem’) e *mah* (‘o quê’), que não apresentam flexão de gênero nem de número. Exemplos:

(ix) <i>mî</i>	<i>'atâ</i>	<i>benî</i>	(Gen 27:18)
quem	tu	filho-meu	
‘Quem é você, meu filho?’			

(x) <i>mah</i>	<i>zô'th</i>	(Ex 13:14)
o-quê	isto	
‘O que é isso?’		

3.4. A relativização no hebraico

A sintaxe do hebraico não privilegia construções hipotáticas, sendo uma língua fundamentalmente paratática. O termo ‘oração adjetiva’ é preferido ao termo ‘oração relativa’, já que não existe em hebraico o que habitualmente se conhece como pronome relativo. As orações adjetivas podem ser construídas assindeticamente ou introduzidas por demonstrativos, conjunções e pelo artigo definido⁸(MEYER 1996:385). Vejamos cada uma delas.

1

⁸ O artigo em hebraico é invariável tanto em número quanto em gênero.

3.4.1. Oração adjetiva assindética

A conexão sintática entre a oração adjetiva assindética e seu antecedente pode ser feita através da justaposição, através um pronome retrospectivo ou mesmo através de uma preposição⁹.

a) Justaposição

Não há nenhum marcador relativo que liga a oração relativa à principal. São orações mais comuns na poesia e depois de palavras de tempo (WALTKE & O'CONNOR 1990:338).

Exemplo:

(viii) *bedherekh* *lô'* *yadha 'û* (Is 42:16)
em-caminho-seu não souberam

'por um caminho que não conheciam'

b) Pronome retrospectivo

(ix) *'elôhîm* *lô'* *yedha 'ûm* (Deut 32:17)
deuses não sabiam-os

'deuses que eles não conheceram'

c) Preposição

(x) *we 'aharê* *lô'* *yô 'ilû* *halakhû* (Jer 2:8)
e-atrás não úteis caminharam

'e depois daqueles que não servem para nada'

⁹ WALTKE, B. & O'CONNOR M. (1990:338) definem como orações relativas assindéticas apenas as orações justapostas

3.4.2. Oração adjetiva sindética

A oração adjetiva sindética pode ser introduzida pelos demonstrativos *ze*, *zo*, *zu*, restrita à linguagem poética, ou pelo artigo definido *ha*, considerado um determinativo geral cujo uso não se restringe somente aos substantivos. Exemplos:

a) Oração adjetiva sindética introduzida por um demonstrativo:

(xi) *we'eddôthî* *zô* *'alammedem* (Sal 132:12)
 e-testemunho-meu isto ensinarei-lhes
 'e minha lei, que eu os ensinarei'

b) Oração adjetiva sindética introduzida por um artigo:

(xii) *wekhôl* *hahiqediš* *šemû'el* *harô'eh* (1Cr 26:28)
 e-tudo o-santificou Samuel o-vendo
 'e tudo que havia consagrado Samuel, o vidente'

O que poderíamos chamar de relativizador mais freqüente é *asher* 'onde, que', um acusativo em parte com caráter adverbial e em parte com caráter determinativo, empregado como conjunção. Etimologicamente é um substantivo locativo com o sentido de 'passo, lugar' (WALTKE & O'CONNOR 1990:332). *Asher* é uma partícula de conexão que tem uma relação ideal de genitivo com a oração que a segue, sem expressar nada por si mesma sobre sua situação sintática. A oração que se segue continua sendo uma oração principal, de acordo com o caráter paratático da estrutura oracional hebraica. Exemplo:

(xiii) *wekhôl* *'ašēr-hû'* *'ôieh* (Gen 39:3)
 e-tudo que-Ele faz
 'e tudo que Ele fez'

3.5.Os equivalentes do LOC no hebraico

Além de algumas das partículas vistas acima, que poderiam ser traduzidas como ‘onde’, outras exercem funções na estrutura oracional que poderiam corresponder àquelas do LOC do judeu-espanhol:

a) *’el*

’el pode ser traduzido como *para, em direção a, para dentro de, em* (SIVAN & LEVENSTON, 1975:9) é uma preposição que denota principalmente ‘movimentação para’ ou ‘em direção a’, física ou mentalmente (BROWN et al., 1974:39). A título de ilustração temos:

(xiv) <i>wayyabhe’</i>	<i>’el-ha’adham</i>	<i>lire’ôth</i>	(Gen 2:19)
e-trouxe	para-o-homem	ver	
‘e [Deus] [os] trouxe para o homem ver’			

’el pode também servir como prefixo a outras preposições, combinando com elas a idéia de movimento ou ‘em direção a’.

b) *’esel*

Pode ser traduzido como *perto de, próximo a, em, à casa de, com, na posse de* (SIVAN & LEVENSTON, 1975:13) . É uma conjunção com noção de proximidade. No caso de funcionar como sufixo, passa a ser entendido como uma preposição. Exemplo:

(xv) <i>wehinneh</i>	<i>’esel</i>	<i>hmamiezbeah</i>	(1Reis 2:29)
e-eis	junto	o-altar	
‘ele estava próximo ao altar’			

c) 'êphôh

'êphôh é a contração de 'ei, advérbio interrogativo que significa 'onde', com *foh*, advérbio de lugar que tem o significado de 'aqui'. A título de exemplo:

(xvi) <i>haggîdhâ-na'</i>	<i>li</i>	<i>'êphôh</i>	<i>hem</i>	<i>rô'im</i>	(Gen 37:16)
conta-por favor	para mim	onde	eles	pastoreiam	

'Diga-me, eu te peço, onde eles alimentam seus rebanhos.'

4. LOC na Península Ibérica

O judeu-espanhol, língua românica de segunda geração, tem sua evolução relacionada às demais línguas românicas do seu local de origem, a Península Ibérica. Para entendermos as estruturas locativas encabeçadas por LOC do judeu-espanhol, veremos como o LOC atua no espanhol e nas demais línguas ibéricas.

4.1. DONDE no espanhol

O equivalente ao LOC do judeu-espanhol no espanhol moderno é o DONDE, o advérbio relativo mais usado no espanhol (MARÍN, SATTORE, VIEJO 1999:192). Sem querer sermos exaustivos, já que não temos como objetivo a reconstrução da protoforma do LOC, veremos sucintamente o desenvolvimento do DONDE no espanhol.

COROMINAS (1954:189-191) é o autor que melhor trata a questão do DONDE espanhol, equivalente ao português ONDE. Segundo o autor, OND(E) e DOND(E), procedentes do latim ŪNDE, coexistiram até o século XIV com O, procedente do latim ŪBĪ e seu sucessor DO. O castelhano pré-literário distinguia entre O, com idéia de repouso ou movimento através ou em direção a algum lugar, e ONDE, reservado para a idéia de procedência, como no latim. DO, equivalente a DE O, seria sinônimo de ONDE. ..

No entanto, a partir do momento em que o antigo ditongo OU se confundiu com O, coincidindo o advérbio de lugar com a conjunção, surge a tendência a empregar o composto DO como equivalente e substituto de O, sem idéia de procedência. O duplo sentido de DO acabou levando ao emprego indistinto de ONDE, inclusive com a idéia de repouso ou de ‘lugar até onde’ ou ‘lugar por onde’. No entanto, os exemplos de ONDE com este valor são raros no princípio, mas não há dúvida que isto já ocorria no século XIV.

A variante DOND(E) se criaria primeiro como mero reforço enfático de ONDE, para depois se tornar a única expressão inequívoca da idéia de procedência, acabando por ser contaminada dos valores duplos dos seus sinônimos DO e ONDE. O duplo valor seguirá vigente até o século XVII; porém, o desejo de evitar ambigüidade conduziu à criação de DE DONDE (que, do ponto de vista diacrônico, possui a preposição DE três vezes). A partir daí, ONDE podia parecer uma mera variante fonética e vulgar do DONDE mais corrente, estando condenado a um rápido desaparecimento do idioma culto.

A forma ONDE e suas variantes ANDE, PONDE e PANDE existem até hoje na “habla del vulgo”¹⁰ COROMINAS (1954:190), sendo no entanto difícil afirmar com segurança se a forma é resultado de arcaísmos ou de alterações fonéticas.

4.1.1. Estruturas do tipo ONDE *su tío* no espanhol

Também o espanhol moderno apresenta construções semelhantes aos exemplos (3) e (4) vistos anteriormente que repetimos abaixo:

(3) Elya se presentó después ONDE *todos los amigos influyentes de Rabbî Gēršôn*, ma ninguno sabía nada de esta arestasyón. (M107/13) (1913)

(4) Abía longo tiempo ke Mijael abía tomado el anío i lo abía lyebado ONDE *su tío*, ke lo resibyó kon alegría. (M081/28) (1913)

¹⁰ Trad.: “na fala popular”.

O dicionário da RAE (1992 :775) dá como um dos significados de DONDE o de preposição com o sentido de 'em casa de', 'no lugar de'. Os exemplos dados, que conferem com a estruturas acima são :

- (i) Estuve DONDE Antonio.
- (ii) El banco está DONDE la fuente.

ALARCOS (1996:102) também confirma a presença de estruturas deste tipo no espanhol: "La supresión del verbo en las construcciones con adverbios relativos puede dar origen a un uso de estos análogo al de las preposiciones... Pero no siempre es fácil suplir un verbo supuestamente elidido"¹¹. Os exemplos dados com DONDE, ambos de autores latino-americanos, são os seguintes :

- i) Lo mandaron *donde mí*. (Mario Vargas Llosa, *La guerra del fin del mundo*.)
- ii) Se sintió definitivamente más cómodo *donde Petra Cotes*. (Gabriel García Marquez, *Cien años de soledad*.)

Já COROMINAS (1954:190) afirma que

"entre las innovaciones más modernas me limitaré a citar el empleo de DONDE como preposición en el sentido 'en casa de', 'junto a', casi general en América y muy extendido en las hablas leonesas y del Norte castellano. ... La misma evolución se produjo en Sicilia y en Córcega (*annau unni so matri, unde noi*)."¹²

Além do comentário acima, chama a atenção para o fato do DO existir até hoje nas Canárias, na Astúrias e no judeu-espanhol marroquino em combinações interrogativas elípticas, se juntando com um pronome átono de terceira pessoa. No Marrocos se diz '¿adóme, adóte, adó el hombre, adó el dedal?'. ALVAR (1953:297) dá um exemplo do

¹¹ Trad.: "A supressão do verbo nas construções com advérbios relativos pode dar origem a um uso destes análogo ao das preposições... Porém nem sempre é fácil suplir um verbo supostamente elidido."

¹² Trad.: "entre as inovações mais modernas me limitarei a citar o exemplo de DONDE como preposição com o sentido de 'na casa de', 'junto a', quase geral na América e muito extendido nas falas leonesas e do castelhano do norte. ... A mesma evolução se produziu na Sicília e na Córsega."

aragonês encontrado da *Crónica de San Juan de la Peña*: “fuesse en Sicilia... por adozirsende el rei don Jaynme.”

4.1.2. Outras funções morfo-sintáticas de DONDE no espanhol

BELLO (1984:347) inicia um dos capítulos de sua gramática da seguinte forma: “Ha parecido conveniente reunir en este capítulo preposiciones, adverbios y conjunciones **por la facilidad con que estas palabras se trasforman unas en otras.**”¹³ Além de funcionar como preposição, veja-se a seção acima, DONDE, assim como outros relativos adverbiais (‘como’ e ‘cuando’) podem exercer a função de meros nexos conjuntivos. MARÍN, SATTORE, VIEJO (1999: 293) aponta como causa do fenômeno o fato da língua espanhola ter um sistema de conjunções muito ‘defeituoso’ (sic), e por isto recorrer com frequência ao emprego, com valor conjuntivo, de outros elementos ou locuções. Assim, junto às conjunções propriamente ditas, empregam-se elementos conjuntivos e locuções conjuntivas.

O relativo adverbial DONDE é um destes conjuntivos que perde seu valor pronominal e só conserva o valor de elemento de relação. POR DONDE, por exemplo, geralmente substituído por POR EL CUAL, POR LA CUAL, pode significar ilação ou consequência lógica(BELLO 1984:335):

- (i) Con cada obra mala que hacemos, se hinca más y más el vicio en nuestras almas: POR DONDE vemos que la vejez de aquellos que gastaron la mocedad en vicios, suele ser muchas veces amancillada com las disoluciones de aquella vida pasada”... (Granada)

Outras conjunções mantêm seus traços fundamentais de advérbio, sem estabelecer nenhuma relação sintática entre as unidades contíguas, a não ser de simples continuidade. Um exemplo seria ‘pues’, de situação variável no enunciado e que efetua vagas referências de

¹³ Trad.: “pareceu conveniente reunir nestes capítulos preposições, advérbios e conjunções pela facilidade com que estas palavras se transformam umas nas outras.”

posteridade, de conseqüência ou de causa, sendo usualmente um mero recurso de continuidade ALARCOS (1994:239):

- (i) No podía evitarle el darle estas contestaciones, pues solo de la confrontación com la herejía, la verdadera teología se enriquece.

As várias formas apresentadas pelo LOC ao longo dos séculos que selecionamos para estudo nos parecem diíceis de serem classificadas ou como arcaísmos do castelhano ou como características dos dialetos e línguas não-castelhanos da Península Ibérica ou até mesmo como inovações próprias ao judeu-espanhol. Este assunto requereria maior aprofundamento, o que não será possível no momento.

3.1. LOC na Península Ibérica

As informações relativas ao LOC nos demais falares da Península Ibérica são menos abundantes do que às relativas ao espanhol. As formas do LOC são as seguintes:

- a) Aragonês: ANDE, AN, AÓN, DÓ, O, ON, ONT, além dos advérbios interrogativos DAN, DAÓN e HONT (ANDOLZ 1984:342);
- b) Valenciano: ON (CASES e LISBOA, 1989:134);
- c) Catalão: ON (Dic. Arimany 1980:145);
- d) Leonês: O, ONDE, UNDE, DONDE (CARRASCO E CARRASCO, 1997:811);
- e) Galego: Ú (COROMINAS, 1954:191).

Todas estas formas adicionadas às do português formam um quadro complexo se colocadas lado a lado com os arcaísmos do próprio espanhol, já que elas coincidem umas com as outras. Torna-se difícil saber então, no caso do judeu-espanhol, a origem das nove formas fônicas (sem contar as acentuadas) que aparecem nos textos. Distinguir os arcaísmos dos regionalismos ultrapassa o escopo desta pesquisa. Fica aqui uma sugestão para um aprofundamento sobre o assunto.

5. A preposição CHEZ do francês

CHEZ é uma preposição da língua francesa originada da palavra ‘casa’ em latim, com o significado de choupana, cabana de pastor¹⁴, (REY, 1992:408). A palavra, que significa estritamente ‘na casa de’, tomou por extensão os sentidos de ‘no país de’ (1680), ‘entre um grupo de pessoas’ (1694) e ‘no tempo de’ com valor temporal (1694). O valor figurado, ‘na obra de’ (1580), condenado por Vaugelas, se expandiu e continua sendo usado. Por outro lado, ‘no espírito de’, ‘na intimidade de’ (até 1592) desapareceu. Desde o francês arcaico CHEZ é empregada na locução preposicional DE CHEZ (1195) com o significado de ‘da casa de’. A partir de 1690, a preposição serviu para formar os substantivos ‘chez-soi’, ‘chez-moi’, etc. para designar, com uma conotação afetiva, o local onde se vive. Exemplos:

(i) Je suis allée chez ma tante.

(ii) Il fait trop chaud chez moi.¹⁵

A preposição CHEZ pode ser precedida de uma outra preposição: ‘à côté de chez moi’, ‘prés de chez lui’, ‘devant chez les Dupont’¹⁶. (DELATOUR, Y et al., 1991:173).

5. Verbos copulativos

RESNICK (1981:122) afirma que na Idade Média, ‘ser’ e ‘estar’ alternavam-se como auxiliar na voz passiva e para expressar o estado resultante de uma ação: não havia distinção entre ‘es escrito’ e ‘está escrito’, ‘es hecho’ e ‘está hecho’. A partir dos séculos XVI e XVII, a função de auxiliar passivo foi assumida por ‘ser’ e a de expressar o estado resultante da ação passou exclusivamente a ‘estar’:

i) La puerta fue cerrada por el guardia (passiva)

¹⁴ O picardo e o valão possuem locuções formadas por ‘maison’ (‘à notre maison’) de onde se tira a preposição ‘mon’.

¹⁵ Trad.: ‘Eu fui na casa da minha tia’ – ‘Faz muito calor na minha casa’

¹⁶ Trad.: ‘Ao lado da minha casa’ perto da casa dele’, ‘em frente da casa da família Dupont.

ii) No se puede entrar porque la puerta está cerrada. (estado resultante)

‘Ser’ e ‘estar’ se alternavam também na expressão de situação ou posição local. No *Poema de Mio Cid* encontramos “burgeses y burgesas por las finiestras **son**.” ‘Ser’ acaba perdendo esta função, que acabará restrita à ‘estar’.

Em espanhol moderno, ‘estar’ e ‘ser’ são verbos essencialmente copulativos. Além do seu valor básico de existência, ‘ser’ reúne dois termos de maneira que um se aplica ao outro, colocando-os em relação. É um puro coordenador verbal, como afirma SCHMIDELY (1995:69), deixando a cada elemento reunido seu valor pleno, integral, não diminuindo assim a relação atributiva.

Já ‘estar’ não é considerada uma cópula ‘pura, neutra’ pelo autor acima: “Igual que se há notado la afinidad de ‘ser’ con un atributo sustantivo, es indudable que ‘estar’ manifiesta gran afinidad con los atributos locativos.”(pág. 72)¹⁷ ‘Estar’ é fundamentalmente situativo, um verbo de posição. Já não se trata de uma mera relação, pois um elemento limitativo é introduzido. Exemplo: Ao bater numa porta, o carteiro pode dizer:

i) - El señor Fernández ¿es aquí?

ou

ii) - Está el señor Fernández?

Na segunda pergunta, ‘está’ tem valor posicional e é suficiente para sugerir a idéia de situação. Na primeira pergunta, ‘es’ não expressa nenhuma localização; a localização é expressa por ‘aquí’ e o que ‘ser’ estabelece é uma correspondência entre este ‘aquí’ locativo e o senhor Fernández.

O autor conclui que os dois verbos são copulativos em todos os seus usos. ‘Ser’ se contenta em ser cópula, em estabelecer uma relação, com ser atributivo puro e portanto global.

¹⁷ Tradução: “Assim como se tem notado a afinidade de ‘ser’ com um atributo substantivo, é indubitável que ‘estar’ manifesta grande afinidade com os atributos locativos.”

‘Estar’ adiciona à função copulativa seu próprio valor posicional, expressando por consequência uma relação limitada, contingente, circunstancial. Isto poderia ser resumido pela seguinte equação:

$$\text{ESTAR} = \text{SER} + \text{/posição/}$$

Após termos chamado a atenção para alguns aspectos gramaticais de hebraico, espanhol e francês, necessários para a melhor compreensão dos problemas relacionados ao judeu-espanhol abordados no Capítulo 5. Antes, porém, passaremos à descrição das estruturas com LOC encontradas nos textos selecionados como representantes de cada um dos cortes sincrônicos feitos, isto é, os séculos XX, XIX e XVI.

CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO DOS DADOS

1. Introdução

No momento inicial do presente estudo, estávamos preocupados não só com estruturas com ONDE, ANDE, O, ONDA, ADONDE, DONDE, AONDE, DO, ADO, que, repetimos, serão representados na sua totalidade por LOC, mas com qualquer tipo de estrutura relativizada. O conjunto dos relativizadores do judeu-espanhol com o qual tivemos o contato inicial foi o pertencente a *Un marido entre dos mužeres* (1913). Naquele momento, foi feita a descrição sincrônica de todas as estruturas relativas da obra compostas por ONDE¹ e pelos outros relativizadores (cf. Quadro 1). A análise dos dados apresentados se limitará às estruturas compostas pelo LOC.

Neste capítulo, faremos uma caracterização detalhada das várias estruturas gramaticais nas quais LOC se insere, levando-se em conta as relações sintático-semânticas entre elas e as funções sintáticas de seus elementos. O objetivo final é explicar diacronicamente as estruturas que chamaremos de Tipo 4 por apresentarem peculiaridades sintáticas que não podem ser explicadas apenas através de uma análise sincrônica. Tal explicação será feita no Capítulo 5.

1.1. Complemento circunstancial de lugar e complemento argumentativo de lugar: diferenças

Vejamos as seguintes estruturas:

- (i) Juan duerme **en un hostel**.
- (ii) El autobús llegará **aquí**.
- (iii) Juan reside **en un hotel**.
- (iv) El camión se dirige **hacia Cádiz**.

¹ Em *Un marido...*, LOC aparece sempre sob a forma ONDE.

(v) Los gritos proceden **de la taberna**.

Gramáticos espanhóis recentes como MARÍN, SATTORE, VIEJO (1999:342) e ALARCOS(1996:287), em relação a estruturas semelhantes em espanhol, observam que há uma significativa distinção entre os exemplos (i) e (ii) e os demais. Enquanto em (i) e (ii) ‘en un hostel’ e ‘aquí’ são prescindíveis para a compreensão da oração, nos demais casos, a ausência do que é chamado de ‘adjunto adverbial de lugar’ acarretará uma frase incoerente:

- (i) Juan duerme.
- (ii) El autobus llegará.
- (iii) * Juan reside.
- (iv) * El camión se dirige.
- (v) * Los gritos proceden.

As locuções adverbiais do tipo ‘**en un hotel**’, ‘**hacia Cádiz**’ e ‘**de la taberna**’, não são complementos marginais como ‘**en un hostel**’ e ‘**aquí**’, já que a eliminação dos primeiros tornaria a estrutura mal formada. Estes complementos de sentido afim ao verbo susceptíveis de serem representados por um advérbio de lugar e sem os quais a frase não existiria são chamados pelos gramáticos espanhóis de **complemento argumentativo de lugar**.

As gramáticas tradicionais brasileiras posteriores à Nomenclatura Gramatical Brasileira classificam todas as estruturas correspondentes do português a (i – v) como adjunto adverbial de lugar (ou complemento circunstancial de lugar) (CUNHA 1971:71). Porém, ao abrirmos a gramática de BRANDÃO(1963:68), nos deparamos com um capítulo sobre o que o autor chama de “complemento terminativo”, equivalente ao complemento argumentativo dos autores espanhóis, definido como “complemento, em geral regido por preposição, que serve de inteirar... palavras de significação relativa, porque tais palavras não possuem plenitude semântica, [e] necessitam em regra de um termo de relação que lhes venha integrar o sentido.” A diferenciação entre complemento argumentativo de lugar e complemento circunstancial de lugar será levada em conta ao longo de todo este trabalho.

Quando não for necessário diferenciá-los, utilizaremos o termo ‘complemento locativo’.

2. Classificação das estruturas do judeu-espanhol com LOC em ‘tipos’ sintáticos

Todas as construções encontradas nos textos foram classificadas em nove tipos sintáticos básicos. Os critérios utilizados para a divisão nos quatro grupos que veremos a seguir levam em conta elementos morfo-sintáticos das estruturas encabeçadas por LOC. Faremos uma análise de cada um deles para compreendermos a mudança sintática ocorrida no Tipo 4, que veremos a seguir. Os principais elementos da estrutura subjacente levados em conta foram:

- 1) presença [+ant] ou ausência [-ant] de um elemento ao qual o LOC se refere e que o precede na estrutura;
- 2) presença [+ prep] ou ausência [-prep] de uma preposição antecedendo o LOC;
- 3) presença [+V] ou ausência [-V] de um verbo depois de LOC;
- 4) aspecto [+/- humano] do SN que segue imediatamente o LOC nos casos em que o fenômeno ocorre;
- 5) caráter interrogativo, assertivo ou exclamativo da oração.

Os Tipos poderiam ser resumidos no seguinte quadro:

Tipo	Estrutura sintática encabeçada por LOC	Carac. sintática da estrutura	Classificação morfológica de LOC
1	[+ant] _S [[+prep] LOC (...) [+V]]	O. relativa	Pron. rel.
2	[-ant] _S [[+prep] LOC (...) [+V]]	O. relativa livre	Adv. relativo
3	[+ant] _S [[-prep] LOC (...) [+V]]	O. relativa	Pron. rel.
4	[-ant] _S [[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]	o. rel. livre/ c. arg. l./ c. c. l.	Adv. rel/ preposição
5	[-ant] _S [[+/-prep] LOC (...) [+V]] {!/?}	O. int./excl.	Adv. int/excl.
6	[+ant] _S [[-prep] LOC [-V] SN[+humano]](?)	O.rel./O. int.	Pron. rel./int.
7	[-ant] _S [[-prep] LOC (...) [+V]]	O. relativa livre	Adv. relativo
8	S' [+V] [+/-prep] LOC S' [+V]	O.coord.	conjunção
9	[[-ant] _S [[+/-prep] LOC [-V] SN[+humano]]?	O. interrog.	Adv. int.

Quadro 5: 'Tipos' sintáticos das estruturas encabeçadas por LOC

Descrevamos cada um deles:

A) Tipo 1

[+ant] _S [[+prep] LOC (...) [+V]]

Nas estruturas que chamamos de Tipo 1, o LOC encabeça uma oração subordinada relativa com verbo presente, vem antecedido por preposição e se refere a um antecedente explícito na oração principal. LOC, pronome relativo, aparece sob as formas de ONDE, DONDE e ADONDE. Exemplo:

(7) yo vos llevaré otra vez atrás *ahí* DE ONDE vos tomí. (N227/25)
(1901-1912)

DE ONDE vos tomí é uma OR encabeçada pela preposição ‘de’ seguida por ‘onde’, que por sua vez se refere ao antecedente ‘ahí’. O verbo da OR é ‘tomí’.

B) Tipo 2

[-ant] s: [[+prep] LOC (...) [+V]]

As estruturas do Tipo 2 são orações subordinadas relativas, com verbo aparente, iniciadas por LOC antecedido por uma preposição; a oração relativa não possui antecedente na OP. LOC aparece sob as formas de ONDE, ANDE, DÓ, e DONDE. Exemplo:

(8) El tercer tienpo asemeja a el cabrito, que va saltando POR ONDE le viene; (S106/95) (1818)

POR ONDE le viene é uma OR encabeçada pelo ONDE antecedido da preposição ‘por’, sem antecedente na OP. O verbo da OR é ‘viene’.

C) Tipo 3

[+ant] s:[[-prep] LOC (...) [+V]]

No Tipo 3 o antecedente da oração subordinada relativa está presente na OP, e LOC que encabeça a OR não está antecedido de preposição. O verbo da OR apresenta-se aparente. É o tipo com a maior variedade de formas do LOC: ONDE, DONDE, ADONDE, DÓ, ONDA e AONDE. Exemplo:

(9) él llevó los dos hijos de su viejo patrón en una grande cámara chica del hotel ONDE él les trujo a comer y servir por él mismo. (N222/28) (1901-1912)

cámara é o núcleo do antecedente de ONDE, introdutor da OR él les truĵo a comer y servir por él mismo.

D) Tipo 4

[-ant] s: [[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]

O Tipo 4 é uma estrutura em que LOC não tem referente e tampouco vem antecedido por uma preposição. No entanto, *nunca* vem seguido por um verbo e *sempre* vem seguido imediatamente por um SN [+humano]. LOC aparece sob as formas de ONDE, ANDE e O. As estruturas encabeçadas por LOC do Tipo 4 podem ser analisadas de duas maneiras distintas no século XX:

a) Complemento argumentativo de lugar

[-ant] nunca vem preenchido e LOC é uma preposição com o significado equivalente ao da preposição francesa ‘chez’ (‘na casa de’), encabeçando um complemento argumentativo de lugar de uma oração simples. Exemplo:

(10a) debista lyo me rendiré ONDE el emperador (M104/8) (1913)

LOC apresenta-se sob a forma de ONDE e el emperador é o núcleo do complemento argumentativo de lugar. ONDE el emperador é imprescindível para manter a frase bem formada:

(10b) * debista lyo me rendiré

a) Complemento circunstancial de lugar

As características são as mesmas do complemento argumentativo de lugar, a diferença entre eles é que a ausência do compl. circ. de lugar não implica em uma frase mal formada:

(11a) Vos rogo, dámed Teresa y tomadme por esclavo ONDE vos.
(N262/21) (1901-1912)

(11b) Vos rogo, dámed Teresa y tomadme por esclavo.

E) Tipo 5

[-ant] s[[+/-prep] LOC (...) [+V]] {!/?}
--

A estrutura do Tipo 5 é uma oração interrogativa ou exclamativa, em que LOC, advérbio interrogativo ou exclamativo, pode ou não vir precedido de uma preposição, aparecendo sob as formas ONDE, ANDE e ADO. O verbo após LOC está presente. Exemplo:

(12) Y tornose a sus ermanos, y dixo: el niño non él, y yo, ADO yo vinién? (PGen37:30) (1547)

A oração interrogativa cujo verbo é 'vinién' está encabeçada pelo advérbio interrogativo ADO.

F) Tipo 6

[+ant] s[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]](?)

O Tipo 6 é uma oração subordinada relativa ou interrogativa² encabeçada por LOC, que aparece *sempre* sob a forma ONDE, não é antecedido por preposição e vem seguido por um SN [+humano]. Nos casos em que a oração é relativa, LOC é classificado como pronome relativo. Nos casos em que a oração é interrogativa, LOC é um pronome interrogativo. O verbo após LOC vem sempre elidido. Na grande maioria dos casos é uma oração assertiva. Exemplo:

(13) Y se entró *a la camareta* ONDE su mujer. (S101/33) (1818)

O antecedente de ONDE é ‘la camareta’ e o verbo da oração relativa ‘estar’ se encontra elidido.

O Tipo 6 tem uma grande proximidade estrutural com o Tipo 4, já que LOC nunca vem seguido por um verbo. No entanto, não deverá haver confusão entre os dois Tipos, já que o Tipo 6 apresenta antecedente:

Tipo 4:

(14) – Yo te quero mandar ONDE *el rey* y lo que el rey quiera hacerte que haga. (N057/34) (1901-1912)

Tipo 6:

(15) – Mos mandaron aquí ONDE *su merced* a que haga tefilá por la luvia (N090/32) (1901-1912)

G) Tipo 7

[-ant] s[[-prep] LOC (...)] [+V]

² Na grande maioria dos casos é uma oração relativa

A estrutura de Tipo 7 é uma oração relativa livre com verbo aparente, sem antecedente na OP, encabeçada por LOC, que por sua vez não vem antecedido por preposição e aparece sob as formas ONDE e ADO. Morfologicamente LOC é advérbio relativo. Exemplo:

(16) - Entrar en esta barca e ir ONDE vos están esperando. (N227/9)
(1901-1912)

ONDE tem a função de complemento argumentativo de lugar da locução verbal 'están esperando'

H) Tipo 8

S' [+V]	[+/-prep]LOC	S' [+V]
---------	--------------	---------

As estruturas do Tipo 8 são duas orações independentes ligadas por LOC com função de conjunção. LOC pode aparecer sob as formas ONDE, DONDE, ADONDE e O. Quando LOC é uma conjunção, indica uma dedução ou conclusão a partir dos fatos anunciados ou serve simplesmente para conectar uma frase à outra. Exemplo:

(17) Y después de hecho contó el rey muy por estenso la cavsa por qué lo había hecho, por su disculpa, DE ADONDE se supo todo lo que su esclavo Asquender le había dicho. (C153/2) (1567)

Nos textos fortemente influenciados pelo francês encontramos LOC integrado a uma locução conjuntiva semelhante a 'au cas où' do francês, exprimindo uma eventualidade ou suposição. Não será dada ênfase a este tipo por ele ser discursivo e de pouca importância para nosso estudo.

I) Tipo 9

[[[-ant] s:[+/- prep] LOC [-V] SN[+animado]] ?
--

A estrutura de Tipo 9 é uma oração interrogativa, encabeçada por LOC que pode ou não estar antecedido por uma preposição. Sua única forma é ADO. O verbo da oração interrogativa é elidido e vem sempre seguido por um SN [+animado]. Exemplos:

(18) Y dixeron a él: ADO Sarah tu muger? Y dixo: hec, en la tienda.
(Pgen18:9)(1547)

(19) Y dixo a ellos Ya'aqob: mis ermanos, DE ADONDE vos? Y dixeron: de Haran.(Pgen 29:4) (1574)

Na apresentação dos tipos acima, a cronologia dos dados não foi observada, mas o será a partir de agora.

3. Século XX

3.1. *Un marido entre dos mużeres* (Novela anônima, Esmirna, 1913.)

O LOC em *Un marido entre dos mużeres* (1913) não apresenta variantes formais como no português ('onde', 'aonde') ou como nas obras dos séculos anteriores ao XX, que veremos dentro em breve. O estudo desta seção é, desta forma, relativo somente ao ONDE ou ÓNDE. Apesar de aparecer em apenas 8.73% do total dos casos coletados de relativizadores de *Un marido...*, o ONDE é o terceiro relativizador em frequência, sendo o seu número ultrapassado por apenas KE (66.88%) e LO KE (14.33%) (Cf. Quadro1).

3.1.1. Tipos de construções sintáticas com o ONDE

Encontram-se no *corpus* sete dos nove tipos de construções, já enumerados acima, que têm sempre o ONDE como LOC. Sua frequência de ocorrência é a seguinte:

Tipo	Caracterização	Ocorrência	%
1	[+ant] s:[+prep] LOC (...) [+V]]	3	5.27
2	[-ant] s:[+prep] LOC (...) [+V]]	2	3.51
3	[+ant] s:[-prep] LOC (...) [+V]]	31	54.39
4	[-ant] s:[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]	18	31.58
5	[-ant] s:[+/-prep] LOC (...) [+V]] {!/?}	1	1.75
6	[+ant] s:[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]	1	1.75
8	S' [+V] [+/-prep] LOC S' [+V]	1	1.75
Total		57	100

Quadro 6: Frequência dos tipos de estruturas com ONDE em *Un marido...* (1913)

Podemos observar que o Tipo 3 é o mais freqüente de todos, ocorrendo em 56.14% dos casos. O Tipo 4 é também muito freqüente, vindo logo depois do Tipo 3 em 31.58% dos casos. Os demais Tipos apresentam uma ocorrência bastante baixa, principalmente os Tipos 5 e 6, que ocorrem um uma única vez. Vejamos cada tipo separadamente, tendo-se em mente os Quadros 4 e 5 anteriores.

A) Tipo 1

Foram encontrados apenas 3 casos do Tipo 1 neste *corpus*:

(20) I en esta bes también el Dyo azía la guardya sobre nuestros yudyós i les aprontaba *el kamino* por ONDE debía benirles la salbasyón. (M043/3) (1913)

(21) Nozotros markamos de antes *el lugar* asta ONDE estaba la nabe.
(M096/31) (1913)

(22) él era metido en *una tore* de ONDE él no podía komunikar kon ninguno. (M102/28) (1913)

Nos 3 casos acima, o ONDE antecedido por uma preposição tem a função na oração relativa de complemento argumentativo de lugar. Os antecedentes têm a função de objeto direto na oração principal em (20) e (21) e de compl. argumentativo de lugar em (22).

B) Tipo 2

Temos apenas dois casos de estruturas do Tipo 2. Em ambos os casos o verbo da OR se encontra sob a forma 'estaba'. ONDE é precedido por uma preposição e não há antecedente:

(23) – !Debôrah! !Debôrah! – gritó Rabbî Gêrșôn de ONDE *estaba*.
(M126/7) (1913)

(24) la moxka kontinuó a subir, lyebandose kon elya la ebra de ilo, fin ke aribo serka de ONDE *estaba* R. Gêrșôn. (M127/9) (1913)

C) Tipo 3

Alguns exemplos do mais freqüente dos casos:

(25) *En el tiempo* ONDE nozotros empesamos nuestro kuento, la ermozísima sibdad de Konstantinopla era la kapitala de los reis romanos. (M027/1) (1913)

- (26) - Bien - le dixo Selōmōh -, sólo ke sepas ke *el día* ONDE tú embezarás este kumplimiento a una otra persona, akel será el último día de tu bida. (M091/10) (1913)

Como se vê, os antecedentes estão presentes e são ou locativos ou temporais. ONDE não vem precedido por preposição.

D) Tipo 4

Em *Un marido...*(1913) o Tipo 4 é *sempre* uma oração simples com o verbo elidido seguido ou de um complemento argumentativo de lugar encabeçado por ONDE, que por sua vez tem a função de preposição. Todos os casos apresentam um verbo de movimento antes do LOC, que encabeça um complemento argumentativo de lugar. Alguns exemplos:

- (27) Ayer lyo bolté de la gera i me rendí *ONDE mi Se. tío.* (M068/5) (1913)

- (28) Lyo entraré por fuersa *ONDE el emperador* (M118/9) (1913)

E) Tipo 5

O único exemplo encontrado neste texto foi o seguinte:

- (29) ¿! ÓNDE pudites tú hablar kon él, por ke te dé esta orden? (M131/26) (1931)

A oração acima é interrogativa, o ONDE é um advérbio interrogativo que não se refere a nenhum elemento anteriormente citado, não antecedido por uma preposição e seguido de um verbo. É a única ocorrência em que LOC aparece acentuado.

F) Tipo 6

Apenas um caso deste tipo foi encontrado:

(30) Rabbî Gêrshôn bino a Mets, bendyó los lugares ke le dexó su padre; de aí, com su cika fortuna, él se rindyó a Mets, ONDE su nobya. (M29/4) (1913)

No exemplo acima, temos Mets como antecedente da oração subordinada relativa ONDE su nobya. O verbo de ligação 'ser' encontra-se elidido.

As estruturas encabeçadas por ONDE em *Un marido...* (1913) podem ser: i) oração relativa, ii) oração interrogativa e iii) complemento circunstancial argumentativo. A freqüência destes três tipos de estruturas é a seguinte:

Caracterização sintática	Tipo(s)	Classe morf. do ONDE	Ocorrência	%
Oração relativa	1,2,3,6	Adv./pron. rel.	38	64.92
Compl. cir. argumentativo	4	Preposição	18	31.58
Oração interrogativa	5	Adv. int.	1	1.75
S' ONDE S'	8	Conjunção	1	1.75
Total			57	100

Quadro 7: Funções sintáticas das estruturas encabeçadas por ONDE em *Un marido entre dos mužeres* (1913)

A maioria das estruturas iniciadas por ONDE são orações relativas, mas o número de estruturas com a função de compl. circ. argumentativo é também significativo (31.58%).

Os Tipos 1, 2, 3 e 6 são orações relativas encabeçadas por ONDE, que nestes casos pode ser classificado morfológicamente como advérbio ou pronome relativo, dependendo da presença de antecedente. Nos 38 casos o ONDE tem *sempre* a função sintática ou de complemento circunstancial, de lugar ou de tempo, ou de complemento argumentativo de lugar:

Função sintática do ONDE na OR	freqüência	%
Compl. circ. ou arg. de lugar	34	89.48
Compl. Circunstancial de tempo	4	10.52
Total	38	100

Quadro 8: funções sintáticas do ONDE na oração relativa em *Un marido...* (1913)

Através do Quadro 8 observamos que a função principal do ONDE é de complemento locativo, ocorrendo em quase 90% dos casos. Os quatro casos em que o ONDE é compl. circ. de tempo são do Tipo 3. Exemplo:

(31) - Bien - le dixo Selômōh -, sólo ke sepas ke *el día* ONDE tú embezarás este kumplimiento a una otra persona, akel será el último día de tu bida. (M091/10) (1913)

O antecedente da OR encabeçada por ONDE nunca é [+ humano], já que a natureza locativa do ONDE dificulta a presença deste traço. Quando o antecedente está ausente, configura-se como uma estrutura do Tipo 2. Note-se que, nos dois casos, o verbo da OR é *estaba*:

(32) - !Debôrah! !Debôrah! - gritó Rabbî Gēršôn de ONDE *estaba*. (M126/7) (1913)

(33) la moxka kontinuó a subir, lyebandose kon elya la ebra de ilo, fin ke aribo serka de ONDE *estaba* R. Gēršôn. (M127/9) (1913)

Quando o antecedente está presente é sempre [- humano], apresentando-se sob a forma de um objeto ou local ou objeto no mundo físico, um local metafórico ou um ponto no tempo.

a) Objeto no mundo físico. Exemplo:

(34) i poko tiempo después bino la respuesta yuntos *una longa letra de Rabbî Gēršôn*, ONDE le kontaba kon todos sus detalyos su fulyida.
(M139/5) (1913)

b) Local no mundo físico. Exemplo:

(35) él era metido en *una tore* de ONDE él no podía komunikar kon ninguno. (M102/28) (1913)

O antecedente do ONDE na oração principal é ‘una longa letra’.

c) Local metafórico:

(36) Iyo dezeaba también a ke él entrara *en el režo de el gobierno* ONDE él podrá rendir muncos serbisyos. (M072/18) (1913)

‘el režo de el gobierno’ é o antecedente da OR.

d) Ponto no tempo. Exemplo:

(37) *En el tiempo* ONDE nozotros empesamos nuestro kuento, la ermozísima sibdad de Konstantinopla era la kapitala de los reis romanos. (M027/1) (1913)

Uma única oração interrogativa com ONDE (Tipo 5), foi encontrada em todo o *corpus*, como visto anteriormente. Repetimos:

(38) ¿I ÓNDE pudites tú hablar kon él, por ke te dé esta orden?
(M131/26) (1931)

As orações do Tipo 4 apresentam o ONDE com a função de preposição com o mesmo significado principal do CHEZ francês, isto é, ‘na casa de’. O verbo da OP principal é sempre um **verbo de movimento** que pede um ponto de chegada ou de direcionamento, e o compl. circ. argumentativo encabeçado por ONDE vai indicar este local no mundo físico:

(39) I bien, lyo bo kada día ONDE Sipôrah, mužer de Ya'aqōb, el bendedor de seda. (M082/15) (1913)

Passaremos em seguida ao segundo texto do século XX.

3.2. Novelas aljamiadas sefarditas do princípio do século XX (1901-1912)

Nos textos coletados por BARQUÍN (1997), datados de 1901 a 1912, LOC, tal como em *Un marido entre dos mužeres* (1913), não apresenta variações na sua forma, aparecendo sempre sob a forma de ONDE ou ÔNDE.

3.2.1. Tipos de construções com ONDE

As construções com o ONDE em nas *Novelas...* (1901-1912) são as mesmas de *Un marido...* (1913) mais os Tipos 7 e 9. A frequência dos tipos, que serão exemplificados em seguida, é a seguinte:

Tipo	Caracterização	Ocorrência	%
1	[+ant] s:[+prep] LOC (...) [+V]]	8	5.48
2	[-ant] s:[+prep] LOC (...) [+V]]	5	3.43
3	[+ant] s:[-prep] LOC (...) [+V]]	89	60.96
4	[-ant] s:[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]	7	4.79
5	[-ant] s:[+/-prep] LOC (...) [+V]] {!/?}	24	16.44
7	[-ant] s:[-prep] LOC (...) [+V]]	12	8.22
8	S'[+V] [+/-] LOC S'[+V]	1	0.68
Total		146	100

Quadro 9: Frequência dos tipos de estruturas com ONDE em *Novelas...* (1901-1912)

Como podemos ver, o Tipo 3 é o mais frequente (60.96%), seguido dos Tipos 5, 7 e 4 nesta ordem. O Tipo 4, quinto lugar em frequência, aparece em apenas 4.79% dos casos.

a) Tipo 1

Foram encontradas 8 estruturas com ONDE do Tipo 1, que sempre apresenta antecedente expesso. A preposição DE antecede o ONDE em cinco casos, POR em 2 casos e HASTA em apenas um deles. Exemplo:

(40) Voltándose aínda para la puerta POR ONDE se entraba el duque, él le gritó: (N335/31) (1901-1912)

b) Tipo 2

O ONDE das estruturas de Tipo 2, com apenas quatro ocorrências, vem antecedido 3 vezes pela preposição DE e uma vez pela preposição POR. No último caso, ONDE está acentuado. Nesse tipo não há antecedente:

(41) Más de doçientos mil ojos eran fixados sobre la nave y, todo en mirando de aquea parte, buřcaban de outra a ver POR ÓNDE estaba Leónidas, que ainda no había aparecido. (N319/18) (1901-1912)

(42) y se quedó en cuarentena a dos millas leřos de aquí, cerca DE ONDE veríař una nave ahogada. (N366/12) (1901-1912)

c) Tipo 3

O ONDE das estruturas do Tipo 3, o mais freqüente dos casos (60.96%), é o único de todo o texto que funciona na oração relativa não só como complemento argumentativo de lugar ou compl. circ. de lugar, mas também como complemento circunstancial de tempo. Vale ressaltar contudo, que o número de vezes em que o ONDE é compl. circ. de tempo é muito restrito: apenas três vezes de um total de 89 ocorrências do Tipo 3 (total geral de 146 ocorrências). Nas três ocorrências o antecedente é 'momento'.

Exemplo de LOC complemento circunstancial argumentativo:

(43) él ceró los ojos y se expandió largo sobre el lugar ONDE se topaba.
(N228/33) (1901-1912)

Exemplo de LOC complemento circunstancial de tempo:

(44) Ella contaba que un día esta venturosa pensada se le presentó en la idea súbito como un relámpago en el momento ONDE ella terminaba las oraciones y le cavsó un grande truble. (N423/32) (1901-1912)

d) Tipo 4

Nas *Novelas aljamiadas...* o Tipo 4 é ou um complemento argumentativo de lugar ou um compl. circ. de lugar em que o ONDE tem a função de preposição semelhante a 'chez'. Dos seis casos, quatro (66.67%) são c.c. de lugar, que exemplificamos:

(45) Las noches, el padre y el hijo venían tomar el chay ONDE señor Stanby. (N361/15) (1910-1912)

Exemplo de compl. circ. argumentativo:

(46) A la noche el comandante y Armando abajaron a tierra y se rendieron ONDE se. Stanby (N360/17) (1901-1912)

e) Tipo 5

O ONDE aparece acentuado em todas as 24 ocorrências de orações interrogativas do Tipo 5. Exemplo:

(47) - ¿ÓNDE vas, deésgraciado? (N287/10) (1901-1912)

(48) - ¿DE ÓNDE vienes? - Le demandó la vieja. (N427/30) (1901-1912)

f) Tipo 7

O ONDE pode aparecer acentuado ou não:

(49) Obligado de decírmos ÓNDE tenía él cuadrado el tesoro, él refusó categoricamente. (N240/9) (1901-1912)

(50) - Va ONDE quieres - respondió Cascambó -. (N290/17) (1901-1912)

As estruturas encabeçadas por LOC neste texto são as seguintes:

F. sint. estrutura	Tipo(s)	Classif. morf. ONDE	Ocorrências	%
Or. Relativa	1,2,3,7	Adv. relativo	114	78.08
Or. Interrogativa	5	Adv. interrogativo	24	16.44
Compl. circ. de lugar	4	preposição	4	2.74
c.c. argumentativo	4	preposição	3	2.06
S'ONDE S'	8	conjunção	1	0.68
Total			146	100

Quadro 10: Frequência e funções sintáticas das estruturas com ONDE em *Novelas aljamiadas...* (1901-1912)

As orações relativas são os tipos de estrutura com o ONDE em maior número, 78.77%. Em todas elas o ONDE exerce a função de complemento circunstancial. Dos 115 casos, o ONDE é compl. circ. de tempo em apenas 3 OR, todas do Tipo 3. Nos demais casos, a sua função na OR é de compl. circ. de lugar.

Nos tipos em que o antecedente está presente na OP (1 e 3), este é sempre concreto, com exceção do exemplo (N313/21):

(51) Y así muchos padres de familia toparon mismo unos **emplegos y ocupaciones** ONDE eran bien pagados (N313/21) (1901-1912)

‘Empiegos y ocupaciones’ é o antecedente de ONDE, com função de OD na oração principal.

4.Século XIX: *El libro del buen retajar*, ROMERO (1998)

4.1.*Séfer Lel Šimurim* (1818)

O LOC aparece no texto selecionado sob três formas: ONDE, ANDE e O. A distribuição do LOC em relação aos Tipos sintáticos é a seguinte:

Forma	T1	T2	T3	T4	T6	T7	T8	Ocorrências	%
ONDE	2	1	3	21	3	4	1	35	92.11
ANDE				1				1	2.63
O				1		1		2	5.26
Total	2	1	3	23	3	5	1	38	100

Quadro 11: Distribuição das formas do LOC em relação aos tipos sintáticos em *Séfer Lel Šimurim* (1818)

Como visto no quadro acima, o texto selecionado não apresenta os Tipos 5 nem 9, isto é, todas as estruturas são assertivas. O ONDE é a forma mais comum (92.11% dos casos), tendo sido empregado em todos os Tipos. O aparece somente duas vezes (5.26%) em estruturas nas quais sua função gramatical é pouco nítida. Finalmente ANDE aparece uma única vez (2.63%).

4.1.1. Tipos de construções com LOC

Os tipos de construções com LOC e suas freqüências de ocorrência são os seguintes:

Tipo	Caracterização	Ocorrência	%
1	[+ant] s:[[+prep] LOC (...) [+V]]	2	5.26
2	[-ant] s:[[+prep] LOC (...) [+V]]	1	2.63
3	[+ant] s:[[-prep] LOC (...) [+V]]	3	7.90
4	[-ant] s:[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]	23	60.52
6	[+ant] s:[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]](?)	3	7.90
7	[-ant] s:[[-prep] LOC (...) [+V]]	5	13.16
8	S'+[V] [+/-prep] LOC S'+[V]	1	2.63
Total		38	100

Quadro 12: Freqüência dos tipos de estruturas com LOC em *Séfer Lel Šimurim* (1818)

a) Tipo1

O Tipo 1 aparece somente duas vezes (5.26%). Nos dois casos a forma é ONDE, sendo antecedido em (S090/14) pela preposição DE e em (S102/3) pela preposição POR:

(52) Y cuando ya vino a su caleja DE ONDE moraba, salía su mujer o su casa por recibirlo y ella bien afeitada. (S090/14) (1818)

(53) y este hombre moraba en una ciudad cerca la mar POR ONDE que calía que pasen todos los de el guerúš¹. (S102/3) (1818)

No exemplo (53), ONDE vem seguido pela partícula QUE, que parece não interferir no significado 'através da qual' de POR ONDE.

b) Tipo 2

Encontramos um único caso do Tipo 2, estando o ONDE antecedido pela preposição POR:

(8) El tercer tienpo asemeja a el cabrito, que va saltando POR ONDE le viene. (S106/95) (1818)

c) Tipo 3

É o terceiro tipo em frequência (7.90%), com apenas 3 ocorrências. Exemplos:

(52) Cuando salieron de la ciudad, enpezó el mašhit² por llevarlo por caminos tuertos ONDE no pisó pie de hombre y turó unos dos días. (S075/18) (1818)

(53) En la hora que se fue el novio a su camareta ONDE estaba la novia, le corió detrás aquel pobre y le dijo: (S095/91) (1818)

d) Tipo 4

É o tipo mais frequente do texto (60.52%), sendo o único tipo que apresenta uma estrutura encabeçada por ANDE. Das 23 ocorrências, em sete o verbo anterior ao LOC não é de movimento, englobando 30.43% dos casos. Exemplo:

(54) Y lo próprio lo vemos cada día tanto ONDE los rees como onde los pačhás o otras ĝentes grandes que haćen com sus servidores los buenos. (S047/36)

Exemplo com verbo de movimento antecedendo LOC:

(55) recibió sobre sí... de tomar a los probes que venían en aquella

¹ expulsão

² diabo exterminador

civdad para Purim y de ir con ellos ANDE sus amigos. (S109/6) (1818)

e) Tipo 6

A frequência do Tipo 6 é a terceira maior (7.90%), sendo superada somente pelos Tipos 4 e

7. Exemplo:

(56) – Mos mandaron aquí ONDE su merced a que haga tefilá³ por la luvia. (S090/32) (1818)

O antecedente ‘aquí’ da OR está presente na OP e o verbo da OR está elidido.

f) Tipo 7

A frequência do Tipo 7 (13.16%) só perde para o Tipo 4. Exemplo:

(57) El bueno de el novio se fue amargo y triste de corazón y entró ONDE estaba la novia y la topó haciendo tefilá a el šem⁴ (S095/117) (1818)

4.2. *Séfer Menorat hamaor* (1877)

O *Séfer Menorat hamaor* (1877) apresenta o LOC sob uma única forma: ANDE/ÁNDE. Os tipos de construções encontrados foram mais limitados, consequência talvez do tamanho restrito do texto: estão representados apenas os Tipos 2, 4 e 5.

4.2.1. Tipos de construções sintáticas com ANDE

As estruturas encontradas neste texto foram as seguintes:

³ oração matinal

Tipo	Estrutura morfo-sintática iniciada por ANDE	Ocorrências	%
1	[+ant] s:[[+prep] LOC (...) [+V]]	1	11.11
4	[-ant] s:[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]	3	33.33
5	[-ant] s:[[+/-prep] LOC (...) [+V]]{!/?}	5	55.56
Total		9	100

Quadro 13: Tipos de estruturas morfo-sintáticas encabeçadas por ANDE em *Séfer Menorat hamaor*(1877)

Vejamos cada um dos tipos.

a) Tipo 1

Um único exemplo bastante ambíguo do Tipo 1 foi encontrado:

(58) Y no declararon hajamim⁵ en la coša DE ÁNDE se deprende hasta que vino rabí Yišhac y declaró según dice el pasuc⁶ (H188/7) (1877)

Podemos observar que o ANDE apresenta-se acentuado e antecedido pela preposição DE, sendo o seu antecedente ‘coša’.

b) Tipo 4

Em todos os exemplos encontrados, o termo SN[+humano] que segue LOC é ‘el rey’. Nos três exemplos o verbo que antecede o LOC é de movimento. Exemplos:

(59) Entró aquel mayoral ANDE el rey; (H200/39) (1877)

⁴ o nome de Deus

⁵ sábios

⁶ versículo

c) Tipo 5

Todas as estruturas do Tipo 5 são orações interrogativas com o ANDE acentuado e antecedido pela preposição DE, indicando origem. Exemplo:

(60) ¿DE ÁNDE se preba que este het⁷ es lañon⁸ de limpieza?
(H188/6) (1877)

5. Século XVI

5.1. *Crónica de los reyes otomanos* (1567)

5.1.1. Introdução

As formas de LOC na *Crónica...* e seus tipos são:

	T1	T2	T3	T7	T8	Frequência	%
ONDE	5	5	35	11	4	60	50
DONDE	5	3	13		16	37	30.83
ADONDE	7		5		8	20	16.67
DÓ		1	1			2	1.67
ONDA			1			1	0.83
Total	17	9	55	11	28	120	100

Quadro 14 : As formas de LOC e sua classificação em tipos sintáticos da *Crónica...* (1567)

Podemos observar que ONDE é o mais empregado (50%), ao contrário de DO e de ONDA que aparecem apenas duas e uma vez, respectivamente. Os Tipos 4,5,6 e 9 não foram

⁷ pecado

encontrados. O Tipo 3 é o que apresenta a maior variedade de LOC, apresentando todas as formas encontradas neste *corpus*. Como as formas em que LOC aparece é variada, comentaremos cada uma delas separadamente depois da visão geral deste texto.

5.1.2. Tipos de construções sintáticas com LOC

A frequência dos tipos de construções com LOC na *Crónica...*(1567) foi a seguinte:

Tipo	Estrutura sintática com LOC	Ocorrência	%
1	[+ant] s:[+prep] LOC (...) [+V]]	17	14.17
2	[-ant] s:[+prep] LOC (...) [+V]]	9	7.5
3	[+ant] s:[-prep] LOC (...) [+V]]	55	45.83
7	[-ant] s:[-prep] LOC (...) [+V]]	11	9.17
8	S' [+V] [+/-prep] ONDE S' [+V]	28	23.33
Total		120	100

Quadro 15: Frequência dos tipos de estruturas com LOC na *Crónica...* (1567)

Tendo-se em conta os dois quadros acima, podemos fazer algumas afirmações:

a) Tipo 1

É o Tipo com a terceira maior frequência. Exemplo:

(61) comenzaron a caminar la gente de a pie que salían fuera de la ciudad por todas las partes que el rey había de pasar, desde la **puerta de Andrinopla**, POR ONDE había de entrar, hasta la puerta del seray. (C079/8) (1567)

LOC é antecedido pela preposição DE, tendo 'puerta' como núcleo do antecedente.

⁸ formulação

b) Tipo 2

É o menos freqüente dos tipos (7.5%). Exemplo:

(62) Estuvo así un poco parado, suspenso a mi ver, pensando POR DÓNDE me podría comprender. (C258/8) (1567)

c) Tipo 3

É o mais freqüente dos Tipos (45.83 %), sendo o único que tem ONDA como um de seus constituintes:

(63) la batalla de Siguetvar por la manana, sobre la cual tenía sitio la sazon, que era fortisima fortaleza, la cual venceron y entraron en ella dos días después de él muerto, ONDA hubieron mucha presa de esclavos y hacienda. (C063/7) (1567)

‘fortisima fotaleza’ é o antecedente de ONDA.

d) Tipo 7

Aparece encabeçado sempre por ONDE. Exemplo:

(64) Y las más de las veças comía con el rey e iba com él a pasear ONDE quiera que él iba como dos amigos y compañeros iguales. (C144/10) (1567)

As estruturas sintáticas encabeçadas por LOC são as seguintes:

Função sintática	Tipo(s)	Classif. morf. de LOC	Ocorrência	%
Or. Relativa	1,2,3,7	adv. rel.	97	80.17
Or. Coord.	8	conjunção	24	19.83
Total			121	100

Quadro 16: Estruturas sintáticas encabeçadas por LOC na *Crônica...* (1567)

Todas as estruturas encontradas que não são do Tipo 8 são orações relativas com o verbo presente. Os Tipos com [-V] não apareceram no texto. O número de vezes em que o LOC funciona como advérbio relativo é significativamente maior do que o número de vezes em que ele é conjunção.

5.1.3. LOC e suas variadas formas

5.1.3.1. ONDE

O ONDE é o termo mais freqüente na *Crônica...* (1567). Das 60 ocorrências encontradas, em 57 dos casos a sua função morfológica é de relativizador (93.33 %), e em 4 casos a sua função morfológica é de conjunção.

Quando o ONDE tem a função de advérbio relativo, sua função sintática é sempre ou de complemento circunstancial de lugar ou de complemento argumentativo de lugar.

O número de vezes em que o ONDE tem a função ou de compl. circ. de lugar ou de compl. argumentativo de lugar é 56, podendo ou não estar antecedido por uma preposição. A distribuição do ONDE em relação às preposições que o antecedem é a seguinte:

	Frequência	%
ONDE	46	82.14
POR ONDE	5	8.94
DE ONDE	3	5.36
PARA ONDE	1	1.78
HATA ONDE	1	1.78
Total	56	100

Quadro 17: Preposições que antecedem o ONDE na *Crónica...* (1567)

Como se pode ver, a grande maioria dos casos do ONDE são sem preposição.

5.1.3.2. DONDE

DONDE só perde em frequência para ONDE, aparecendo 37 vezes. Sua classificação é a seguinte:

	Frequência	%
c.c.locativo	17	45.95
Conjunção	16	43.24
c.c. meio	4	10.81
Total	37	100

Quadro 18: Funções do DONDE nas estruturas com LOC da *Crónica...* (1567)

Quando DONDE é classificado como advérbio relativo, (61.11% dos casos), sua função sintática é de complemento locativo ou compl. circ. de meio. Vejamos cada um deles.

a) DONDE compl. locativo

O DONDE com função de compl. locativo na oração relativa, que aparece no texto 17 vezes, é antecedido pela preposição POR em 4 dos casos. Em apenas um dos casos o antecedente é nulo. Exemplos:

Preposição ausente, antecedente ‘el mismo lugar’:

(65) Que el rey pasado había dado orden que se hiciesen edificios **en el mismo lugar DONDE** se fabricaba la puente. (C199/19) (1567)

Preposição POR, antecedente ‘tres ruedas’:

(66) Las cuales 2 tiene cada una de ellas tres ruedas hechas a modo de red muy menuda hecha de entretallo de mármol finísimo, **POR DONDE** arodea de todas las partes el que llama a la oración en sus tiempos diputados; (C183/14)(1567)

Preposição POR, sem antecedente:

(67) Y a esta cavsa, por remediar éste y muchos otros inconvenientes, la hizo redonda, para que **POR DONDE** quiera que el agua viniese a batir en su principal ínetu, quebre y se escura por ambas las partes y lados. (C195/8) (1567)

b) DONDE compl. circ. de meio

Foram encontrados apenas 4 casos em que o DONDE exerce a função de compl. circ. de meio na oração relativa. Em todos eles o pronome é antecedido pela preposição POR. O antecedente é abstrato em 3 dos casos e ausente em um. Veja-se:

(68) y así en muy poco espacio de tiempo ordenó *modos y maneras* **POR DONDE** le diesen sanjaclíc⁹. (C141/29) (1567)

⁹ gobernador

5.1.3.3. ADONDE

O número de estruturas encontradas com ADONDE foi de 20. As funções gramaticais exercidas por ele na oração relativa é de advérbio relativo. No caso de unir duas orações, funciona como conjunção.

ADONDE tem a função de complemento locativo 12 vezes no texto. O antecedente está presente em 10 casos, podendo ser concreto ou não. Encontramos uma única ocorrência sem antecedente, sendo também o único ADONDE acentuado:

(69) Y vido él que el pačhá a todo se estuvo callado, y ansí decírle después de éste que él tenía lugar de adonde sacar los dos mil ducados y reírse y no demandarle DE ADÓNDE, como solía sobre otras cosas (C250/9) (1567)

5.1.3.4. ONDA

ONDA aparece uma única vez no texto, não sendo antecedido por preposição e com a função de compl. circ. de lugar. Seu antecedente é concreto:

(70) la batalla a Siguetvar por la mañana, sobre la cual tenía sitio a la sazón, que era fortísima fortaleza, la cual vencieron y entraron en ella dos días después de él muerto, ONDA hubieron mucha presa de esclavos y hacienda. (C063/7) (1567)

5.1.3.5. DO

A forma DÓ aparece duas vezes no texto com a função ou de complemento locativo. No exemplo (82), DÓ aparece acentuado e sem antecedente:

(71) Y encomendó al chaúz que él mandó que fuese a todo correr

como ulaque¹⁰ hasta que alcanzase y pasase a el otro chaúz que antes que él había partido con dicho presente, diciéndole quién era y PARA DÓ y para qué iba, para que fuese de todo bien advertido; (C137/12) (1567)

5.2. *Pentateuco de Constantinopla* (1547)

Como já dito anteriormente, o *Pentateuco...* (1547) é uma tradução literal, palavra por palavra, do original em hebraico, diferindo dos demais textos neste aspecto. Qual é a palavra hebraica correspondente a cada tipo de LOC pode nos levar a sistematizar e compreender a razão da escolha de uso de cada um deles, já que é nesta obra que LOC apresenta o maior número de formas: O, ONDE, AONDE, ADO, ADONDE, DONDE.

5.2.1. A fonte hebraica de LOC

As correspondências de LOC com o hebraico são as seguintes:

a) *mi / me / m*

Possui duas significações

- Pronome interrogativo referente a pessoa, sem flexão de gênero ou número: 'quem'. Pode, no entanto, se referir a coisas: 'que' (MEYER 1996:135).
- Preposição indicadora de origem: 'de onde', 'a partir de'.

b) *me 'ašer*

Partícula composta por *me-*, preposição que indica origem e *'asher*, pronome 'que'.

c) *'ei / 'ai / 'aiêh*

Advérbio interrogativo 'onde?', 'qual?'.

d) *me 'aîn / me 'aî (me + 'ai)*

¹⁰ mensageiro

Advérbio interrogativo: ‘de onde?’. Partícula composta por *me-*, preposição que indica origem e *'ai*, advérbio interrogativo da mesma raiz de *'ei*.

e) *'eîmi*

Pronome interrogativo; ‘de onde?’

f) *'anah*

Advérbio interrogativo que indica direção.

‘onde?’, ‘para onde?’, ‘quando?’.

g) *'êphoh*

Advérbio interrogativo ‘onde?’

h) *'o*

conjunção com o sentido de ‘ou’, ‘se’

5.2.2. Tipos de construções sintáticas com LOC

No quadro que se segue estão correlacionados as formas em que LOC aparece neste texto com o vocábulo hebraico correspondente na Bíblia em hebraico (FISCH,1997), além de uma subdivisão em tipos sintáticos. Os números em parênteses correspondem à quantidade de tipos sintáticos encontrados:

LOC	T1	T2	T3	T5	T7	T8	T9	Total	%
ADO				' <i>anah</i> (1)	<i>eifoh</i> (1)		' <i>ei 'ai</i> ' <i>aiyeh</i> (8)	10	41.67
ADONDE		<i>me 'asher</i> (1)		' <i>anah</i> ' <i>eimi-</i> (4)			<i>me 'ai</i> <i>me 'ain</i> (2)	7	29.16
DONDE	<i>mi-</i> (1)		<i>m-</i> (1)	<i>me 'ain</i> (1)				3	12.5
O						' <i>o</i> (2)		2	8.33
AONDE			<i>mi-</i> (1)					1	4.17
ONDE			<i>mi-</i> (1)					1	4.17
Total	1	1	3	6	1	2	10	24	
%	4.17	4.17	12.5	25	4.17	8.33	41.67		100

Quadro 19: Caracterização de LOC no *Pentateuco de Constantinopla* (1547)

Vejamos cada um deles separadamente:

a) Tipo 1

O Tipo 1 aparece uma única vez no texto:

(72) Y movieronse de 'ōbot, y pozaron en Islas de los Pasajes en el dzierto, que sobre façes de Mō'ab, DE DONDE esclarese el sol. (Pnum21:11) (1547)

DONDE tem a função de complemento circunstancial de lugar na oração relativa e vem antecedido pela preposição DE.

b) Tipo 2

Também foi encontrada uma única ocorrência:

(73) Vos andad, tomad a vos paĵa DE ADONDE hallaredes, que non menguado de vuestro serviĵo ninguna cosa. (Pex5:11) (1547)

c) Tipo 3

LOC do Tipo 3 aparece sob as formas de DONDE, ONDE e AONDE, sempre com a função de complemento circunstancial de lugar. Exemplo:

(74) De sierto, ellos en parte de el Yardēen, enpues de carrera DONDE se pone el sol, en tierra del Kena'ani, el están en la llanura a escuenta el Gilgal, serca llanuras de Moreh. (Pdeut11:30) (1547)

d) Tipo 5

É o segundo Tipo mais freqüente (25%), perdendo apenas para o Tipo 9 (41.67%). Exemplo:

() Y tornose a sus ermanos, y dixo: el niño non él; y yo, ADO yo vinién? (Pgen37:30) (1547)

ADO tem a função de complemento argumentativo de lugar da oração relativa.

e) Tipo 7

O texto apresenta uma única ocorrência do Tipo 7:

(75) Y dixo: a mis ermanos [yo] buscán; denuĵia agora a mi ADO ellos apaĵentates. (Pgen37:16) (1547)

ADO tem a função de complemento circunstancial de lugar na OR.

f) Tipo 8

O Tipo 8 apresenta-se sob a forma de O nos dois casos encontrados. Exemplo:

(76) Quando mayoral pecara, y hara una de todas encomendanças de Adonay su Dio que non son de hazer, por yerro, y se culpares; O fue sabido a él su pecado que peço en ella, y traera a su allegaçion cabrito de cabras macho sano; (plev4:23) (1547)

g) Tipo 9

O Tipo 9 é mais freqüente dos casos (41.67%), apresentando-se 8 vezes sob a forma de ADO e duas vezes sob a forma de ADONDE. Recordemos que o Tipo 9 é uma oração interrogativa na qual LOC não possui referente e pode vir ou não precedido por uma preposição. LOC é classificado como advérbio relativo e vem sempre seguido por um verbo copulativo elidido e por um SN [+humano]. Exemplos:

(77) Y dixo Adonay a Qayin: ADO Hebel tu ermano? Y dixo: non se. (Pgen4:9) (1547)

(78) Y dixo a ellos Ya'aqob: mis ermanos, DE ADONDE vos? Y dixeron: de Haran nos. (Pgen29:4) (1547)

As funções sintáticas das estruturas com LOC, no seu conjunto geral, são:

F. sintática	Tipo(s)	Classificação morf. LOC	Ocorrências	%
Or. interrogativa	5,9	Adv. int.	16	66.67
Or. relativa	1,2,3,7	Adv. relativo	6	25
Or. coordenada	8	Conjunção	2	8.33
Total			24	100

Quadro 20: Funções sintáticas das estruturas com LOC no Pentateuco... (1547)

As orações com LOC são em sua maioria interrogativas e do Tipo 9. Este é o único texto em que o Tipo 9 aparece.

5.2.3. LOC e suas variadas formas

5.2.3.1. ADO

É o LOC mais freqüente do texto, e seus correspondentes em hebraico são sempre elementos interrogativos, partícula ou advérbio. Nunca aparece precedido por preposição. Sua função morfológica nas dez ocorrências é de pronome interrogativo, sua função sintática é sempre de complemento locativo. Apenas uma pergunta¹¹ é feita de forma indireta:

(79) Y dixo: a mis ermanos [yo] buscán; denuçia agora a mi ADO ellos apaçentantes. (Pgen37:16)

O verbo ‘estar’ aparece elidido nos oito casos do Tipo 9. Em todos os casos de elisão deste verbo, o sujeito é sempre [+ humano]¹²: *Hebel, Sarah, Dio* (que consideramos ao longo desta dissertação como [+ humano] por questões de simplificação), dois pronomes pessoais (*ti, lo*) e dois substantivos simples (*varones, aplazada*¹³). ADO aqui implica em uma noção de [- movimento], já que o verbo que está subentendido, *estar*, implica em estabilidade física em um devido lugar, em um momento específico no tempo. A título de exemplificação:

(80) Y dixo Adonay a Qayin: ADO Hebel tu ermano? Y dixo: non se. (PGen4:9) (1547)

(81) Y dixo: hec, el fuego y las leñas, y ADO el carnero por alçaçon? Y dixo ‘Abraham: el Dio vera a él, el carnero por alçaçon, mi hiço. (PGen22:7) (1547)

¹¹ Considerada como exclamação por CANTERA-IGLESIAS (1975)

¹² Foi encontrado um único SN[-humano], “carnero”, que por medida de economia foi considerado [+humano] por ter o aspecto [+animado]

¹³ prostituta sagrada para rituais

(82) Y dira: ADO su Dio, fuerte que se abrigaron en él? (PDeut32:37) (1547)

Duas estruturas, no entanto, não apresentam o verbo copulativo elidido, pois os verbos relacionados ao sujeitos das orações relativas são *apacentantes* [pastoreiam] e *vinién* [vou], ambos verbos de movimento. Veja-se:

(83) Y dixo: a mis ermanos [yo] buscán; denuçia agora a mi ADO ellos apaçentantes. (PGen37:16) (1547)

(84) Y tornose a sus ermanos, y dixo: el nino non él; y yo, ADO yo vinién? (PGen37:30) (1547)

5.2.3.2.ADONDE

ADONDE aparece neste texto como pronome interrogativo seis vezes e como advérbio de lugar uma única vez (91). Sua função sintática, nos sete casos, é de complemento locativo. O verbo se encontra elidido em duas das frases: em (89) e (90) o verbo 'ser', com noção de origem, cujo sujeito é [+ humano]; em (92) o verbo foi traduzido em CANTERA-IGLESIAS (1975) como esp. 'saco' [port. inf. 'tirar'], tendo de qualquer forma uma noção de origem. O sujeito também é [+humano], no entanto, ADONDE não vem seguido dele, e sim de seu objeto direto 'carne':

(85) Y dixo: Hagar, sierva de šaray, DE ADONDE vienes, y ADONDE andas? Y dixo: delante de šaray, mi señora, yo huyén. (Pgen16:8) (1547)

(86) Y dixo a ellos Ya'aqob: mis ermanos, DE ADONDE vos? Y dixeron: de Haran nos. (Pgen 29:4) (1547)

(87) Vos andad, tomad a vos paña DE ADONDE hallaredes, que non menguado de vuestro serviçio ninguna cosa. (PEx5:11) (1547)

(88) DE ADONDE a mi carne por dar a todo el pueblo este? Que lloran sobre mi, por dezir: da a nos carne, y comeremos. (PNum11:13) (1547)

Quando vem antecedido pela preposição DE, indicando origem, em hebraico apresenta *mi-* como um de seus componentes. Na ausência de preposição, aparece em hebraico sob a forma *'anah*.

5.2.3.3. DONDE

DONDE aparece em 3 construções do *Pentateuco*...(1547), sendo sua função sintática a mesma em todas elas, a de adjunto adverbial de lugar. Em (93) e em (94) DONDE vem antecedido pela preposição DE, indicando a origem da ação do sujeito. Em (93) DONDE é um pronome interrogativo, enquanto nas demais orações trata-se de um pronome relativo, sendo que em (94) não há antecedente:

(89)Y vido Yosef a sus ermanos, y conoçiolos; y desconoçiose a ellos, y hablo con ellos palabras duras, y dixo a ellos: DE DONDE venistes? Y dixeron: de tierra de Kenaan, por comprar çivera. (PGen42:7) (1547)

(90)Y movieronse de 'Obot, y pozaron en Islas de los Pasajes en el dizierto, que sobre façes de Mo'ab, DE DONDE esclarese el sol. (PNum21:11) (1547)

(91)De sierto, ellos en parte de el Yardën, enpues de carrera DONDE se pone el sol, en tierra del Kena'ani, el están en la llanura a escuenta el Gilgal, serca llanuras de Moreh. (PDeut11:30) (1547)

Em hebraico, sempre apresenta *mi-* como um de seus componentes.

5.2.3.4. O

Sua frequência é baixa, apenas duas ocorrências (8.33%). Só ocorre no Tipo 8, isto é, tem sempre a função de conjunção. Em hebraico é sempre a conjunção 'o. Exemplo:

(92) Quando mayoral pecara, y hara una de todas encomendaças de *Adonay* su Dio que non son de hazer, por yerro, y se culpare; **O** fue sabido a él su pecado que peço en ella, y traera a su allegaçion cabrito de cabras macho sano; (Plev 4:23) (1547)

5.2.3.5. AONDE

Foi encontrado um único exemplo do Tipo 3. Sua forma original em hebraico é *mi-*:

(93) Estonses aparto Mošeh tres çibdades en parte de Yardēn **AONDE** esclareçe el sol; (Pdeut 4:41) (1547)

Sua função morfológica é de pronome relativo com o antecedente [-humano] e [+concreto], *en parte de el Yarden*, Na oração relativa, *esclarece el sol*, sua função sintática é de compl. circ. de lugar.

5.2.3.6. ONDE

Como o AONDE, foi encontrado um único exemplo do Tipo 3. Sua forma original em hebraico é *mi-*:

(94) Y eredaron a su tierra, y a tierra de 'ōg, rey del Bašan, dos reyes de el 'Emori que en parte del Yardēn, **ONDE** esclareçe el sol. (Pdeut 4:47) (1547)

A oração relativa do exemplo (99) é idêntica à do exemplo 98), tendo ambos aparecido no mesmo livro, Deuteronomio. ONDE tem a função morfológica de pronome relativo com

antecedente [- humano] e [+ concreto], *en parte de el Yarden*. Sua função sintática na oração é de compl. circ. de lugar.

6. Visão panorâmica dos dados do Capítulo 4

Apesar da variedade de formas fônicas do LOC no *corpus*, sua distribuição em relação aos tipos sintáticos é homogênea. Veremos aqui como ela se dá sob este aspecto para depois vermos como o LOC se distribui em relação à cronologia das obras.

	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9
ONDE	X	X	X	X	X	X	X	X	
ANDE		X		X	X				
DONDE	X	X	X					X	
ADO					X		X		X
ADONDE	X	X	X		X			X	X
AONDE			X						
DO		X	X						
ONDA	X		X						
O				X			X	X	

Quadro 21: Paralelo entre as formas fônicas do LOC e os tipos sintáticos

ONDE é a forma fônica de LOC mais produtiva, integrando a maior variedade de Tipos: só não integra estruturas do Tipo 9, restritas ao *Pentateuco de Constantinopla*(1547). AONDE aparece somente nas estruturas de Tipo 3 do *Pentateuco...*(1547).

As variadas formas do LOC estão distribuídas da seguinte maneira ao longo dos séculos em que as obras do *corpus* se inserem:

	Século XX		Século XIX		Século XVI	
	1913 (M)	1912-1901(N)	1877 (H)	1818 (S)	1567 (C)	1547 (P)
ONDE	100	100	92.11		50	4.17
ANDE			2.63	100		
DONDE					30.83	12.5
ADO						41.67
ADONDE					16.67	29.16
AONDE						4.17
DO					1.67	
ONDA					0.83	
O			5.26			8.33
%	100	100	100	100	100	100

Quadro 22: Comparação das frequências do LOC nos textos

A variedade existente de formas fônicas com as quais o LOC aparece nos textos selecionados vai diminuindo ao longo do tempo: enquanto no século XVI estão representadas todas as suas formas possíveis, no século XIX encontramos apenas ONDE, ANDE e O. No século XX, ANDE e O já não aparecem mais e o ONDE aparece na totalidade das ocorrências. O ONDE é a única forma que aparece em todos os séculos. Sua frequência vai aumentando gradualmente até chegar à totalidade das ocorrências no século XX. O ANDE só se apresenta no século XIX.

A relação das obras integrantes do *corpus* com os tipos sintáticos é a seguinte:

	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	%
1913	5.27	3.51	54.39	31.58	1.75	1.75		1.75		100
1901	5.48	3.43	60.96	4.79	16.44		8.22	0.68		100
1877		11.11		33.33	55.56					100
1818	5.26	2.63	7.90	60.52		7.90	13.16	2.63		100
1567	14.17	7.5	45.83				9.17	23.33		100
1547	4.17	4.17	12.5		25		4.17	8.33	41.67	100

Quadro 23 : Distribuição dos tipos sintáticos em relação às obras do *corpus*

Podemos ver que o Tipo 9 só se apresenta no *Pentateuco...* (1547), obra do século XVI, enquanto os Tipos 4 e 6 não têm ocorrências no século XVI.

Concluída a análise sincrônica, procederemos no próximo capítulo à discussão das informações aqui fornecidas e à sua análise diacrônica.

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS DADOS: O PROCESSO DE REANÁLISE DO TIPO 4

1. Introdução

Uma teoria completa de mudança sintática deve, segundo HARRIS & CAMPBELL (1995:8)

- a) descrever as causas da mudança de A para A';
- b) explicar os mecanismos da mudança;
- c) caracterizar as novas estruturas e suas fontes.

Discutiremos os pontos acima, lembrando que, como visto no Cap.2, para que a reanálise ocorra é necessário que algum subconjunto de um tipo estrutural específico esteja aberto a análises estruturais múltiplas, sendo a nova análise uma dessas análises em potencial. Além do mais, fatores de vários tipos – lingüísticos e extra-lingüísticos ou uma inter-relação entre eles – podem ser determinantes para o desencadeamento da mudança: sintático, semântico, pragmático e social (TARALLO 1983:72).

2. A reanálise do Tipo 4

Como já dito antes, as estruturas do tipo [-ant] s'[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] no século XX, a que chamamos de Tipo 4, são analisadas ou como complemento circunstancial de lugar ou como complemento argumentativo de lugar. Exemplos:

(96) y ni yo supe como se pasaron las vente y cuatro horas hasta poder otra vez ir ONDE mi amigo (N352/24) (1901-1913)

(97) *elya boltó ONDE su marido*, serka de la tore, i empesó de nuevo a lyamarlo kon su nombre. (M126/27) (1913)

Em ambos os casos ONDE funciona como uma preposição equivalente ao CHEZ francês, com o significado de ‘na casa de’, ‘junto a’. A preposição ONDE vem seguida de um SN [+humano], núcleo do complemento locativo, como no francês:

(98a) Il est allée *chez le professeur*.¹

(98b) * Il est allée.

(99a) Nous mangeons bien *chez ma tante*.

(99b) Nous mangeons bien.

As orações simples, cujos núcleos são o verbo de movimento ‘est allée’, no primeiro exemplo, e ‘mangeons’ no segundo, têm como complemento circunstancial argumentativo de lugar *chez le professeur* e complemento circunstancial de lugar *chez ma tante* respectivamente.

Tudo parece indicar que as estruturas semelhantes a (96) e (97) seriam uma consequência da forte influência do francês e do contato com estruturas tais como (98) e (99) a partir das quatro últimas décadas do século XIX. A estrutura sintática semelhante a ‘chez le professeur’ teria sido tomada pelo judeu-espanhol sem a imitação das entidades fonéticas do modelo francês, configurando-se como um calco sintático de origem francesa. CHEZ é substituído por LOC, pois, como afirmado no Cap. 2, s. 2.3., nesse processo um complexo léxico da língua modelo é reproduzido – o francês – pelos meios formais da língua receptora – o judeu-espanhol.

No entanto, a influência do francês sobre o judeu-espanhol não seria suficiente explicar estruturas do Tipo 4 encontradas em textos *anteriores* à europeização do Império Otomano

¹ Trad.: “Ele foi na casa do professor.” e “Nós comemos bem na casa da minha tia”.

e à influência francesa sobre os sefarditas. A porcentagem de estruturas do Tipo 4 é inclusive maior nos textos do século XIX: 61,55% em *Séfer lel Šimurim* (1818) e 33,33% em *Séfer menorat hamaor* (1877) contra 31,58% em *Un marido...*(1913) e 4,79% em *Novelas...*(1901-1912). Eis alguns dos exemplos que **não** poderiam ser explicados pelo calco sintático de origem francesa, já que datam de 1818, época anterior à presença significativa do francês no Império Otomano:

(100a) – *Yo te quero mandar ONDE el rey y lo que el rey quiera hacerte que haga.* (S057/34) (1818)

(101) *y así hizo y vino ONDE su mujer y le contó cualmente el viejecico vino a demandar el amanet²* (S102/60) (1818)

Uma possível análise desse tipo de estrutura no século XIX é que *ONDE el rey e ONDE su mujer* em *Séfer lel Šimurim*(1818) seriam orações relativas que têm o LOC como relativizador e o verbo copulativo elidido. Esta seria resultado de uma influência do hebraico, já que os verbos ‘ser/estar’ não são representados nesta língua. A partícula relativizadora LOC vem ligada diretamente ao SN[+humano] sujeito da oração relativa:

	[[-prep] LOC	[-V]	SN[+humano]]
(100b)	ONDE	[está]	el rey
	Relativizador	verbo copulativo elidido	sujeito da oração relativa

A análise de OR livre com verbo elidido dada às estruturas anteriores ao século XX é reforçada pelos dados encontrados no Pentateuco de Constantinopla (1547), do qual conhecemos a fonte hebraica e conseqüentemente os valores de LOC. Apesar do Tipo 4 não

²Objeto ou dinheiro entregue a alguém para que seja guardado.

existir no *Pentateuco...* (1547), encontramos estruturas muito semelhantes a ele, as de Tipo 9, com apenas duas pequenas diferenças: as do Tipo 9 são sempre interrogativas e o LOC pode vir antecedido por uma preposição ou não, enquanto o Tipo 4 é sempre uma oração assertiva e o LOC nunca vem antecedido por uma preposição. Veja-se:

Tipo 4: [-ant] s[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] (século XX)

Tipo 9: [-ant] s[[+/- prep] LOC [-V] SN[+humano]] ? (século XVI)

As orações interrogativas do Tipo 9 do século XVI, semelhantes à oração relativa sem antecedente, não podem ser consideradas um complemento locativo, e sim semelhantes a uma oração relativa porque O *Pentateuco...* (1547) é uma tradução literal, palavra por palavra do original em hebraico. No original hebraico, as estruturas com LOC são orações relativas com o verbo ‘ser/estar’ elidido. Se a tradução é ao pé da letra, as estruturas do Tipo 9 do *Pentateuco...* são *obrigatoriamente* orações relativas com o verbo elidido. Exemplos:

(102) Y llamaron a Lõt, y dixeron a él: *ADO los varones que vinieron a ti esta noche?* (Pgen 19:5)

Onde **estão** os homens que vieram esta noite?

(103) Y dixo a él: *ADO t?* (Pgen 3:9)

onde **está** você?

As estruturas do Tipo 4 do século XX são *sempre* complementos locativos devido à influência das estruturas com CHEZ em francês. No entanto, essas estruturas, tal como aparecem na estrutura superficial, já existiam antes do contato com o francês sob a forma de oração relativa sem antecedente com verbo elidido devido à influência do hebraico.

No momento do contato com o francês, língua em que [-ant] s:[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] é um complemento locativo, os sefarditas acabaram deixando de lado uma das análises da estrutura, isto é, a análise de que esta seria uma oração relativa com verbo elidido. As estruturas do Tipo 4, tais como os exemplos (100) e (101), inicialmente orações relativas livres com o verbo copulativo elidido, passam a ser analisadas exclusivamente como um complemento locativo no século XX, não sofrendo nenhuma alteração na sua estrutura superficial. A reanálise do Tipo 4 foi possível pelo fato das duas estruturas apresentarem semelhança superficial, sendo passíveis de mais de uma análise por parte dos falantes. Os resultados das mudanças ocorridas, não necessariamente nesta ordem, são as seguintes:

- a) LOC, anteriormente entendido como advérbio relativo de lugar passa a ter o papel de preposição locativa significando ‘junto a’ ou ‘na casa de’;
- b) O verbo, antes subentendido, passa a não existir. Conseqüentemente, a estrutura, antes uma oração relativa, é reanalisada como um complemento circunstancial argumentativo.
- c) o SN [+humano] sujeito torna-se um dos constituintes do complemento locativo;
- d) O período composto torna-se uma oração simples.

Não podemos ignorar dois fatos que podem ter incentivado a ambigüidade dessas estruturas, mesmo antes da chegada do francês, possibilitando que LOC tivesse a função de preposição e o SN[+humano] fosse um dos constituintes do complemento locativo da oração simples:

- a) em hebraico o Tipo 4 [-ant] s:[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] pode representar tanto um complemento locativo quanto uma oração relativa com verbo copulativo elidido, já que LOC tem um papel pouco definido podendo ser uma preposição, um pronome ou um advérbio;

b) na Península Ibérica o Tipo 4 [-ant] s[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] existe sob a forma de um complemento locativo, com LOC funcionando como preposição (cf. Cap.3, s.4.1.2.). É difícil saber se houve uma influência por parte de uma estrutura marginal como esta sobre o judeu-espanhol, mas sua existência nos leva a crer que o estranhamento em relação às estruturas semíticas seria menor:

3. As causas da mudança

Além dos fatores socio-psicológicos desencadeadores destas mudanças, deve haver contextos optimais internos à língua que facilitam este desencadeamento e posterior estabilidade. Vejamos cada um deles.

3.1. Fatores externos

Devido à perda de prestígio do judeu-espanhol e à vontade dos sefarditas de se ocidentalizarem, o contato lingüístico-cultural com o francês fez com que vários empréstimos oriundos desta língua e de outras, inclusive o calco sintático visto acima, passassem a fazer parte da gramática do judeu-espanhol. A língua sefardita, desprezada por seus usuários, que a avaliam de forma negativa, torna-se mais vulnerável às línguas que simbolizavam a modernidade. Kami Baruch em 1923 afirma: “pensamos ke el Yúdio español ni fué nunca ni tiene la fuersa de abastecer a las premuras kulturales de una sociedad moderna de edukasi6n i pretensiones eropeas”.³

3.2. Fatores internos

Os fatores estruturais que favoreceram a possibilidade desta reanálise foram vários:

³ In: *El Mundi Sefardi* I, n. 1, 1923, p.20-25. apud WAGNER (1930:59)

3.2.1. Fatores sintáticos

a) ausência de antecedente

Com a ausência de um antecedente, LOC é menos dependente da estrutura na qual está inserido, facilitando assim sua reanálise como preposição:

b) a presença de LOC

LOC indica localização espacial, por isso a elisão do verbo não faz tanta falta para a decodificação do significado locativo da construção. Mesmo sem conteúdo fônico, é possível recuperar a elipse verbal e interpretá-la lexicalmente, pois a noção de localização se encontra principalmente em LOC.

c) a presença de um verbo copulativo

No judeu-espanhol, a elisão verbal só ocorre com o verbo 'estar'. Como ele é um verbo copulativo, carrega em si poucas informações (cf. Cap.3, s.5.6.). O seu apagamento não dificulta a compreensão do enunciado porque as informações necessárias para o bom entendimento estão nos seus elementos vizinhos, LOC e o SN[+humano].

d) a presença de uma estrutura após o LOC

BRUCART(1987:297) afirma que a existência de algum complemento do predicado é condição decisiva para a elisão do núcleo verbal. LOC *sempre* vem seguido de um SN que permitiria a recuperação da elisão verbal. Veja-se:

(104a) elya boltó onde su marido (M126/27) (1913)

(104b) *elya boltó onde

e) a elisão do verbo

Com a ausência do verbo na estrutura superficial, a frase se torna mais próxima de um complemento circunstancial argumentativo, podendo ser passível de ambigüidade. Como afirma POPLACK(1979:3) apud TARALLO (1983:213) “deletion processes tend to reduce sentence redundancy and as a result, may increase the possibility of ambiguity.”⁴ A ausência de uma forma verbal supõe uma diminuição do caráter oracional do enunciado.

f) A distância entre LOC e o SN[+humano]

A distância entre LOC e o SN[+humano] que o sucede é sempre mínima: nenhum tipo de elemento gramatical se interpõe entre os dois, nem mesmo uma pausa. BRUCART(1987:303) afirma que são critérios de proximidade que servem para determinar a interpretação léxica da categoria elíptica: elege-se a unidade mais próxima que ocupa uma posição sintática paralela ao do vazio. O Tipo 4 apresenta o verbo copulativo como categoria elíptica, que se situa entre o LOC e o SN[+humano]. LOC será selecionado para determinar a interpretação léxica do verbo, já que possui em si a noção de localização, como visto em c).

3.2.2. Fatores semânticos

a) o SN[+humano]

LOC vem sempre imediatamente seguido por um SN[+humano]. Em francês, depois da preposição CHEZ, o seu complemento é geralmente [+humano]. No *Pentateuco...* (1547), quando o verbo elidido é a cópula ‘ser/estar’, após a sua posição há sempre um SN[+animado] com função de sujeito.

b) Verbo [+movimento]

o verbo anterior à estrutura encabeçada por LOC seguido de [-V] (Tipos 4, 6 e 9) é na maioria das vezes um verbo de movimento que demanda um complemento argumentativo

de lugar. Segue-se a porcentagem das estruturas nas quais o verbo que antecede a estrutura encabeçada por LOC tem o traço [+movimento]:

Obra	Tipo 4	Tipo 6	Tipo 9
<i>Um marido entre dos mužeres...</i> (1913)	94.44%	100%	-
Novelas aljamiadas... (1901-12)	50%	-	100%
<i>Séfer lel Šimurim</i> (1818)	77.27%	100%	-
<i>Séfer menorat Hamaor</i> (1877)	100%	-	-
<i>Pentateuco...</i> (1547)	-	-	0%

Quadro 24 : O traço [+movimento] nos verbos que antecedem as estruturas com LOC seguido de [-V]

Nos 10 casos do Tipo 9 do *Pentateuco...* (1547) nenhum LOC é antecedido por um verbo de movimento. A presença de um verbo de movimento é produtiva para a elisão da cópula a partir do século XIX.

LOC aparece sempre sob a forma de termos oriundos de UNDE ou UBI do latim (Cap.3, seção 4.1.), configurando-se como um caso de calco semântico: LOC, que já existia no judeu-espanhol com a função de advérbio ou pronome relativo, passa a ser classificado como uma preposição. No *Pentateuco...*(1547), as várias partículas ('ai, 'ei, 'aieh, me'ai, me'ain) que serviam para introduzir a oração relativa com verbo copulativo eram sempre advérbios interrogativos representados em ladino por ADO ou ADONDE. LOC, no entanto, também funcionava no *Pentateuco...* (1547) como pronome relativo, conjunção indicadora de conclusão ou dedução e até como locuções prepositivas, estas últimas em estruturas tais como:

⁴ Trad.: "Os processos de apagamento tendem a reduzir a redundância sentencial e, como resultado, podem aumentar a possibilidade de ambigüidade."

(105) Y movieronse de 'ōbot, y pozaron en Islas de los Pasajes en el dizierto, que sobre faças de Mō'ab, DE DONDE esclarese el sol. (Pnum 21:11)

em que DE DONDE representa aqui a preposição indicadora de origem *me-*.

Nos demais textos, a função de LOC também é bastante variada, englobando as funções de pronome ou advérbio relativos, pronome ou advérbio interrogativos, conjunção, advérbio.

3.Considerações finais

Neste capítulo comprovamos a hipótese, proposta inicialmente, de que as estruturas **[-ant] s'[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]** que chamamos de Tipo 4 e analisadas no século XX ou como um complemento argumentativo de lugar ou como compl. circ. de lugar teriam sido inicialmente orações relativas com o verbo copulativo elidido:

1º momento

hebraico → judeu-espanhol:

[-ant]	s' [-prep]	LOC	[-V]	SN[+humano]]]
Ø		adv. rel	v.copulativo elidido	sujeito da OR

2º momento/século XX

francês → judeu-espanhol:

[-ant]	s' [-prep]	LOC	[-V]	SN[+humano]]]
		prep.		constituente compl. locativo

O verbo copulativo em hebraico é sempre elidido, inclusive nas orações relativas, que podem ser encabeçadas por elementos diversos, tais como advérbios, pronomes e preposições. Além da possibilidade de preposições encabeçarem uma OR em hebraico, fazendo o papel de relativizador, devemos levar em conta o fato da estrutura

[-ant] s[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] ter LOC classificado como preposição de forma marginal, sob a forma de vulgarismo, no espanhol e outros falares da Península Ibérica (Cf. Cap. 3 s. 4.1.2.), e que poderia ter influenciado o judeu-espanhol de alguma forma. Não seria assim uma estrutura considerada tão ‘estranha’ para os usuários do judeu-espanhol.

A possibilidade de mais de uma análise para a estrutura

[-ant] s[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] fez com que, no momento do contato com o francês, ela passasse a ser confundida com o complemento locativo do francês encabeçado por CHEZ, já que possuem a mesma seqüência de elementos nas suas estruturas superficiais. As causas desta reanálise são de dois tipos: lingüísticas e extra-lingüísticas.

A reanálise da estrutura em complemento locativo, tal como descrita acima, foi favorecida pelo contato lingüístico que houve entre os usuários do judeu-espanhol e a língua francesa, a partir do final do século XIX, o que permitiu vários empréstimos gramaticais, inclusive este, do francês para o judeu-espanhol. A língua dos sefarditas tinha pouco prestígio social, tornando-se mais vulnerável às influências estrangeiras, e principalmente às do francês, língua que conferia *status* social superior àqueles que a utilizavam. Anteriormente a esta fase de restrição de uso da língua, o hebraico, através do estudo e leitura das obras litúrgicas em ladino, forneceu variados empréstimos ao judeu-espanhol. Estes empréstimos foram na sua maioria lexicais, mas os outros níveis da gramática do judeu-espanhol também foram afetados.

CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO

Nesta dissertação foram estudadas estruturas do judeu-espanhol oriental iniciadas por ONDE, ANDE, DONDE, DO, O, ONDA, ADONDE, AONDE ou ADO, chamadas no seu conjunto de LOC. Como partimos de informações que os próprios dados podem nos oferecer, seguindo autores como BYNON (1986), ao termos o primeiro contato com os textos narrativos sefarditas, deparamos com estruturas que nos causaram um ‘estranhamento’ instigante tais como o exemplo que se segue:

(106 a) También él era muy influente en la korte, y podía presentarse *ONDE el emperador* kuando kería. (M108/14) (1913)

As estruturas semelhantes ao exemplo acima, foram denominadas Tipo 4 e descritas da seguinte forma: [-ant] s:[[-prep] LOC [-V] SN[+humano]]. Assim:

	[-ant]	[[[-prep] LOC	[-V]	SN[+humano]]
(106b)	Ø	ONDE	Ø	el emperador

Duas análises poderiam ser atribuídas a estas estruturas:

- a) [-ant] [[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] é uma oração relativa sem antecedente na oração principal e com o verbo copulativo elidido, na qual o relativizador ONDE tem a função de advérbio relativo;
- b) [-ant] [[-prep] LOC [-V] SN[+humano]] é de um complemento locativo em que LOC tem o valor do CHEZ francês (‘na casa de’) e o SN [+humano] é constituinte do complemento locativo.

A partir daí levantamos a hipótese de que as estruturas do Tipo 4, inicialmente orações relativas encabeçadas pelo relativizador LOC com a elisão de um verbo copulativo,

sofreram um processo de reanálise, transformando-se em um complemento locativo encabeçado pela preposição LOC com o sentido de ‘na casa de’. LOC muda de classe morfológica, passando de advérbio relativo a preposição.

Através do estudo sincrônico (Cap. 4) de vários fragmentos de gramáticas de épocas diferentes do judeu-espanhol –séculos XVI, XIX e XX- fizemos uma análise diacrônica final no Capítulo 5, a partir da qual concluímos que no século XX, a estrutura de Tipo 4 é ou um complemento argumentativo ou um complemento circunstancial de lugar encabeçado pela preposição LOC com o sentido ‘na casa de’. Devido à semelhança da oração relativa de verbo elidido com a construção do francês iniciada por CHEZ, a OR sem antecedente e com verbo copulativo elidido foi reanalisada como um complemento circunstancial argumentativo. As mudanças ocorridas foram as seguintes:

- a) A cópula elidida é apagada da estrutura subjacente;
- b) O LOC advérbio relativo passa a ser classificado como preposição indicando ‘na casa de’;
- c) O antecedente nulo é apagado da estrutura subjacente;
- d) O SN deixa de ser sujeito da OR e passa a ser núcleo do complemento locativo.

Todas essas mudanças foram causados por fatores muito variados, confirmando o ponto-de-vista de COHEN (1986/198:10) de que “there seems to be an interplay of semantic, syntactic and pragmatic factors at work behind the purely syntactic result of the reanalyses processes.”⁵

Alguns aspectos do contexto gramatical do judeu-espanhol, juntamente com os externos que veremos em breve, vão colaborar para o processo da reanálise:

A) Fatores sintáticos

- i) a ausência de antecedente, facilitando a mudança de classe morfológica de LOC;
- ii) a presença de LOC, indicador por natureza de localização espacial, o que leva à diminuição da importância do papel do verbo, facilitando o seu desaparecimento;
- iii) verbo copulativo, com poucas informações em si mesmo, facilitando o seu desaparecimento;
- iv) a presença de um SN após LOC: no momento do desaparecimento do verbo, o seu complemento, juntamente com LOC, é que darão significado à estrutura;
- v) a elisão do verbo: com a ausência do verbo na estrutura superficial, a frase se torna mais próxima de um complemento circunstancial locativo, podendo ser passível de ambigüidade.
- vi) A distância do LOC e do SN[+humano] em relação ao verbo elidido é mínima, já que vêm sempre na mesma posição. Isto fará com que o LOC e/ou o SN sirvam de determinadores para o significado da categoria elíptica.

B) Fatores semânticos

- i) o traço [+humano] do SN imediatamente posterior ao LOC
- ii) o traço [+movimento] do verbo que antecede o LOC, facilitando a sua transformação em complemento circunstancial indicador de lugar.

As condições de cunho social, psicológico, socio-econômico, cultural e até mesmo político dos usuários do judeu-espanhol vão influir diretamente nos processos observados, daí a

⁵ Trad.: "Parece haver uma interação de fatores semânticos, sintáticos e pragmáticos funcionando por trás do

contextualização histórica feita no Capítulo I. Nas últimas décadas do século XIX, o Império Otomano, onde se encontravam a maioria dos sefarditas, começa a passar por uma crise não só política e econômica mas também cultural. As culturas e línguas européias, principalmente as francesas, passam a ser vistas como superiores e imprescindíveis para ascensão social. Este desejo intenso de ocidentalização levará os judeus sefarditas a desprezar sua língua nativa, ou até a se envergonharem de falá-la. A língua francesa, através das escolas da Aliança Universal Israelita, passará a ser considerada o padrão a ser seguido. Apesar de uma minoria ter acesso às escolas, este é o modelo a ser imitado. Os empréstimos do francês penetrarão em todos os níveis do judeu-espanhol, ocasionando modificações importantes nesta língua em séria restrição de uso. Uma destas modificações é, na nossa opinião, a reanálise explicada nesta obra.

A explicação da presença de uma estrutura tão típica das línguas semíticas como a oração relativa de verbo elidido no judeu-espanhol do início do século XIX se deve ao fato de o ladino, judeu-espanhol calco, ser um processo de tradução literal do hebraico para o judeu-espanhol, onde o número de empréstimos sintáticos é importante, apesar dos autores em seus estudos o preterirem em função dos lexicais, podendo nos fazer crer que os primeiros são em número reduzido. Através do contato dos sefarditas com estas traduções, já que não sabiam hebraico e eram muito mais religiosos que os judeus atuais de um modo geral, as influências do hebraico chegaram ao judeu-espanhol empregado em textos não-religiosos. Uma dessas influências está representada pelo calco semântico que é a estrutura do Tipo 4.

Desejamos através deste trabalho, não exaustivo, chamar a atenção para os aspectos sintáticos relacionados às estruturas locativas do judeu-espanhol oriental, muito pouco estudadas em qualquer língua⁶ e para os seguintes problemas: a) a lingüística histórica praticamente ignora o judeu-espanhol, o que parece uma lacuna para nós, já que o judeu-espanhol pode servir para elucidar questões relacionadas aos empréstimos lingüísticos, à restrição do uso de língua, e ao espanhol, completando o quadro das línguas românicas. O

resultado meramente sintático dos processos de reanálise.”

fato de o judeu-espanhol ser considerado uma língua de fusão não o impede de ser sistematizado; b) os especialistas do judeu-espanhol não dão a atenção devida aos **processos** nele ocorridos; a maioria se satisfaz em fazer descrições de aspectos culturais, lexicais e fonológicos. Os mecanismos de mudança em geral e os sintáticos em particular são praticamente ignorados. Esperamos que nossas constatações suscitem novas pesquisas, publicações de estudos sintáticos e edições de textos relativos ao judeu-espanhol.

⁶ Veja-se no entanto CAMBRAIA(1996) e HADERMANN (1993)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1994.
- ALMOSNINO, M. *Crónica de los reyes otomanos*. Barcelona: Tirocinio, 1998.
- ALONSO, A., HENRÍQUEZ URENA, P. *Gramática castellana*. Buenos Aires: Losada, 1954.
- ALONSO, M. *Evolución sintáctica del español*. Madrid: Aguilar, 1964.
- ALVAR M. *El dialecto aragonés*. Madrid: Gredos, 1953.
- AMIGO, L. *El Pentateuco de Constantinopla y la Biblia Medieval Romanceada Judeoespañola; criterios y fuentes de traducción*. Salamanca: Bibliotheca Salamanticensis, 1983.
- ANDOLZ, R. *Diccionario aragones*. Zaragoza: Librería General, 1984.
- ARTIGAS M. C. *Antología sefardi: 1492-1700*. Madrid: Verbum, 1997.
- BARQUÍN LÓPEZ, A. *Edición y estudio de doce novelas aljamiadas sefardies de principios del siglo XX*. Universidad del País Vasco, 1997.
- BARRERA Y VIDAL-SCHOONHEERE, A. Quelques considérations sur la langue d'un poète sépharade: Kantes de maturidad de Salamon Bicerano. In: BUSSE, W. , VAROLBORNES, M.-C. (dir.). *Sephardica; hommage à Haim Vidal Sephiha*. Berne: Peter Lang, 1996. p.203-212.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1968.

- BEL BRAVO, M. A. *Sefarad*; los judíos de España. Madrid: Silex, 1997.
- BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: Edaf, 1997.
- BENTOLILA, Y. Le composant hébraïque dans le judéo-espagnol marocain. In: BENABU, I., SERMONETA, J. *Judeo-Romance languages*. Jerusalem, The Hebrew University of Jerusalem, 1996, p. 27-40.
- BETZ, W. Lehnwörter und Lehnprägungen im Vor- und Frühdeutschen, en f. MAURER y F. STROH (eds.) *Deutsche Wortgeschichte*, I, Berlin, 135-147, 1959 apud GÓMEZ CAPUZ, J. *El préstamo lingüístico*; concepto, problemas y métodos. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.
- BRANDÃO, C. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: UFMG, 1963.
- BROWN, F. et al. *A Hebrew and English lexicon of The Old Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1974.
- BRUCART, J. M. La elipsis parcial. In DEMONT E., FERNÁNDEZ LAGUNILLA, M. (eds.) *Sintaxis de las lenguas románicas*. Madrid: El Arquero, 1987. p.291-328.
- BUNIS, D. Types of nonregional variation in Early Modern Eastern Spoken Judezmo. *International Journal of Sociology of Language*, 37, p. 41-70, 1982.
- *Sephardic studies*; a research bibliography. New York: Garland, 1981.
- BUSSE W. Sobre a problemática do Judeu-espanhol. *Neue Romania*. Berlim, Instituto de Filologia Românica da Universidade Livre de Berlim, n. 12, p. 37-84, 1991. (Tradução de *Zur problematik des judenspanischen*)
- BYNON T. *Historical linguistics*. Oxford: CUP, 1986.

- August Schleicher: Indo-europeanist and general linguist. In: BYNON, T., PALMER, F. *Studies in the history of western linguistics*. Cambridge: CUP, 1986. p. 129-149.
- CAMBRAIA, C. *Um estudo sobre a história do aonde na língua portuguesa*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996. 126pp. (Dissertação, mestrado, estudos linguísticos.)
- CANTERA BURGOS F., IGLESIAS GONZÁLEZ, M. (eds.) *Sagrada Biblia*. Madrid: La Editorial Católica, 1975.
- CARRASCO, P., CARRASCO, I. *Estudio léxico-semántico de los fueros leoneses de Zamora, Salamanca, Ledesma y Alba de Torres; concordancias lematizadas*. Granada: Universidad de Granada, 1997.
- CASES, R., LISBOA, D. *Diccionari castellà-valencià/ valencià-castellà*. Valencia: Luis Vives, 1989.
- CHOMSKY, N. *Language and thought*. Rhode Island: Moyer Bell, 1993.
- COHEN, M. A. Análise 'a posteriori' de mudanças sintáticas. In: IX Encontro Nacional da ANPOLL, 1994, Caxambu. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. v.2, 1996. p. 1468-1485.
- *A língua do século XVII e a língua contemporânea*. Las Palmas de Gran Canaria, ALFAL, julho, 1996. (mimeogr.)
- *Syntactic change in portuguese: relative clauses and the position of the adjective in the noun phrase*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1986/89. 257p. (Tese, doutorado, estudos linguísticos).

- COHEN, M. A., GUIMARÃES, A., MENACHE, L. Remanescentes do judeu-espanhol na comunidade de Belo Horizonte. *Revista de estudos judaicos*. Belo Horizonte: n. 1, p.30-36, 1998.
- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Basil Blackwell, 1983.
- COROMINAS J. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954. v. 2.
- CREWS, C. Some linguistic comments on Oriental and Moroccan Judeo-Spanish. *Estudios Sefardíes*; Madrid, n. 2, p. 1-20, 1979.
- , *Recherches sur le judéo-espagnol dans les pays balkaniques*. Paris: Librairie E. Droz, 1935.
- CUNHA, C. *Gramática moderna*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1971.
- DELATOUR, Y. et al. *Grammaire de français*. Paris: Hachette, 1991.
- DENISON, N. Language death or language suicide? *International Journal of Sociology of Language*. n.12, p.13-22, 1977.
- DEROY, L. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- DÍAZ-MAS, Paloma. *Sephardim; the Jews from Spain*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- Diccionari Arimany català-castellà/ castellà-català. Barcelona: Miguel Arimany, 1980.
- DRIVER, S. R. *A treatise on the use of the tenses in Hebrew and some other syntactical questions*. Michigan: Wm. B. Eerdmans, 1998.

ENCICLOPEDIA JUDAICA CASTELLANA. México, 1948.

ERTEL, R. Quelques caractéristiques des langues juives. In: *Vingt-cinq communautés linguistiques de la France*. Vernes: L'Harmattan, 1988. t.1, langues régionales et langues non territorialisées, p. 303-304.

FAINGOLD, E. El elemento portugués en el judeo-ibero-romance. Brasília, *Papia*, v.2, n. 2, p. 42-49, 1993.

FISCH, H. (ed.) *The Jerusalem Bible*. Jerusalem: Koren, 1997.

GIVÓN, T. The drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew. In: LI, C. *Mechanisms on syntactic change*. University of Texas Press, 1980, p. 181-254.

GÓMEZ CAPUZ, J. *El préstamo lingüístico: concepto, problemas y métodos*. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.

GONZÁLEZ HERMOSO, A., CUENOT, J. R., SÁNCHEZ ALFARO, M. *Gramática de español lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 1995.

GONZALO MAESO D., PASCUAL RECUERO P. *Me'am Lo'ez*; el gran comentario bíblico sefardí. Madrid: Gredos, 1964.

GUIMARÃES, A. Paralelo entre o Pentateuco de Constantinopla(1547) e a Bíblia de Ferrara (1553). *Revisitações*; edição comemorativa 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG. Belo Horizonte, UFMG, p. 397-403, 1999.

----- A importância dos provérbios no judeu-espanhol. *Caligrama*. Belo Horizonte, v. 2, p. 97-102, 1997.

- GUSMANI, R. *Saggi sull'interferenza linguistica: volume secondo*, Florencia, Casa Editrice Le Lettere, 1983 apud GÓMEZ CAPUZ, J. *El préstamo lingüístico: concepto, problemas y métodos*. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.
- GUTWIRTH, E. A Judeo-Spanish letter from the Genizah. In: BENABU, I., SERMONETA, J. *Judeo-Romance languages*. Jerusalem, The Hebrew University of Jerusalem, 1996, p. 127-138.
- HADERMANN, P. *Étude morphosyntaxique du mot 'où'*. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1993.
- HARRIS, T. *Death of a language: the History of Judeo-Spanish*. Newark: University of Delaware, 1994.
- HARRIS, A., CAMPBELL, L. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- HASSÁN, I. El español sefardí (judeoespañol, ladino). In: SECO, M., SALVADOR, G. (orgs.). *La lengua española, hoy*. Madrid, Fundación Juan March, 1995, p.117-140.
- (ed.) *Introducción a la Biblia de Ferrara*; actas del Simposio Internacional; Sevilla, noviembre de 1991. Madrid: Siruela, 1994.
- (ed.) *La Biblia de Ferrara (1553)*. Madrid: CSIC, 1992.
- HAUGEN, E. The analysis of linguistic borrowing. *Language*, n.26, 1950, p.210-231.
- The Hebrew-English Old Testament*. Michigan: Zondervan: 1981.
- HUMBLEY, J. Vers une typologie de l'emprunt linguistique. *Cahiers de lexicologie*, v. 25, p. 46-70, 1974.

- KEENAN, E. Relative clauses. In: SHOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*. Avon: CUP, 1985. v.2, c. 3, p. 141-170.
- KELLEY, P. *Biblical Hebrew; an introductory grammar*. Grand Rapids: Wm. B. Erdmans, 1992.
- KIRST, N. et al. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. São Leopoldo: Sinodal, 1989.
- KOHRING, H. Judeu-espanhol em escrita hebraica. *Neue Romania*. Berlim, n.12, p. 95-170, 1991. (Tradução de *Judenspanisch in hebraischer schrift*)
- LABOV, W. *Principles of linguistic change; internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.
- Building on empirical foundation. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1982, p.17-92.
- LAZAR, M. *Ladino Pentateuch*, (Constantinople, 1547). Labyrinthos, 1988.
- LLEAL, C. *El judezmo, el dialecto sefardí y su historia*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1992.
- *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova, 1990.
- MACKAY A., DITCHBURN, D. *Atlas of Medieval Europe*. London: Routledge, 1997.
- MARÍN, F. M., SATTORE GRAU, F. J., VIEJO SÁNCHEZ, M. L. *Gramática española*. Madrid: Síntesis, 1999.
- MARTINEZ GONZÁLEZ, M. (ed.) *Un marido entre dos mużeres*; novela anónima en ladino. Barcelona: Ameller, 1978.

- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas; elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- MEYER, R. *Gramática de la lengua hebrea*. Barcelona: Riopiedras, 1996.
- PASCUAL RECUERO, P. *Ortografía del ladino; soluciones y evolución*. Granada: Universidad de Granada, 1988.
- , *Diccionario básico ladino-español*. Barcelona: Ameller, 1977.
- RABIN, C. *Pequena história da língua hebraica*. São Paulo: Summus, 1973.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Madrid: 1992.
- RESNICK, M. *Introducción a la historia de la lengua española*. Washington: Georgetown University Press, 1981.
- RÉVAH, I. Formation et évolution des parlers judéo-espagnols des Balkans. *Ibérica*. Rio de Janeiro, n.6, p. 173-196, dez. 1961.
- REY, A. (dir.) *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: Robert, 1992.
- REY-DEBOVE, J. E REY A. (dir.) *Le Nouveau Petit Robert*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.
- RIAÑO LOPEZ, A. M. Notas sobre lo hispánico y lo extrahispánico en el judeoespañol. Formación de las palabras sefardíes. *Estudios humanísticos filología*. Universidad de León, n.20, 1998.

----- La lengua sefardi y su evolución. *Actes del Simposi Internacional sobre Cultura Sefardita*. Barcelona: Facultat de Filologia, 1993. p. 83-105.

RODRIGUE *French Jews, Turkish Jews*. The Alliance israélite Universelle and the Politics of Jewish Schooling in Turkey, 1860-1925. Bloomington-Indianapolis, Indiana University Press, 1990 apud BARQUÍN LÓPEZ, A. *Edición y estudio de doce novelas aljamiadas sefardies de principios del siglo XX*. Universidad del País Vasco, 1997.

ROMERO, E. *El libro del buen retajar*. Madrid: CSIC, 1998.

----- *La creación literaria en lengua sefardi*. Madrid: Mapfre, 1992.

----- Una versión judeoespañola del Midraš hebreo Yeširat Havalad. *Sefarad*. Madrid: CSIC, n. XCVII, fasc. 2, p. 383-406, 1987.

ROMEU, P., HASSÁN, I. Apuntes sobre la lengua de la Crónica de los reyes otomanos de Moisés Almosnino según la edición del manuscrito aljamiado del siglo XVI. In: ARIZA, M. et al. *Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española, Madrid, 1992*. Madrid: Asociación de Historia de la Lengua Española, 1992. t.II, p. 161-170.

SABBÁ GUIMARÃES, N. S. *O judeu-espanhol - uma língua neolatina em extinção*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1998. 2 vol. (Tese, Doutorado, Estudos Lingüísticos).

SALA, M. Sobre el verbo del judeoespañol. *Romanica Gandensia*. t. XX, p. 73-80, 1983.

----- La organización de una norma española en el judeo-español. *Anuario de Letras*. México, a. V, p. 175-182, 1965.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1985.

- SCHMIDELY, J. Ser es estar. *Linguística Española Actual*. N. XVII, v. 1, 1995, p. 69-75.
- SCHWARZWALD, O. The fusion of the Hebrew-Aramaic lexical component in Judeo-Spanish. In: BENABU, I., SERMONETA, J. *Judeo-Romance languages*. Jerusalem, The Hebrew University of Jerusalem, 1996, p. 139-160.
- . Mixed translation patterns: the Ladino translation of biblical and mishnaic Hebrew verbs. *Target*, 5:1, p. 71-88, 1993.
- SEPHIHA, A. Le judéo-espagnol, une langue sans interlocuteur; le judéo-arabe, le parler arabe d'une communauté. In: *Vingt-cinq communautés linguistiques de la France*. Vernes: L'Harmattan, 1988. t.1, langues régionales et langues non territorialisées, p. 305-317.
- SEPHIHA, H. V. *L'Agonie des judéo-espagnols*. Paris: Entente, 1991.
- . *Le judéo-espagnol*. Paris: Entente, 1986.
- . *Le ladino; judéo-espagnol calque. Deutéronome; versions de Constantinople (1547) et de Ferrare (1553); édition, étude linguistique et lexicque*. Paris: Centre de Recherches Hispanique, 1973.
- . The real Ladino. *The American Sephardi*, New York, v. 5, n. 1-2, p. 50-58, 1971.
- SIVAN R. , LEVENSTON, E. *The new Bantam-Megiddo Hebrew and English dictionary*. New York: Bantam, 1975.
- SOUTET, O. *Linguistique*. Paris: PUF, 1995.
- TARALLO, F. *Tempos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1990.

- , *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1983, 273p. (Tese, Doutorado, Lingüística)
- THOMASON, S. G., KAUFMAN, T. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1991.
- TIMBERLAKE, A . Reanalysis and actualization in syntactic change. In: LI, C. *Mechanisms on syntactic change*. University of Texas Press, 1980. apud COHEN, M. A. *Syntactic change in portuguese: relative clauses and the position of the adjective in the noun phrase*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1986/89. 257p. (Tese, doutorado, estudos lingüísticos).
- VAROL, M.-C. *Manuel de judéo-espagnol*. Paris: L'Asiathèque, 1998.
- , Influencia del turco en el judeoespañol de Turquía. In BUSSE, W., VAROL-BORNES, M.-C. (dir.) *Sephardica*; hommage à Haïm Vidal Sephiha. Berne: Peter Lang, 1996, p.203-212.
- WAGNER, M. L. *Caracteres generales del judeo-español de Oriente*. Madrid: Hernando, 1930.
- WALTKE B. , O'CONNOR M. *An introduction to biblical Hebrew syntax*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.
- WEINGREEN, J. *A practical grammar for Classical Hebrew*. Oxford: Clarendon, 1985.
- ZAMORA VICENTE, A. *Dialectología Española*. Madrid: Gredos, 1996.

APÊNDICE

Este apêndice compreende todas as estruturas encontradas nos textos que possuem LOC como um de seus componentes. Apenas algumas delas foram utilizadas como exemplo ao longo da dissertação, recebendo numeração de acordo com a ordem em que apareciam, além da sua localização nas obras. As siglas utilizadas para identificar as obras são as seguintes:

M – *Un marido entre dos mužeres* (1913)

N – Novelas aljamiadas sefarditas do princípio do século XX (1901-1912)

S – *Séfer lel šimurim* (1818)

H – *Séfer menorat hamaor* (1877)

C – *Crónica de los reyes otomanos* (1567)

P – *Pentateuco de Constantinopla* (1547)

Para a localização da estrutura na obra, indicamos a página seguida da linha da edição pesquisada. No caso do Pentateuco de Constantinopla (1547), por ser uma obra bíblica, foram empregados a abreviatura do nome do livro, o capítulo e o versículo em que a estrutura se encontra.

1. *Un marido entre dos mużeres* (1913)

(M027/1) En el tiempo ONDE nozotros empesamos nuestro kuento, la ermozísima sibdad de Konstantinopla era la kapitala de los reis romanos.

(M028/1) Él kižo azer un deklaro sobre el Talmûđ, i para azer una obra útil, él se fue a Pumbedita, ONDE egzistía una eskola muy afamada, por eskapar aí sus estudyos.

(M029/1) Él pasó por Konstantinopla, i en los pokos días ke él estubo aí, él se dixo ke esta sibdad era presizamente el lugar ONDE él iba prosperar, i él se desidyó por ñenir i ñibir aí.

(M029/4) Rabbî Gēršôn ñino a Mets, ñendyó los lugares ke le dexó su padre; de aí, con su ĉika fortuna, él se rindyó a Mets, ONDE su noĳya.

(M037/8) Antes ke él fuera ministro, él era un día asentado en una taberna kon más amigos, ONDE elyos burlaban i reían

(M040/24) En la kaza ONDE él apareśía, él traía en ŷuntos la alegría i la esperansa;

(M041/24) En todo modo de lugar ONDE abía ŷudyós se ordenó orasyones i ayunos.

(M043/3) I en esta ñes también el Dyo azía la guardya sobre nuestros ŷudyós i les aprontaba el kamino POR ONDE debía ñenirles la salbasyon.

(M044/9) el ofisyo ke él tenía podía muy bien azerle ganar anĉamente su ñida en el lugar ONDE iría.

(M044/19) El ŷolyero pensó por aderese ONDE este senyor por ke lo rekomendara onde el rey, por poder así parñenir en su eskopo.

(M044/20) El ŷolyero pensó por aderese onde este senyor por ke lo rekomendara ONDE el rey, por poder así parñenir en su eskopo.

(M045/16) Lyo akseptaría la pena ke kererían darme en el kabzo ONDE lyo no riuxiría;

(M045/19) Esperar akí mesmo, lyo iré ONDE el emperador i ablaré por ños.

(M047/19) – Lyo so de Mets, ONDE podesta la Almanya.

(M050/20) Después, tomó i degolyó una ĉika ñaka según el uso ŷudyó, kortó un pedaso de karne i se lo mandó ONDE el gizandón

(M053/1) ¿Por ké ke elyos sufran i se ñayan en tieras ke nunca konosieron i ONDE kén sañe komo ñan a ser resibidos?

(M058/2) Para subir al lugar ONDE se asentaba el rey, abía 6 eskalones.

(M060/3) I kada día él iba azer una ñizita ONDE Rabbî Gēršôn yuntos la yente de su korte, i iba aziéndole premura.

(M060/6) Él se imažinaña toparse en la sala de su trono, ONDE reis i prínsipes bezinos, ke ñenían ñizitarlo, kedañan enkantados

(M063/3) el día de su estrenamiento el emperador Bazil kombidó a todos sus prínsipes i grandes del imperyo, ansí ke los goberñadores de las dibersas probinsyas ONDE él podestaba.

(M068/5) Ayer lyo bolté de la gera i me rendí ONDE mi Se. tío;

(M072/18) lyo dezeaba también a ke él entrara en el reño de el goberño ONDE él podrá rendir munços serbisysos.

(M081/14) En la ora ke se iba de nuebo asentar a la meza, los buxkó en el lugar ONDE uzaba a dexarlos

(M081/28) Abía longo tiempo ke Mijael abía tomado el año i lo abía lyebedo ONDE su tío, ke lo resibyó kon alegría.

(M082/15) - I bien, lyo ño kada día ONDE Sipôrah, muđer de Ya'ăqōb, el bendedor de sedas.

(M082/17) - Ayer lyo fui ONDE Sipôrah, i elya me demandó por ti

(M086/27) ¿Ké proña puedo lyo demandarte en este momento, ONDE lyo está tan aturbada?

(M091/10) - Bien - le dixo Selômōh -, sólo ke sepas ke el día ONDE tú embezarás este kumplimiento a una outra persona, akel será el último día de tu ñida.

(M092/4) Ma - le respondyó el marido -, lyo no puedo, porke el día ONDE lyo embezaré esta sensya a otro, lyo no biñiré más.

(M096/31) Nozotros markamos de antes el lugar asta ONDE estaba la nabe

(M101/16) Lyo fragüé un trono. Un trono ONDE no debía asentarse ke un rey yusto i espantado de Dyo.

(M102/7) el direktor de la prisyon entró aí ONDE estaba i le izo kitar las kadenas ke le ataban sus piezes i sus manos

(M102/20) Rabbî Gëršôn, (...), le rogó por ke se presentara ONDE el emperador i le iziera konoser kómo le robaron el año.

(M102/28) él era metido en una tore de ONDE él no podía komunikar kon ninguno.

(M103/21) Seguro, Se. patriarka, ke usted no mankará de ir ONDE el emperador i kontarle la berdad.

(M104/8) i si me promete de aĉetar mi demanda, debista lyo me rendiré ONDE el emperador, le daré a entender todas las negruras del ministro

(M107/9) Ma, por desgrasya, a todos los lugares ONDE elya batyó, ninguno kižo darle la más ĉika informasyon;

(M107/13) Elya se prezentó después ONDE todos los amigos influentes de Rabbî Gëršôn, ma ninguno sabía nada de esta arestasyón.

(M108/14) También él era muy influente en la korte, i podía presentarse ONDE el emperador kuando kería.

(M109/30) Sobre estos bierbos, el lokandier konduizyó a Deboräh en una kamareta yusto al lado de la kamareta ONDE estaba Melita.

(M111/23) i agora él te mandó mezo de mí esta bolsa, ONDE toparás mil dukados por tu pena.

(M112/2) ¿No es tú próprio ke me dixites ke tu tío estaba kontente de nuestro kazamiento, i ke era kon su konsentimiento ke tú benías ONDE mí?

(M116/14) En todos los lugares ONDE batían, les refuzaban sus proteksyón

(M118/9) Lyo entraré por fuerza ONDE el emperador i le aĉlaré kon todo mi korasón.

(M118/21) i elya se entró de una en la kamareta ONDE estaba el emperador.

(M121/8) Elya estubo kontinuando a kaminar fin ke aribó serka de la tore ONDE su marido estaba enterado bibo.

(M124/25) Él empesó después a jarbar kon su punyo i akostar oreža por ber si en algún lugar iba responder un sono bazío, i ansí topar el lugar ONDE la puerta abía sido praktikada;

(M126/7) – ¡Deborāh! ¡Deborāh! – gritó Rabbî Gēršôn de ONDE estaba –.

(M126/27) elya boltó ONDE su marido, serka de la tore, i empesó de nuebo a lyamarlo kon su nombre.

(M127/9) la moxka kontinuó a subir, lyebándose kon elya la ebra de ilo, fin ke aribó serka de ONDE estaba Rabbî Gēršôn.

(M127/18) Deborāh boltó a la sibdad, a su kaza, tomó una buena kuantidad de komidas, (...), i elya se los truxo ONDE Rabbî Gēršôn.

(M131/26) – ¿I ÓNDE pudites tú aɓlar kon él, por ke te dé esta orden?

(M132/2) ¿I kómo pudites entrar en este lugar ONDE ninguno tiene el dirito ni el poder de ir?

(M139/5) El konde eskribyó al gobernadador de Mayans, i poko tiempo después bino la respuesta yuntos una longa letra de Rabbî Gēršôn, ONDE le kontaɓa kon todos sus detalyos su fulyida.

(M139/10) i si, komo Rabbî Gēršôn daba a entender preçizó el lugar ONDE iban a topar el resorte ke la azía mober, esta komisyón no tadró a ber kon sus propyos ožos esta puerta

(M139/16) Kuando el embajador retornó en Almanya, Bazil el segundo lo enkargó también de rikos presentes para Rabbî Gēršôn, i le rogó por ke lo konbensiera a ke boltara a Konstantinopla, ONDE él iba a ser resibido kon los más grandes onores.

(M141/3) i Mijael i su tío fueron arestados, siegados i eçados en una fuerte kársel, ONDE bibieron i sufrieron munčos anyos.

2. Novelas aljamiadas sefarditas do principio do século XX (1901-1912)

(N219/3) ¿Y ÓNDE está indo?

(N219/18) Todo en hablando así, los tres caballeros aribaron cerca de un camino ONDE vieron aprontada una meša sobre la yerba.

(N222/11) Él llevó los dos jóvenes en una grande cámara que servía en mišmo tiempo de coçina y ONDE una mujer grande, seca y de cara bruta era despedazando un pedazo de carne.

(N222/28) él llevó los dos hijos de su viejo patrón en una cámara chica del hotel ONDE él les truço a comer y servir por él mišmo.

(N225/36) – ¿ÓNDE está tu marido?

(N226/2) – ¿Para cuáló? – Para que no impidiera en nuestros hechos y que no fuera cavša a que el mancebo se repintiera de rendirse ONDE él es invitado.

(N226/18) él fue a un lugar ONDE él fue llamado y él no está más agora aquí...

(N226/36) y yo tengo el honor de decírvos que so encargada de llevarvos ahí ONDE vos esperan.

(N227/9) –Entrar en esta barca e ir ONDE vos están esperando.

(N227/25) yo vos llevaré otra vez atrás ahí DE ONDE vos tomí.

(N228/1) – ¿ÓNDE está...?

(N228/23) ella lo llevó sobre un banqueto ONDE los dos cabían a penas a asentarsen.

(N228/33) él ceró los ojos y se espondió largo sobre el lugar ONDE se topaba.

(N230/15) la madre vía a su hijo y esta propia madre lo había atirado en una red ONDE lo querían para matarlo en bebiéndole la sangre.

(N230/24) todo le vino súbito como un monstre delante de los ojos y, justamente en el momento ONDE las guardias se apatronaban del leprošo y de la hermana, la vieja echaba un grito y un segundo después ella salía loca.

(N230/37) una noche una numerosa cuenta de gentes fueron subitamente a la prisión ONDE los miserables eran encerrados, y trabándolos de ahí afuera, los trujeron en medio de una plaza de la ciudad y los hicieron en pedazos.

(N237/31) la jandarmería embezó el lugar ONDE la señora Belastar era guadrándose descansándose de un longo y fuerte combate que ella tuvo a rellevar con las guardias y en el cual tres jandarmas caeron matados y otros siete feridos.

(N238/7) y ella misma, en juntos con algunos brigantes de los más determinados, se dirigió para el caçal DE ONDE le habían hecho traición.

(N240/9) Obligado de decirmos ÓNDE tenía él guadrado el tesoro, él refusó categoricamente

(N240/15) nosotros le hicimos ver la muerte de bien cerca y él se vido en fin en el obligo de indicarnos al escondidijo ONDE estaba la moneda.

(N240/19) nosotros vimos en los maderos telegráficos unos avisos encolgados y ONDE era dicho que mi cabeza había pujado a 10.000 en lugar de 5.000.

(N240/30) Ahí, remetiendo el caballo en manos del mozo, ella subió a la cámara de comer, ONDE ella comanda una sustanciosa comida.

(N240/35) emborachada por los dos vasos de vino que había tomado en juntos con la comida, ella se quedó durmiendo ahí mismo ONDE estaba asentada.

(N241/35) ¿ÓNDE está esta diablo de brigante a la cuala yo le vo a jugar un buen turno?

(N242/24) los bloqueadores alegres eran informados por el gobierno que la terrible brigante venía de quemar la arienda de fulano, situada a munchas horas del lugar ONDE la creían tener bloqueada.

(N244/10) todos los gobiernos de los Estados Unidos, vecinos de los lugares ONDE la brigante obraba, todos estos gobiernos se ajuntaron por tomar venganza y la terrible brigante debía ser apañada.

(N244/33) los brigantes continuaron de reposar mientras algunas horas y en la ségüita ellos se pensaron por dirigirsen a dos días de camino del lugar ONDE se topaban e ir en una rica arienda (chiflic), onde apañarían al patrón, que ellos no soltarían sin haber tomado una bien rica paga.

(N245/8) Los jandarmas, que eran entonces en una altura y que habían seído impedidos por las aguas por ir más adelante DE ONDE se topaban, vieron de enfrente a los brigantes entrar todos en el agua.

(N245/18) Supieron - y con razón- que ella y sus compañeros murieron ahogados, pues que de aquel día adelante el nombre de Belastar no fue más pronunciado en todos los lugares ONDE ella traía el ansia y el dolor.

(N259/27) - Ma enfin, ¿qué me querés? - dijo g emma de una voz tremblante-. Y, ¿cómo entrateš así ONDE m  esta hora?

(N261/25) - Ella ya murió. - ¿ NDE? - Ella murió en un cantón asolado, lejos de su patria, onde se había fuido para que no viéramos en cada día y hora, ella y yo, la cabeza de mi padre.

(N261/26) - Ella ya murió. - ¿ nde? - Ella murió en un cantón asolado, lejos de su patria, ONDE se había fuido para que no viéramos en cada día y hora, ella y yo, la cabeza de mi padre.

(N262/12)  Que abran bien los ojos aqueos que van hacerme acodrar de la jaula (cafés) ONDE está encolgada la cabeza de mi padre, de las galeras onde viven mis tíos y de la tumba onde duerme mi madre!

(N262/13)  Que abran bien los ojos aqueos que van hacerme acodrar de la jaula (cafés) onde está encolgada la cabeza de mi padre, de las galeras ONDE viven mis tíos y de la tumba onde duerme mi madre!

(N262/14)  Que abran bien los ojos aqueos que van hacerme acodrar de la jaula (cafés) onde esta encolgada la cabeza de mi padre, de las galeras onde viven mis tíos y de la tumba ONDE duerme mi madre!

(N262/21) Vos rogo, d med Teresa y tomadme por esclavo ONDE vos. Onde

(N263/15) -   NDE est lo?   nde está este hombre?

(N263/19) yo me ocup  más muncho de ti que de él, y es muy curioso como se hace que yo no lo mat  porque no veo  NDE está la bala del pistol.

(N264/42) Pascal no podía aínda ser aferado y los entornos todos del lugar del príncipe eran atagantados por las matanzas y ladronicios que eran cometidos por unas bandas de ladrones que no conocían ni que sabían  NDE eran fixadas.

(N265/10) él se metió a camino con dos guardias, ma en el momento mismo ONDE él era lo más seguro de ferir Pascal en la montaña, cerca de la casa misma del matador, onde él lo había encontrado, fue el capo él mismo que fue súbito ferido y apreado, después que las dos otras guardias fueron mandadas atrás desarmadas y hartas de comida.

(N265/11) él se metió a camino con dos guardias, ma en el momento mismo onde él era lo más seguro de ferir Pascal en la montaña, cerca de la casa misma del matador, ONDE él lo había encontrado, fue el capo él mismo que fue súbito ferido y apreado, después que las dos otras guardias fueron mandadas atrás desarmadas y hartas de comida.

(N270/38) En fin el día fixado por la execucion aribó y una numerosa cuenta de gente era recogida en la plaza ONDE la forca había seído aparejada.

(N280/9) Cascambó tuvo la imprudencia de fiarse en su coraje y en aquel de cincuenta caballeros cozaques, con el flaco ayudo del cual él se metió a camino para ir a juntarse a una tropa de cozaques que lo esperaba a una cierta lejura del lugar ONDE él se dirigía.

(N282/30) De esta manera Iván parvino a ganarse también la confianza del viejo, que fue hasta dejarlo enteramente líbero de sus cadenas y caminar solo por el caçal, ONDE él embezó poco a poco a hablar la lengua del lugar.

(N283/34) A esta decisión, todos los moradores del caçal se dirigieron con premura verso el lugar ONDE Cascambó era apreado y, quitado de su prisión y delibrado de sus cadenas, él fue llevado sobre el tejado de la casa de onde todos lo podían muy bien ver por abajo.

(N283/35) A esta decisión, todos los moradores del caçal se dirigieron con premura verso el lugar onde Cascambó era apreado y, quitado de su prisión y delibrado de sus cadenas, él fue llevado sobre el tejado de la casa DE ONDE todos lo podían muy bien ver por abajo.

(N285/13) él se arastó con su caballero en la aguas, ONDE una muerte segura lo esperaba.

(N287/10) – ¿ÓNDE vas, desgraciado?

(N288/16) Ellos descansaron ahí mientras una hora, comieron un poco, bebieron algunos sorbos de raquí y continuando de nuevo sus camino ellos aribaron cerca la tadre en un lugar siempre asolado ONDE ellos entendieron ser en seguridad para pasar la noche.

(N288/24) ellos se metieron otra vez a camino y cerca medio día aribarón en lugar seguro, a lado de la frontera ONDE la Rusia tenía armadas y hasta onde ningún brigante se podía más permitir de entrar.

(N289/32) ellos caminaron hasta una chica altura ONDE pensaban reposar hasta la noche.

(N290/17) - Va ONDE quieres - respondió Cascambó-. A mí déjame solo aquí y no te cudies de nada.

(N291/27) él creó que le habían hecho traición y coriendo con crueldad en la cámara ONDE estaba el colonel, él lo arastró sobre el tejado, ONDE lo ató en pies a un leño

(N291/27) él creó que le habían hecho traición y coriendo con crueldad en la cámara ONDE estaba el colonel, él lo arastró sobre el tejado, ONDE lo ató en pies a un leño

(N292/12) En el mismo día el bravo mozo con su señor tuvieron la ventura de aribar entre sus numerosos amigos, ONDE los cualos ellos eran considerados como muertos desde longo tiempo.

(N296/27) y se fue en fin al lugar ONDE iban a enforcar a Gospodotis.

(N298/5) ¿ÓNDE está?

(N303/11) ¿ÓNDE vas?

(N304/6) Y aferando a Melada de los cabeos le iba dando golpes POR ONDE le venía.

(N304/22) Así tenía que ser y agora sabemos ÓNDE estamos.

(N305/8) - ¿ÓNDE están estos maldichos?

(N306/5) Várvara guiaba sus caballos para el propio lugar onde se había hecho la feria y ONDE era la forca de Gospodotis.

(N306/14) - ¿ÓNDE está yo?

(N306/32) Gospodotis fue enforcado de nuevo ONDE lo había enforcado el vedrugo (ÿelat)

(N313/21) Y así muchos padres de familia toparon mismo unos empleos y ocupaciones ONDE eran bien pagados

(N314/3) Las manos para atrás, la mirada perdida quién sabe ÓNDE, él caminaba y esperaba que le dijeran: 'Leónidas, va quita esta pieza de moneda.'

(N314/11) y esperaba que se le enjugara el pantalón para venir otra vez rodear al bodre de la mar o irse ahí ONDE él dormía, para no retomar otro que al otro día.

(N314/19) Cuando el desgraciado Leónidas saltaba de la altura del mástil de alguna nave o DE ONDE fuese, él lo hacía en pensando a su mujer y a su hija

(N316/3) Leónidas se quitó la camisa y de una se echó a la mar ahí justo ONDE la nabe iba a venir.

(N316/40) Él dio orden por que los trabajos de la otra nave fueran más apresurados y que laboraran para quitar el Mahmud del fondo de las aguas ONDE se había asentado.

(N317/6) y la nave fue soltada en el agua justo enfrente del lugar ONDE Leónidas era hundido de cabeza.

(N318/22) Ma, ¿ÓNDE estaba su patriotismo agora? ¿Ónde estaba alma de grego hermano de estos todos gregos que estaban matando en las tieras gregas, en los lugares mercados a precio de sangre?

(N318/23) Ma, ¿Ónde estaba su patriotismo agora? ¿ÓNDE estaba alma de grego hermano de estos todos gregos que estaban matando en las tieras gregas, en los lugares mercados a precio de sangre?

(N319/18) Más de dočientos mil ojos eran fixados sobre la nave y, todo en mirando de aquea parte, buščaban de otra a ver POR ÓNDE estaba Leónidas, que ainda no había aparecido.

(N320/18) Ella va abařar sobre su asiento y con toda furia va caer adentro de la mar, ONDE ella va servir para lo que el pačhá lo demanda.

(N320/28) yo remarqué que el havuz ONDE las fraguaban era de lado de la una parte, lo que es un grande daño para en la hora que la nave va ser echada a la mar.

(N334/13) salió afuera de la cámara y entró en la sala ONDE un balo había seído organizado a cavsa de esta grande reuřita.

(N334/21) - ¡Mi hija! ¡Mi querida hija Rahel! Dámed a mi Rahel. ¿ÓNDE está mi querida criatura, mi palomba blanca y sin mancha?

- (N335/24) ¡ÓNDE iré agora guadrar mi vergüenza y mi deshonor!
- (N335/31) Voltándose aínda para la puerta POR ONDE se entraba el duque, él le gritó:
- (N336/17) Él estaba en su verdadera casa y él no quería que ninguno supiera ÓNDE guadraba su tesoro.
- (N336/21) Y su casa verdadera, que ninguno conocía, era ahí ONDE él venía agora de entrar.
- (N337/28) el duque le dio a entender la caleja ONDE moraba Rigoletto;
- (N338/13) y mismo le taparon los ojos de sorte que él era arastrado y no vía la caleja ONDE lo llevaban.
- (N347/24) En todos los cafés, en todos los magacenes, en todo lugar POR ONDE pasaba y me quedaba, no había otra conversación más que aquea de la ejecución que iba haber al otro día
- (N347/27) La tadrada igualmente fue muy ruidosa, y el entorno del lugar ONDE el bandido iba ser executado había seído enturnado y bloqueado de tanta gente
- (N348/3) cada uno y uno empezó a apacenciarse y a percurar de atacanarse algún lugarico para ver por atrás de la pared del lugar de la ejecución... ONDE no se venía nada a ver.
- (N348/10) y dos minutos después yo me topaba en la cámara de la operación ONDE el doctor Ceballos y todos los otros médicos nominados y invitados ya eran presentes.
- (N348/30) Afuera, en la caleja, al sonido de la campana también, un fuerte ruido se hizo y hasta adientro mismo de la cámara ONDE estábamos, nosotros oímos el pueblo gritar:
- (N348/35) Ma, según había seído acordado de antes, los jandarmas trujeron en primero a Pablo en la cámara ONDE estábamos
- (N352/22) Esta vez no había más ONDE yo me podía quedar dudando.
- (N352/24) Yo saludí y me retirí, y ni yo supe como se pasaron las veinte y cuatro horas hasta poder otra vez ir ONDE mi amigo por ver si el muerto que había seído revivido había ya aribado con el médico arevividor.

(N360/17) A la noche el comandante y Armando abajaron a tierra y se rindieron ONDE se. Stanby, que los recibió en un salón muy bien mobleado y onde las flores y atacanos mostraban que una mano de mujer había pasado por ahí.

(N360/18) A la noche el comandante y Armando abajaron a tierra y se rindieron onde se. Stanby, que los recibió en un salón muy bien mobleado y ONDE las flores y atacanos mostraban que una mano de mujer había pasado por ahí.

(N361/3) Armando saltó de vista, le tomó el cargo y la pasó a ella misma a la otra parte del coriente, ONDE la muchacha se apresuró también de recibirla.

(N361/15) Las noches, el padre y el hijo venían tomar el chay ONDE señor Stanby

(N363/33) las olas echaron sobre la oría de la mar la placa de delante de la nave del Argos y ONDE era escrito el nombre entero.

(N364/14) Armando rengració al amiral y, tomando por horas su mal a pacencia, fue repošar en su cámara, ONDE el sueño lo ganó, y a la demadrugada partían por la Francia.

(N366/4) y él abajó a tierra, se procuró un caballo y fue hasta Trujillo, ONDE demandó al gobernador novedades sobre la dita nave hundida y sobre el Argos también.

(N366/12) y se quedó en cuarentena a dos millas lejos de aquí, cerca DE ONDE veríaš una nave ahogada.

(N369/34) él fue asentarse sobre el bodre de un camino asolado ONDE él pensaba a su mal.

(N371/31) Lucía retorna en Ingletiera y, en la chica ciudad de Glemgarten, ONDE ella fue repošar con una sierva, su hermošura hace atirar la atención de los que la ven rendirse el alhad a la iglesia.

(N372/35) De vista él retornó en Francia y tres días después él se topaba en la chica ciudad ONDE su amiga se había descojido morada.

(N391/2) Y así caminando y mirando, ellos aribaron al porto ONDE se asentaron sobre un peñasco para contemplar la mar

(N392/5) Viéndose cerca de morir, ella se acodró de su sobrina y le decía de venir en Francia para hacerla heredar de sus bienes. EN CAVŠO ONDE la salud no lo permitía a la madre, ella le rogaba de mandarle a Virgínía

(N392/33) Y cuando la hora de la partencia aribó, mientras que Virgínia parecía una estatua de mármol- tanto ella tenía la habla tomada y no sabía ni vía ÓNDE caminaba, Pablo fue tomado de un terrible acceso de deésespero

(N393/19) trabándose de entre los brazos de los que lo tenían, él empezó a correr como un loco de parte DE ONDE le dejaban el camino líbero.

(N394/20) A la fin ella saludaba a todos y rogaba particularmente a Pablo de dar el nombre de 'Peñasco de los adiós' al lugar ONDE se habían despartido cuando se embarcó ella.

(N396/22) calía haéer un turno de cuatro horas de camino para irnos de la otra parte, por ahí ONDE el aire estaba agora ronjando todo.

(N396/31) La tempesta continuaba de haéer furia y con el coro apretado todos dubimos retirarnos del lugar ONDE habíamos visto pasarse la más deésgraciada čena de nuestra vida.

(N396/37) A media noche el aire quedó, el ruido de la tempesta quedó igualmente y de madrugada aribimos de la otra parte, ONDE la primera coša que vimos sobre la arena fue el cadabre de Virgínia.

(N397/14) ¿ÓNDE esta Virgínia?

(N397/15) Y él cayó torna en una longa flaqueža DE ONDE salió otra vez para acodrarse de su querida.

(N397/25) Yo vide esta mañana el lugar ONDE mi querida es enterada;

(N402/21) Hay seš horas que nošotros nos embarquimos todos en la barca y que ella nos lleva en medio de la ancha mar, ONDE Dios nos va, seguro, haéer ver algún vapor o nave para que nos recojga a bordo y nos salve de perícolo.

(N403/12) y ellos se rendían a unos baños caentes de la Norveģia ONDE no vían vapores.

(N403/22) Ma, ¿ÓNDE estamos?

(N405/39) En lugar de gožo y de alegría ONDE nošotros, la entrada de la nueva añada no hizo que pujar nuestra deésgracia

(N406/15) No sé, diablo, ÓNDE toparon escondido un poco de alcohol (espírito de vino).

(N408/13) ¿ÓNDE estamos?

(N408/22) ¿ÓNDE estamos?

(N411/18) Ma, ¿ÓNDE estamos?

(N411/22) - Ma, ¿ÓNDE está esta tierra que no estamos viendo?

(N411/38) Unos bravos pešcadores nos recoğeron y nos dieron todo lo menesterošo para traerlos a la viča antes de llevarnos a la ciudad DE ONDE nosotros nos embarquimos para la Ingletiera.

(N422/4) Lopulof fue mal anotado en la corte y con orden imperial fue mandado en Sibería, que es este imenso lugar entešado de la Rusía de Asía ONDE el sol no tiene nunca caentado la tierra.

(N422/8) y él fue mandado en el exilo con su mujer y su hijica de 3 años al cašal de Išhim, dependiente de Tobolsk; le había seído indicado para ir vivir y él fue llevado ahí con su familia, ONDE la había seído fixado la míserable suma de diez capiques al día para vivir.

(N423/32) Ella contaba que un día esta venturoša pensada se le presentó en la idea súbito como un relámpago en el momento ONDE ella terminaba las oraciones y le cavšo un grande truble.

(N426/19) En el camino ellas fueron acostadas por una banda de jÓvenes cašalinos, de los cualos algunos eran medios borachos, ma sus buen destino las protejó y ellas arribaron al cašal, ONDE Prascovía durmió la noche en la caša de una famía que ella conocía y que la trató muy bien.

(N426/26) Ansí, el día ella caminaba y la noche repošaba en algùn lugar ONDE demandaba la hospitalidad.

(N426/38) A la demañana un cašalino que pasaba con su carromato (arabá) tuvo piedad de ella y la tomó adientro por llevarla al cašal, ONDE él la dejó en medio de la cae y continuó su camino.

(N427/4) Aun con todo, obligada por la fatiga y el hambre, ella se acercó de una ventana ONDE una mujer era ocupada a tostar grabanzos y le rogó de recibirla en su caša.

(N427/8) Prascovia fue en otra casa y en otra, ma en todo lugar ONDE ella se presentaba, en viéndola sucia, despedazada y entera enlodada, todos la ronjaban y la insultaban y las criaturas le iban corriendo detrás echándole gritos y piedras.

(N427/12) Ella estuvo así rellevando mientras más de dos horas a la fin de las cuales una mujer se acercó y le demandó DE ÓNDE venía.

(N427/16) la mujer trabó con ella a la muchacha y la llevó en su casa, ONDE ella fue tratada con querencia mientras muchos días.

(N427/30) – ¿DE ÓNDE vienes? – Le demandó la vieja.

(N428/5) y Prascovia se fue a dormir en un cantón de la otra cámara, ONDE ella no pudo cerrar ojo espantándose haber caído en un buraco de ladrones.

(N429/8) y así ellos arribaron en fin a destinación, ONDE la muchacha abajó en el mismo hotel que todos.

(N430/2) De vista ella la llevó al convento, ONDE la presentó a la superiora, que la recibió con los brazos abiertos.

(N430/19) Ahí la señora a la cual venía recomendada tuvo mucho cuidado por ella, la detuvo algunos días en su casa y le procuró un compañero de viaje para Petesburgo, ONDE ella arribó en fin con numerosas cartas de recomendación en medio del invierno

(N433/26) Ella reingració de todo coro a sus bien-hacedores y protejadores y se rindió al monasterio, ONDE las monacas y la superiora la recibieron con grande ventura y alegría.

(N435/13) Estos últimos habían sido informados del lugar ONDE ella había venido encerrarse

3. *Séfer lel šimurim* (1818)

3.1. ONDE

(S047/28) Y para amstrar su veradería de la coša a que cada uno entienda a su manera, presto sin alargamiento traeremos un enjemplo muy bien sabido. ONDE es que cuando un rey tiene un servidor que lo sirve con todo modo de fieldad, y después de esto hace aún más de toda su posibilidad y aunque no es ni encomendado ni menos que debía de hacer, en viendo el rey toda esta fieldad de el mozo o de el servidor, que hacía todo con tanta prisa como con jstedad y derechedad y amor, a que karar que el rey fue

forzado de hacerle un presente también tan bueno, según que el servidor era mereciendo fuera de su paga que tenía.

(S047/36) Y lo propio lo vemos cada día tanto ONDE los rees como onde los pačhás o otras ĝentes grandes que hacen con sus servidores los buenos.

(S047/37) Y lo propio lo vemos cada día tanto onde los rees como ONDE los pačhás o otras ĝentes grandes que hacen con sus servidores los buenos.

(S048/60) Y lo propio hizo ONDE Yišhac por su grande fieldad;

(S048/62) Y esto propio fue ONDE Ya'acob con Rahel, que era también mañera y le dio el presente grande con Yosef;

(S057/14) Entre tanto no faltó de la ĝente mala que lo malšinaron ONDE el pačhá de la ciudad cualmente a el señor de rabán šimon bem Gamliel, el hajam de los ĵudiós, le nació un hijo y lo hizo berit milá.

(S057/34) - Yo te quero mandar ONDE el rey y lo que el rey quera hacer que haga.

(S058/56) y hicimos berit milá a nuestro hijo y por esta cavsa mos llevan ONDE el rey

(S058/67) A la mañana se alevantaron y se fueron ONDE el rey y el pačhá entró onde el rey

(S058/68) A la mañana se alevantaron y se fueron onde el rey y el pačhá entró ONDE el rey

(S070/25) Y después de tiempo se fue ONDE Adrianos su tío y lo vido el tío que estaba demudado

(S075/18) Cuando salieron de la ciudad, enpezó el mašhit por llevarlo por caminos tuertos ONDE no pió pie de hombre y turó unos dos días.

(S078/108) Y además cuando se hacen estas mišvot con buena gana y buena voluntad y sin paga o algún interese, le paga el Dio b"h cosas ONDE que él no pensa y es escapado de muchos dešastres y desgracias.

(S079/6) Que mire luego de tomar el éber con la mano icziedra y que meta la uña de la mano derecha dedentro de el buraquito y trará el cuerećico para ONDE sí un poco;

(S084/7) Se ajuntaron y se fueron ONDE rab Hamnuna a que les dijera el cavso;

- (S084/12) Cualmente a la tornada vimos que se ceraron todas las fuentes y el mundo se escureció y non víamos ÓNDE caminábamos;
- (S090/14) Y cuando ya vino a su caleja DE ONDE moraba, salía su mujer o su caša por recibirlo y ella bien afeitada.
- (S090/32) – ¿Por lo qué vinieron sus mercedes aquí ONDE mí?
- (S090/32) – Mos mandaron aquí ONDE su merced a que haga tefilá por la luvia
- (S091/60) – En todo el camino ya veo ONDE pišo por esto no quero zapatos;
- (S091/61) – En todo ei camino ya veo onde pišo por esto no quero zapatos;enpero el la agua non veo ÓNDE pišo, porque hay a las veés alacranes o alguna coša mala
- (S093/25) – Cualmente, si es con su licencia, me quero ir ONDE el señor tío que es su hermano y es tan rico;
- (S093/29) y con esto el bueno de el mancebo tomó la bendición de su señor padre y se fue ONDE su s"e tío.
- (S095/91) En la hora que se fue el novio a su camareta ONDE estaba la novia, le corió detrás aquel pobre y le dijo:
- (S095/103) – Sabes lo que: déjame a lo menos ir ONDE mi señor tío cuanto topo com él
- (S095/117) El bueno de el novio se fue amargo y triste de corazón y entró ONDE estaba la novia y la topó haciendo tefilá a el šem
- (S097/2) Y tenéš que demandar por qué es tanto el cavšo que el que da šedacá a los 'aniyim es tanto agradecido ONDE el šem yitbaraj
- (S099/64) A la mañana fue ONDE el otro jidió y le aprometió suma grande en tal que venga con él a la civdad.
- (S100/3) fue ONDE un amigo que tenía un canpo y se alquiló por cavar y trabajar.
- (S101/23) Y no se detuvo el hasid y fue ONDE su mujer y le contó todo el acontecimiento.
- (S101/33) Y se entró a la camareta ONDE su mujer.

(S101/37) Luego las criaturas corieron ONDE su señor padre y su señora madre llenos de alegría y se los amostraron;

(S102/3) y este hombre moraba en una ciudad cerca la mar POR ONDE que calía que pasen todos los de el guerúš.

(S102/60) Y así hizo y vino ONDE su mujer y le contó cualmente el viejecico vino a demandar el amanet

(S106/95) El trecer tienpo asemeja a el cabrito, que va saltando POR ONDE le viene;

3.2. ANDE

(S109/6) recibió sobre sí ... de tomar a los probes que venían en aquella ciudad para Purim y de ir con ellos ANDE sus amigos

3.3. O

(S047/17) Agora por non alargar no digo otro que solamente el talmud torá contrapeša a todo, esto lo decimos cada día; aunque no es oración, con todo m asegún y O lo metieron los señores anše kenéset hagedolá en la oración de cada día, por razón que es un recuerdo tan menesterošo para cada uno y uno

(S090/14) Y cuando ya vino a su caleja de onde moraba, salía su mujer 8 su caša por recibirlo y ella bien afeitada.

4. Séfer menorat hamaor – 1877

(H171/29) ¿DE ÁNDE está que la milá es en aquel lugar?

(H180/8) ¿DE ÁNDE a mošotros que se santificó a Abraham de la vientre?

(H184/72) ¿DE ÁNDE se preba que este gozí es lašón de šebuá'?

(H188/6) ¿DE ÁNDE se preba que este het es lašón de limpieža?

(H188/7) Y no declararon hajamim en la coša DE ÁNDE se deprende hasta que vino rabí Yišhac y declaró según dice el pasuc

(H192/33) Y las mujeres de Yisrael que no se cercucieron.¿DE ÁNDE está que se escapan?

(H200/34) y agora cercucí a mi hijo y por esto llevan a nošotros ANDE el rey como una.

(H200/39) Elgüego hizo así y fue ANDE el rey.

(H200/40) Entró aquel mayoral ANDE el rey; dijo a él:

5. *Crónica de los reyes otomanos* (1567)

5.1. DONDE

(C062/1) y por ser su lanza y espada conquistó muchos castillos y fortalezas, POR DONDE se juzga y se tiene por cierto según su animoso esfuerzo

(C080/23) Y desde la puerta da Andrinopla POR DONDE entró hata la puerta del seray, todo el camino por donde él pasó ... estaba todo lleno de gente de ambas las partes de las callas a diestra y a sinistra de los que pasaban, dellos en pie por las callas, dellos puestos en las boticas;

(C080/24) Y desde la puerta da Andrinopla por donde entró hata la puerta del seray, todo el camino POR DONDE él pasó ... estaba todo lleno de gente de ambas las partes de

(C100/4) con todo esto nunca dejó de ser muy largo en el dar onde convenía cuando y quanto conveniba; y agora después que reinó se mostró mucho más, DONDE dio a entender que lo que de antes dejaba de dar era por la poca posibilidad que tenía para poderlo hacer

(C111/25) Fue la tercera guerra que este gran señor hizo sobre Budún, que es hacia la misma parte que hizo la primera, camino para la Hungaria, que antiguamente llamaban Panonia, DONDE pensó tomar a Bech

(C113/22) Y por ser ciudad grande y afamada y tener debajo de sí muchas otras ciudades y villas, la hizo también pačhalic; DONDE puso un beglar beguí que estoviese contino allí en guardia

(C115/18) Que si hubiera dado el rey la batalla que se pensaba que había de dar, por la mañana la prendían sin ninguna dubda; POR DONDE se juzga que aquel su pačhá con falsas razones abastó a dissuadir a el rey de tan empresa y alevantar el campo de improvió.

(C123/20) El cual viaje fui muy próspero y se hicieron en él muy ensangrentadas gueras y en todas se hubo cumplida vitoria; DONDE se tomaron 3 lugares muy famados.

(C124/20) Fue la cuarta la que hizo Ahmat Pačhá con un muy bravísimo eército hacía las partes de Hungaria, DONDE tomó a Temescvar, que era fortaleza muy afamada y muy populosa en aquellas partes.

(C126/5) Los cuales lugares se poseen hoy en día y trapichan los quiertes de aquellas partes a éstas; aunque los más que acá vienen es a negociar en la corte, DONDE allegan sus querallas y agravios cuando le son fechos por los sanjaques y jueces que están allá puestos por orden de este gan señor;

(C137/5) y de improvisó lo despidió de sua propia cámara con una sola letra de su mano sellada con su sello para el príncipe, DONDE le avisaba de todo lo que pasaba espacificadamente

(C137/18) Y con esta promesa y esperanza segura, con mucha alegría y plaćer, se puó súpito al camino y caminó a todo correr; DONDE alcanzó al chaúz que partió antes que él

(C146/6) con la multitud de las hachas y torchas de cera muy grosísimas que el rey mandó haćer y poner en dicha plaza; DONDE se certifica que hubieron tres autrochas que pasaba cada una dellas de cien quintales de pešo de cera blanca

(C146/14) Y estaba contino presente el rey a cuanto allí se hacía junto con dicho Ibrehim Pačhá y los hyos del rey en el quiošque que habemos dicho, que hoy en día está en su ser, echando de allí infinita moneda a cualquiera que allí hacía juego y gentileza digna de gozar della; DONDE cuentan que se hicieron cosas admirables y increíbles, que otras tales jamás fueron vistas y oídas

(C149/5) y miraba el semblante de cada uno de ellos para juzgar por él lo que tenía cada uno en el efecto de aquella burla. DONDE dicen que cada uno dellos mostró riendo y burlando muy alegre semblante

(C160/ 29) Porque todo lo que disminuyó en la salida y acrecentó en la entrada no fue por más que por su advertencia y estremada especulación y vigilancia continua y providencia particular en las cosas del reino; DONDE halló que más era lo que los esclavos del rey comían y esperdeciban que lo que cogían por parte del rey.

(C163/ 22) Para lo cual ordenó el rey que le mandase embañadores de los mayores y principales de su corte con presente y embañada finñida en su provecho al tiempo que fue

sobre Nahsevan, como habemos dicho arriba, DONDE le mandó a decir lo deseaba ver, que viniese a hallarse con él.

(C184/13) Que es lo primero un cortijo grande DONDE se aposentam todos cuantos forastieros quieren venir a poásar

(C141/29) y así en muy poco espacio de tiempo ordenó mados y maneras POR DONDE le diesen sanjaclie

(C165/27) y escribióle una letra en que le daba a entender que le convenía que de improvió se alevantase de el lugar onde estaba y se fuese a el lugar DONDE su padre le había diputado para su estancia

(C183/14) Las cuales 2 tiene cada una de ellas tres ruedas hechas a modo de red muy menuda hecha de entretallo de mármol finísimo, POR DONDE arodea de todas las partes el que llama a la oración en sus tiempos diputados;

(C193/13) Supe ... que salieron de la hazná, que se distribuyeron en esta segunda fragua quinientas y cincuentas cargas de ásperos, que son onçe veçes cient mil ducados, afuera de lo que se pudiera costar los eclavos que allí trabajaban de baldes, que era una gran suma dellos; POR DONDE se puede comprehender que fue una de las más macníficas fábricas que se vieron y se hicieron el el mundo.

(C193/19) Lo que no se ha hecho en ningún otro fundamento de arco en lugar DONDE pasa agua por debajo hata el día de hoy de cuantos vimos y oímos;

(C194/15) Y fue la segunda razón a mi ver sobre que se afundó en hacer la figura circular DONDE se mostró más su sutil inígeno;

(C195/8) Y a esta cavsa, para remediar éste y muchos otros inconvenientes, la hizo redonda, para que POR DONDE quiera que el agua viniese a batir en su principal ípetu, quebre y se escura por ambas las partes y lados.

(C199/19) Que el rey pasado había dado orden que se híciesen edificos en el mismo lugar DONDE se fábricaba la puente

(C203/7) Y así el respecto usaron todos los otros privados del rey y grandes señores, cada uno conforme a su posibilidad y facultad. POR DONDE se halla ... haberse dicho en el tiempo que reinó este gran señor de quien hablamos, en todo su reino, por conocer del serle aplacible, seis mil y cuatro mezzitas grandes

(C205/23) Se mostró su estremada y sacra virtud y ser todas sus cosas y intenciones purificadas a fin de puro bien, sin mistión de ninguna otra intención estrínseca en mostrarse tan cruelísimo carnicero en la carne de sus propios hijos y nietos, no sólo los grandes de edad, que se podía sospechar o presumir que por serles desobedientes lo hacía sino que también a los nietos inocentes mandó matar; DONDE mostró ser su sincera intención por pacificar y quietar el reino

(C218/25) Y la cavsa deste es porque es tierra de corte DONDE allendo de los privados y grandes señores que habitan y residen continuamente en ella, vienen de fuera a negociar mucha cantidad de gente de toda suerte de estado;

(C230/29) Y viene con tanta furia que onde entra, especial onde hay criaturas tiernas, no sale hata que bare, has vešalom, cuanto hay; POR DONDE queda un hombre, por muy abundante que sea de criaturas, sin ninguna; y onde no entra, de los que se guardan y huyan a lugar lešos, quedan con sus criaturas.

¿ (C231/17) Especial de habernos privados de la mejor y más ecelente parte de nuestra compañía, por nuegos pecados, y haber visto por nuestros ojos ofrecerse ocasión y disposición auta para el efecto de nuestro intento seis vešes por número DONDE se hubiera fácilmente concluido;

(C238/25) Lo cual cuando lo sintió el beatísimo señor hajam šalem quebod morenu harab Ya`acob, nišmató `eden, que en aquel istante estaba muy malo, escusándose de su poca advertencia en las razones evidentas que yo les había dado a la sazón POR DONDE se debía hacer aquel cavso ... me dišo que tenía una letra que escribían de Saloniqui

(C239/14) La segunda fue después que llegamos a Brusa mošaé Yom haquipurim mišenat 5327, DONDE supimos y fuimos bien informados cómo el rey, yarum hodó, era pasado para Costantina y que el señor don Yosef Nasí había seguido tras de él.

(C244/29) Y llegamos allá `éreb Yom haquipurim, DONDE se apesgó más su dolencia que fue una vera disentería de la cual feneció la última noche de los primeros de Sucot

(C245/24) Y así escribió el cadí de Saloniqui `arží copiošo cuanto se puede demandar, DONDE daba fe entera y testificaba ser todos los ŷudiós moradores de Saloniqui antigamente privilegiados de toda suerte de pecha y que había fallado nuestro privilegio pasado en el libro del sigil antigo.

(C250/13) Y oídas que hubieron estas razones con otras muchas que yo les diše POR DONDE me parecía que echásemos mano de el cašo

(C258/8) Estuvo así un poco parado, suspenso a mi ver, pensando POR DÓNDE me podría comprender.

5.2. ADONDE

(C081/5) Y desde la puerta da Andrinopla por donde entró hata la puerta del seray, todo el camino por donde él pasó ... estaba todo lleno de gente de ambas las partes de las callas a diestra y a sinistra de los que pasaban, dellos en pie por las callas, dellos puestos en las boticas; en una de las cuales yo estuve asentado con otros mis señores y amigos hata que la persona del rey pasó sin ser de nade amolestado, DE ADONDE vimos bien cuantos pasaron por su orden desde que amaneció hata que llegó allí el rei

(C086/14) y dijo que los pasasen todos sin quedar ni uno, y así se hizo. DE ADONDE se comprehende y así lo afirman los más que este gran señor quiere él haçer el canún

(C087/16) Que aunque algunos dicen que fueron doce y así lo escribió un moderno que se llama Yosef Hacohén, que hizo unas crónicas universales ADONDE entrepone también los reis de `otmán

(C108/24) Y así de los agás de jéníceros que en tal cargo residieron, por ser el principal agalic casi como pajhalic, cada uno en su grado, que tiene sota sí todos los jéníceros con sus capitanes a el lado, DE ADONDE depende la mayor parte de la fuerza de su ejércitopreciado y guarda continua.

(C111/18) mandó traer a ella surgunes de diversas partes de todas las naciones con muy buena y continua guardia, ADONDE habitan hoy en día muy quietos y sin recelo.

(C148/15) dicen que hizo en su casa a todos los grandes y privados del reino un muy manífico convite, ADONDE fueron todo el resto de los paçhás de la puerta

(C153/2) y después de hecho contó el rey muy por estenso la cavsa por qué lo había hecho, por su disculpa, DE ADONDE se supo todo lo que su esclavo Asquender le había dicho. Y mando el rey achar su cuerpo muerto en lugar onde nunca fuese visto ni sabido.

(C153/2) y después de hecho contó el rey muy por estenso la cavsa por qué lo había hecho, por su disculpa, DE ADONDE se supo todo lo que su esclavo Asquender le había dicho. Y mando el rey achar su cuerpo muerto en lugar onde nunca fuese visto ni sabido.

(C154/ 20) Y en su tiempo no hizo cosa que fuese digna de haçer della memoria, antes de decía dél que por cobdicia y hambre de oro rabioça, pervertía la jústicia y la razón muchas veces sin ninguna otra ocasión; y aun se afirma que aun en las coças que tocaban al gran señor, ofendía y las ponía en tentación por su interese.

DE ADONDE tuvieron lugar de tener por cierto lo que habemos dicho que cuando el rey fue sobre Confú estando muy cerca de darse, viendo la esperanza perdida, tuvieron venecianos osadía, consciendo la condición deste pachá, de cometerle cantidad de dinero

(C165/5) por tal cavsa percuró este pachá también de pasificar y quietar estas bregas y quitar la ocasión y la cavsa que hacía a el rey montar en cólera, DE ADONDE se puede seguir el escándalo que él recelaba.

(C184/4) Que cada ramo dellos es de siete pernas por las cuales decienden siete agujeros de agua sobre aquella pila redonda que está enfrente dél, como habemos dicho, ADONDE deciende el agua continuo

(C189/ 9) Que es el camino que se edificó desde el principio de ADONDE comenzaron a tajar el río hata la cerca de Costandina cantidad de media jornada de camino;

(C189/16) Porque allende de la longura del camino, que era lo menos, había otro grande inconveniente, DE ADONDE nació toda la dificultad y parecer ser imposible de poderse efectuar. El cual era que no podía pasar sino por una montaña muy alta

(C189/25) Y aunque el lugar del origen DE ADONDE manaba el agua era más alto, no se podían haçer los caminos tan reçios y tan cubiertos que pudiese la agua decendier y tornar a subir por ellos que no quebrasen con la fuerza y ímpetu del golpe de el agua al tiempo del decender de alto, allende de ser el lugar bajo por onde era necesario pasar arenal

(C190/ 5) Por lo cual fue necesario haçer unos arcos muy altos en estremo, por los cuales pasó el agua y llegó fasta Costantina y se repartió en diversas y muchas partes de la ciudad; DE ADONDE se híciéron mucha cantidad de fuentes, allende la parte que tomó della el rey para su marata, que no fue poca.

(C204/22) Quió el Dio que fuese el décimo en el número de los reis pasados desde el primero, que fue el origen DE ADONDE todos manan, nombrado `Otmán como habemos dicho

(C224/5) Y los pobres ... van buscando y inventando modos de malicias y procuren de ofender a sus prósimos por todas las vías posibles, para que por remediar al mal que façen sean por ellos pagados y bien cohechados; DE ADONDE acaece las más de las veçes que son muy bien pagados

(C235/8) Fue la primera conjucción en el mes de elul, año de 5326, cuando llegamos a las llanas de Cara Hizar, que ellos llamen Sichán Ovasí, ADONDE estaba el príncipe que al presente es rey, que el Dio lo guarde.

(C250/8) Y que vido él que el pačhá a todo se estuvo callado, y así decírle después de éste que é tenía lugar DE ADONDE sacar los dos mil ducados y reírse y no demandarle de adónde, como solía sobre otras cosas, por tanto tenía por cierto que lo alcanzaría con él.

(C250/9) Y que vido él que el pačhá a todo se estuvo callado, y así decírle después de éste que é tenía lugar de adonde sacar los dos mil ducados y reírse y no demandarle DE ADÓNDE, como solía sobre otras cosas, por tanto tenía por cierto que lo alcanzaría con él.

5.3. ONDA

(C063/7) la batalla a Siguetvar por la mañana, sobre la cual tenía sitio a la sazón, que era fortísima fortaleza, la cual vencieron y entraron en ella dos días después de él muerto, ONDA hubieron mucha presa de esclavos y hacienda

5.4. ONDE

(C066/1) La puente ONDE se puó dita guarda se edificó en esta guerra pasada sobre el río

(C066/5) El lugar ONDE se hizo la puente es antes que se junte con el otro cerca de una fortaleza de nuestro rey

(C066/28) y en los lugares ONDE se podían poner pilares se ponían, y ONDE no se podían poner por la fondada del río

(C065/3) saliese y fuese a encontrar el campo HATA ONDE quiere que lo pudiese alcanzar

(C069/24) teniendo su alteza tan riquísimas piezas, por qué las tenía tan amagadas y guardadas en la hazná, ONDE nunca parecían

(C072/16) y se lo dieron en aquellas partes de Belgrado, ONDE él edificó dito seray por ser lugar propinco a su sanjacano;

(C073/4) tañendo con infinitos estormentos como es la orden y estilo de cuando están en la guerra en torno del caro ONDE venía el cuerpo muerto fingido ser vivo

(C073/27) y con nuevo bravísimo triunfo lo acompañaron a el palacio ONDE estaba aposentado

(C075/22) Y porque la puerta del circuito del jardín que él tenía dentro de su marata apropiado para su sepultura, ONDE estaba la hasaquí su mujer sepultada, era muy baja y estrecha

(C075/29) las cuales escalas estuvieron ceradas con guarda continua, que ninguno pasase POR ONDE el rey se había de pasar.

(C077/12) Y así en esta orden siguieron hata el gran palacio del rey, ONDE entraron el pendón real y allí lo dejaron.

(C079/8) comenzaron a caminar la gente de a pie que salían fuera de la ciudad por todas las partes que el rey había de pasar, desde la puerta de Andrinopla, POR ONDE había de entrar, hasta la puerta del seray.

(C079/23) y sacaron también paños finos morados y colorados de escarlata, los cuales espenduron en el suelo pasando el rey, muy cerca de CERCA DE ONDE él pasaba.

(C092/4) Y aunque yo no crea que sea así, soy certificado de personas que lo saben bien que caminan ellos a pie tanto tanto deprisa a hacer tan presto la jornada ONDE son mandados cuanto alguno otro que el rey manda a caballo

(C093/25) Y detrás de los caros venía el capé agá con otros muchos agás, que son guardianos de los palacios del rey ONDE quiere que haya mujeres o mancebos;

(C098/12) Y a el otro diván siguiente dio también presente a todos los bolucos de sus esclavos y de su padre, ONDE se distribuyó otra gran suma de moneda según cuentan los que allí se hallaron.

(C100/3) con todo esto nunca dejó de ser muy largo en el dar ONDE convenía cuando y cuanto conveniba; y agora después que reinó se mostró mucho más, donde dio a entender que lo que de antes dejaba de dar era por la poca posibilidad que tenía para poderlo hacer

(C101/15) súpito que él reinó, cuando salió de Constandina y partió PARA ONDE estaba el campo, como habemos dicho

(C102/14) Y allendo todo esto favor que le hizo, de lio más un mandamiento suyo de mucho honor y utilidad, ONDE mostró más el amor que le tiene

(C103/20) porque estando como estamos negociando en esta corte y ciudad tan grande, contino nos manca tiempo para acudir ONDE cumple para efectuar nuestro intento.

(C108/19) Y de la sublime corona de la fama que ganó con la orden y estilo en que pués la Gobernación y justicia de su reino y sus pueblos ONDE quiera que estuvieren

(C117/21) y como recelaba de los enemigos por parte del Quizil Baĵ, tenía contino cerada la ciudad, que no había más que una puerta POR ONDE entraban y salían los de la ciudad.

(C121/9) Fue la décima guera la última que hizo, andando a conquistar a Viena en este último viaje, ONDE acabó su vida, como en el proceso pasado habemos largamente presenciado.

(C127/1) le dieron otra ciudad que se llama Munovasia, que según dicen es lugar de que recibe el rey razonable entrada, junto con otro lugar ONDE están unos molinos de mucha

(C144/8) cuando quiera y ONDE quiera que él quería entrar a hallarse con el rey, sin licencia entrabas.

(C144/10) Y las más de las veces comía con el rey e iba con él a pasear ONDE quiera que él iba como dos amigos y compañeros iguales

(C153/4) Y mandó el rey achar su cuerpo muerto en lugar ONDE nunca fuese visto ni sabido.

(C155/28) respondió y dijo: "Dejaldá quemar" ; ONDE dio noticia clara que no le importaba del mal del rey como enemigo moral que era.

(C157/ 22) y este paĉhá viendo este agravio tan estremado, pareciéndole gravísimo pecado y sin justicia, dio luego a entender a el rey el poco útil que de este se seguía al reino y el daño muy grande que se seguía a los pobres pasajeros; ONDE abastaron las suficientes razones que le rindió a hacer que el rey mandase de evitar tal deconcierto.

(C157/ 7) Y así comenzó a proveer y vedar un agravio enorme y vituperable en ojos de cuantos lo veían y oían que se solía hacer en el reino, ONDE se ariscaba muchas cabezas y muchas haciendas de los caminantes.

(C157/ 9) Y así comenzó a proveer y vedar un agravio enorme y vituperable en ojos de cuantos lo veían y oían que se solía hacer en el reino, onde se ariscaba muchas cabezas y muchas haciendas de los caminantes. Que eran los que llaman ulaques, los cuales llevaban mandados del rey, que ONDE quiera que hallasen caballo, aunque fuera en un descampado... le tomasen el caballo.

(C157/16) y aun tiempo ni vagar no le daban de desabar las cuerdas, sino cortaban y le dejaban caer la carga en el suelo, ONDE el póbero pasajero allí quedaba desconsolado

(C159/2) y luego se salió de Constandina y se retiró al lugar que habemos dicho que está muy cerca de Andrinopla, que se llama Demótica, ONDE feneció su vida muy honestamente.

(C165/26) y escribióle una letra en que le daba a entender que le convenía que de improvišo se alevantad de el lugar ONDE estaba y se fuese a el lugar donde su padre le había diputado para su estancia

(C172/31) y él preside a todos en todo lugar ONDE se halla con cualquier señor y mayor de la puerta, tirado la propia persona del rey.

(C173/7) y han hecho tratados en sus leyes y teologías ONDE se mostraron muy suficientes más que todos los pasados

(C180/12) Fue la primera la marata ONDE él está sepultado

(C180/20) La vuelta grande del cuerpo de la caša o mezquita ONDE se dice la oración está edificada y se sostiene sobre cuatro colunas de mármol fino que fueron traídos del Cairo,

(C180/24) La vuelta grande del cuerpo de la caša o mezquita onde se dice la oración está edificada y se sostiene sobre cuatro colunas de mármol fino que fueron traídos del Cairo, que se dice y se escribe que costaron de sólo traer en los inĝenios y edificios que se hicieron para sacarlos del lugar ONDE las hallaron hata ponerlos en los navíos en el galeón onde vinieron hata aquí y de sacarlos del navío hata ponerlas en el lugar onde están

(C180/ 25) La vuelta grande del cuerpo de la caša o mezquita onde se dice la oración está edificada y se sostiene sobre cuatro colunas de mármol fino que fueron traídos del Cairo, que se dice y se escribe que costaron de sólo traer en los inĝenios y edificios que se hicieron para sacarlos del lugar onde las hallaron hata ponerlos en los navíos en el galeón ONDE vinieron hata aquí y de sacarlos del navío hata ponerlas en el lugar onde están

(C180/ 26) La vuelta grande del cuerpo de la caša o mezquita onde se dice la oración está edificada y se sostiene sobre cuatro colunas de mármol fino que fueron traídos del Cairo, que se dice y se escribe que costaron de sólo traer en los inĝenios y edificios que se hicieron para sacarlos del lugar onde las hallaron hata ponerlos en los navíos en el galeón ONDE vinieron hata aquí y de sacarlos del navío hata ponerlas en el lugar ONDE están

(C181/16) Y en la otra parte, que es entre el oriente y el sul, no se hizo puerta y quedó cerada porque es aquélla casi a el encuentro ONDE endrecen su oración, que ellos llaman quíbela, que es el enfrente de Córdoba y la Meca, onde está el sepulcro de su profeta.

(C181/17) Y en la otra parte, que es entre el oriente y el sul, no se hizo puerta y quedó cerada porque es aquélla casi a el encuentro onde endrecen su oración, que ellos llaman quíbela, que es el enfrente de Córdoba y la Meca, ONDE está el sepulcro de su profeta.

(C182/4) Pareciéndole descortesía o mal avqüero de decírle por la boca que aquél era el lugar ONDE se había de enterar

(C182/12) Y púsose a decír sobre él allí su oración, acordándose el día que allí había de ser traído y sepultado; ONDE dién que traéndolo a la memoria, hizo allí su oración con muy perfecta devoción y muy reía contemplación

(C185/14) Tiene más otro cortijo grande abundado y rodeado de muchas cañas y cámaras y muy macníficamente fabricadas, ONDE están todos los enfermos, que es lo que llamamos hospital y ellos llaman timar haná, que quiere decír casa de gobernación,

(C187/22) Y así está en uío que el cadí lesquier que privan de su oficio, por tirarle el trabajo de ir y venir al diván, le dan el cargo de este estudio ONDE haga vida reposada mucho a su honor, con muy buena ulafá que tiene para su despeía

(C188/11) Que aunque a cualquier que la viera parecerá muy poco por mucha cantidad que sea, es cierto coña estupenda, porque fuera mucho más de otro tanto lo que costara si se hubiera pagado la gente que por parte del rey trabajaba y lo que se traía por angaria y lo que no se compraba por dinero, de pedrería y columnas de mármol y yaspé que se tomaba de cualquier lugar ONDE se hallaba por parte del rey

(C189/29) Y aunque el lugar del origen de adonde manaba el agua era más alto, no se podían hacer los caminos tan reíos y tan cubiertos que pudiese la agua decendier y tornar a subir por ellos que no quebrasen con la fuerza y ímpetu del golpe de el agua al tiempo del decender de alto, allende de ser el lugar bajo POR ONDE era necesario pasar arenal

(C190/13) Y aunque dicha fragua fue muy macnífica en sumo grado de perfección y se hizo con mucha dificultad y grosísima despeía y no poca especulación para que se híciese por la mejor vía que posible fuese para que fuese firma y estable, no pudo ser tan reío como convenía para aquel lugar ONDE se edificó, que era arenal

(C191/17) Al cual respondió que el Dio sabía que no quisera darle pasión ni enojo en decírle coña que le atristase o diese molestia, que siempre percuró de alegrarle cuanto pudiese; más por saber de su alteza que siempre percurió y adquirió el beneficio común

por todas las vías posibles, viendo padecer la gente por la falta del agua que él les había beneficiado en ella, no podía dejar de decirle que los arcos POR ONDE pasaba y venía el agua eran caídos y derrocados;

(C217/3) Porque no hay oficio en que se ganen sino muy míseramente en coña de muy poca importancia ONDE se gana poco y no supe para la despesa, por lo cual es forzado padecer vida estrecha en estremo.

(C227/7) Y el verano, no teniendo DE ONDE le venga fresco, queda la parte baja cerada de todas las partes cálida en estremo

(C230/27) Y viene con tanta furia que ONDE entra, especial onde hay criaturas tiernas, no sale hata que bare, has vešalom, cuanto hay; por donde queda un hombre, por muy abundante que sea de criaturas, sin ninguna; y onde no entra, de los que se guardan y huyan a lugar lejos, quedan con sus criaturas.

(C230/28) Y viene con tanta furia que onde entra, especial ONDE hay criaturas tiernas, no sale hata que bare, has vešalom, cuanto hay; por donde queda un hombre, por muy abundante que sea de criaturas, sin ninguna; y onde no entra, de los que se guardan y huyan a lugar lejos, quedan con sus criaturas.

(C230/30) Y viene con tanta furia que onde entra, especial onde hay criaturas tiernas, no sale hata que bare, has vešalom, cuanto hay; por donde queda un hombre, por muy abundante que sea de criaturas, sin ninguna; y ONDE no entra, de los que se guardan y huyan a lugar lejos, quedan con sus criaturas.

(C239/22) Y que allí tomaría una perma y alcanzaría al señor don Yosef ONDE quiera que estoviese para que la primera merced que demandase al rey, yarum hodó, fuese ésta, que así se era ofrecido de hacerlo cunado veníamos en razonamiento con él;

(C240/28) Que cuanto le pidió de merced el señor don Yosef Nasí aquella vez que se halló con él ONDE lo alcanzó andando él para el campo, tanto le concedió.

(C246/33) De manera que cuando llegó el `arzí y lo fuimos nosotros a representar en el diván del rey, que es en la avdiencia universal ONDE están todos los pačhás y defterdares, nos echaron y no nos quisieron oír

(C249/20) Y que él los mercaría con dos mil sultanís, que le valdrían y que le rendirían más que los que mercase con diez mil, y que le dijo más, que le tenía lugar DE ONDE sacar ditos dineros si él le daba licencia;

(C254/19) Y comenzamos a clamar de día en día en el diván del pačhá, ONDE continuamos cinco mešes areo

5.5 DÓ

(C137/12) Y encomendó al chaúz que él mandó que fuese a todo corer como ulaque hasta que alcanzase y pasase a el otro chaúz que antes que él había partido con dicho presente, diciéndole quién era y PARA DÓ y para qué iba, para que fuese de todo bien advertido;

(C261/8) Fue la sesta vez después que sacamos el hucum de el defterdar dicho, Morat Chelebí, en el día de dícsiete de tamuz del mismo año de 5327, para el cadí de Saloniqui y a el nažir de Sidrocapse, DO decía cómo nosotros nos habíamos ofrecidos aquí en la puerta del rey de dar cincuenta mil aspros cada año

6. *Pentateuco de Constantinopla* (1547)

6.1. ADO

(PGen3:9) Y llamo *Adonay* Dio a el omre, y dixo a él: ADO ti? [10] Y dixo: a tu boz oí en el güerto y temi, que desnudo yo, y escondime. / *"Yahveh Elohim entonces llamó al hombre, diciéndole: ¿Dónde estás? Y contestó: - He oído tu voz en el vergel y, temeroso, porque estoy desnudo, me he ocultado."*

(PGen4:9) Y dixo Adonay a Qayin: ADO Hebel tu ermano? Y dixo: non se. / *"Yahveh dijo entonces a Caín: - ¿Dónde está tu hermano Abel? Y contestó: - No sé."*

(PGen18:9) Y dixerón a él: ADO šārāh tu muđer? Y dixo: hec, en la tienda. / *"Después le dijeron: - ¿Dónde está Sara, tu mujer? Contestó: - Ahí, en la tienda."*

(PGen19:5) Y llamaron a Löt, y dixerón a él: ADO los varones que vinieron a ti esta noche? Sacalos a nos, y conoçeremos a ellos. / *"Llamaron, pues, a Lot y le dijeron: - ¿Dónde están los hombres que han venido a ti esta noche? Sácanoslos para que los conozcamos."*

(PGen22:7) Y dixo: hec, el fuego y las leñas, y ADO el carnero por alçaçion? [8] Y dixo 'Abraham: el Dio vera a él, el carnero por alçaçion, mi hiço / *"Y dijo él: - Hé aquí el fuego y la leña; mas ¿dónde está el cordero para el holocausto? Respondió Abraham: - Elohim se proveerá del cordero para el holocausto, hiço mío."*

(PGen37:30) Y tornose a sus ermanos, y dixo: el niño non él; y yo, ADO yo vinién? / *"Y, volviendo donde sus hermanos, dijo: 'El chico no está!; y yo, ¿dónde voy yo?"*

(PGen37:16) Y dixo: a mis ermanos [yo] buscán; denuçia agora a mi ADO ellos apaçentantes. / *"Busco a mis hermanos - dijo - Indícame, por favor, dónde pastorean!"*

(PGen38:21) Y demando a varones de su lugar, por dezir: ADO la aplazada, ella en 'ēynayim, sobre la carrera? Y dixeron: non fue aquí aplazada. / *"Preguntó entoces a las gentes del lugar, diciendo: - ¿Dónde está la ramera que se ponía en enáuim, junto al camino? - Aquí no ha habido ramera alguna - contestaron."*

(PEx2:20) Y dixo a sus hijas: y ADO lo? Porque esto dexastes a el varon? Llamad a él, y comera pan. / *"- ¿Y dónde está? - preguntó él a sus hijas-. ¿Por qué habéis abandonado a ese hombre? Llamadle para que coma pan!"*

(PDeut32:37) Y dira: ADO su Dio, fuerte que se abrigaron en él? / *"Dirá: '¿Dónde están sus dioses, la roca en que se amparaban,'"*

6.2. ADONDE

(PGen16:8) Y dixo: Hāgār, sierva de šaray, DE ADONDE vienes, y adonde andas? Y dixo: delante de šaray, mi señora, yo huyén. / *"Y dijo él: - Agar, esclava de Saray, ¿de dónde vienes y adónde vas? Ella respondió: - Huyo de la presencia de Saray, mi señora."*

(PGen16:8) Y dixo: Hagar, sierva de Saray, de adonde vienes, y ADONDE andas? Y dixo: delante de Saray, mi senora, yo huyén. / *"Y dijo él: - Agar, esclava de Saray, ¿de dónde vienes y adónde vas? Ella respondió: - Huyo de la presencia de Saray, mi señora."*

(PGen29:4) Y dixo a ellos Ya'aqob: mis ermanos, DE ADONDE vos? Y dixeron: de Hārān nos. / *"Jacob les dijo: - Hermanos, ¿de dónde sois? Y contestaron: - Somos de Harán."*

(PGen32:18) Y encomendo a el primero, por dezir: quando te encontrare 'ēsāw mi ermano y te demandare, por dezir: de quien tu, y ADONDE andas, y para quien estos delante ti? / *"Luego ordenó al primero, diciendo: 'Cuando te encuentre mi hermano Esaú y te pregunte, diciendo: '¿De quién eres, y adónde vas, y a quién pertenece eso que te precede?'"*

(PEx5:11) Vos andad, tomad a vos paña DE ADONDE hallaredes, que non menguado de vuestro serviçio ninguna cosa. / *"Dos vosotros y cogeos paja donde la podáis hallar, pero de vuestra labor no se ha de rebajar nada!"*

(PNum11:13) DE ADONDE a mi carne por dar a todo el pueblo este? Que lloran sobre mi, por dezir: da a nos carne, y comeremos. / *"¿De dónde saco yo la carne para dar a todo este pueblo?, pues se me quejan diciendo: Danos carne que comamos!"*

(PDeut1:28) ADONDE nos subientes? Nuestros ermanos deslieron a nuestro coraçon, por dezir: pueblo grande y alto mas que nos, çibdades grandes y encastelladas en los çielos y también hijos de ãigantes vimos alli. / *“¿Adónde vamos a subir? Nuestros hermanos han fundido nuestro corazón al decir: Es un pueblo más grande y más alto que nosotros;”*

6.3. DONDE

(PGen42:7) Y vido Yōsēf a sus ermanos, y conoçiolos; y desconoçiose a ellos, y hablo con ellos palabras duras, y dixo a ellos: DE DONDE venistes? Y dixeron: de tierra de Kēna'an, por comprar çivera. / *“En cuanto José vio a sus hermanos los reconoció, pero, fingiéndose extraño, les habló en términos duros y les dijo: - ¿De dónde venís? Contestaron: - De tierra de Canaán, a comprar trigo como vitualla.”*

(PNum21:11) Y movieronse de 'Obot, y pozaron en Islas de los Pasajes en el dizierto, que sobre façes de Mō'āb, DE DONDE esclarese el sol. / *“Luego partieron de Obot y acamparon en Iyyé ha-abarim, en el desierto situado de cara a Mo'ab, al naciente del sol.”*

(PDeut11:30) De sierto, ellos en parte de el Yardēn, enpues de carrera DONDE se pone el sol, en tierra del Kēna'anī, el están en la llanura a escuentra el Gilgal, serca llanuras de Moreh. / *“Tales montañas están allende el Jordán, detrás del camino del poniente, en el país del cananeo, que habita en la Arabah, frente a Gilgal, cerca de la Encina de Moreh.”*

6.4. O

(PLEv4:23) Quando mayoral pecara, y hara una de todas encomendanças de Adonay su Dio que non son de hazer, por yerro, y se culpare; O fue sabido a él su pecado que peço en ella, y traera a su allegaçion cabrito de cabras macho sano; / *“Tan pronto como se le dé a conocer el pecado en que ha incurrido, presentará como ofrenda suya un macho cabrío sin defecto,”*

(PLEv4:28) Y si alma una pecara por yerro de pueblo de la tierra, en su hazer una de encomendanças de Adonay que non son de hazer, y se culpare; O fue sabido a él su pecado que peço, y traera su allegaçion cabrita de cabras sana, hemra, sobre su pecado que peço. / *“Tan pornto como se le haga saber el pecado que ha cometido, presentará como ofrenda suya una cabra sin tacha;”*

6.5. AONDE

(PDeut4:41) Estonses aparto Mošeh tres çibdades en parte del Yardēn AONDE esclareçe el sol; / *“Entonces Moisés separó tres ciudades de allende el Jordán, al oriente, para que se refugiara allá el homicida”*

6.6. ONDE

(PDeut4:47) Y heredaron a su tierra, y a tierra de 'ōg, rey del Bāšān, dos reyes de el 'Emorī que en parte de el Yardēn, ONDE esclareçe el sol / *"...cuyo país habían sometido así como el país de Og, rey del basan, dos reyes de los amorreos que había allende el Jordán, al naciente;"*

ERRATA

Onde se lê	Leia-se
p. 7 <i>Séfer hamaor</i>	<i>Séfer menorat hamaor</i>
p. 15 <i>Séfer lel hamaor</i>	<i>Séfer menorat hamaor</i>
p. 16 tipos sintáticos do	tipos sintáticos
p. 19 socio-historicamente	sócio-historicamente
p. 23 Nos exemplos (3) e (4)	Aos exemplos (3) e (4)
p. 24 espanhol moderno - ke DO e O	espanhol moderno - que DO, O, ADO e ONDA
p. 26 com a elisão de verbo <i>ser</i>	com a elisão do verbo copulativo
p. 27 a partir do século IV a.C.	a partir do século IV E. C.
p. 31 na língua materna	na língua materna dos imigrantes
p. 34 além da introdução encontrada os mesmos elementos hebraicos	Além do mais, na introdução os mesmos elementos do judeu-espanhol
p. 36 FAINGOLD(1993), no entanto, possui	FAINGOLD(1993) possui
p. 37 um dos fatores que mais contribuíam	um dos fatores que mais contribuiu
p. 38 <i>supposer qui' ils</i>	<i>supposer qu' ils</i>
p. 40 o quadro apresentado	o quadro por ele apresentado
p. 43 já que, além de <i>alef</i>	pelo fato de <i>alef</i>
p. 45 expressões calcas	expressões calcadas
p. 46 cópia do estilo hebraico	cópia da sintaxe hebraica
p. 52 <i>novelistas não eram literatos</i>	<i>novelistas não era de literatos</i>
p. 62 Em geral, esta substituição é representada	que, em geral é representado
p. 63 judeu-espanhol: <i>descreveremos</i>	judeu-espanhol, nos quais <i>descreveremos</i>
p. 73 NP completo	SN completo
p. 84 <i>hmamiezbeah</i>	<i>hammiz beah</i>
p. 88 trasforman	transforman
p. 90 muito calor	calor demais

- p. 91 há notado
- p. 92 Antes, porém
- p. 97 **en una grande cámara**
- p. 100 (N057/34)
(N090/32)
- p. 103 Encontram-se no *corpus*
- p. 105 seguido ou de um complemento
- p. 108 em todo o *corpus*
- p. 109 em nas Novelas
- p. 124 função ou de complemento locativo
- p. 130 ‘estar’ aparece elidido
- p. 131 uma única vez em (91)
em (89) e (90) o verbo ‘ser’
o verbo copulativo elidido
- p. 132 Em (93) e em (94)
em (94) não há antecedente
- p. 133 a oração relativa do exemplo (99) é
idêntica à do exemplo (98)
- p. 140 o verbo ‘ser/estar’ elidido
oração relativa com o verbo elidido
- p. 141 em hebraico o Tipo 4 (...) pode representar
- p. 144 o verbo elidido é a cópula
- p. 147 é sempre elidido
- p. 148 é de um complemento
- p. 149 complemento argumentativo
com o sentido ‘na casa de’
- ha notado
-
- en una cámara**
(S075/34)
(S090/32)
- Encontram-se no texto
seguido de um complemento
em todo o texto
nas novelas
função de complemento locativo
‘estar’ aparece subentendido
uma única vez em (87)
em (86) e (88) o verbo ‘ser’
o verbo copulativo subentendido
Em (89) e em (90)
em (89) não há antecedente
a oração relativa do exemplo (94) é
idêntica à do exemplo (93)
o verbo ‘ser/estar’ subentendido
oração interrogativa com o verbo
subentendido
- em hebraico LOC pode encabeçar
o verbo subentendido é a cópula
é sempre elidido ou subentendido
é um complemento
complemento argumentativo de lugar
com o sentido ‘na casa de’, ‘junto a’